REVISTA DA SEMANA

C... em todo o ...


BIBLIOTECA NACIONAL
Rio de Janeiro

NO TEXTO:

INGRID BERGMAN -- SANTA OU PECADORA ?

A VERDADE SÔBRE O ROMANCE COM ROSSELINI

ESTÁ À VENDA!

O ALMANAQUE EU SEI TUDO
PARA 1950

MARAVILHOSO LIVRO DE 400 PÁGINAS QUE PERMITIRÁ AO LEITOR

ESCOLHER O ASSUNTO DA SUA PREFERÊNCIA

Os 120 anos da benemérita Academia Nacional de Medicina ★ A vida de Alexandre Dumas (Pai) ★ O casamento entre diferentes povos e países ★ As maravilhas da natureza ★ Existe no mundo uma fotografia do Cristo ★ O culto dos animais no Egito ★ Caçando demônios com armadilhas ★ As Sete Maravilhas do Mundo ★ Não há muita diferença entre um suicídio e um assassínio.

AMPLIAR OS SEUS CONHECIMENTOS GERAIS

O "Câmbio", sua história e sua técnica ★ Morreremos de sêde? ★ A vida das estrêlas ★ Será fácil para você verificar se tem boa ou má estrêla ★ O simbolismo chinês ★ Que está acontecendo com a duração da nossa vida? ★ Curiosidades da Festa do Natal ★ Prestes a se esclarecer o mistério da vida?

CONHECER COISAS ÚTEIS EM QUALQUER TEMPO

Que quer dizer "Hurrah"? ★ Qual o peixe mais rápido? ★ As assinaturas nas obras de arte. Como conhecê-las? ★ Como cresce o seu filho? ★ Que foi a Atlântida? ★ Socorros urgentes para cortes, fraturas, queimaduras, estados de choque, etc. ★ As palavras e os seus significados ★ Significados dos nomes próprios ★ Origem de frases célebres ★ Curiosidades matemáticas ★ Falsos sinônimos ★ Vocabulário científico.

TER À SUA DISPOSIÇÃO TÔDAS AS INFORMAÇÕES SÔBRE O ANO

O ANO SANTO — Calendário das Festas Móveis até 2008 ★ Festas religiosas fixas ★ Concordância das principais Eras ★ Começos das Estações ★ Festas nacionais do Brasil ★ Festas continentais ★ O quadro das festas móveis ★ O Ano Agrícola ★ O Ano Aeronáutico ★ O Ano Artístico ★ O Ano Esportivo ★ O Ano Horoscópico ★ O Ano Científico ★ Tábua Lunar ★ Calendário Perpétuo ★ Tabela do nascimento e ocaso do Sol.

Uma comédia para o Teatro do Amador:
"PRIMEIRO ANIVERSÁRIO"

Um romance completo:
"SE A MOCIDADE SOUBESSE..."

E MAIS:

Curiosidades para todos os gostos
Os Campeões de 1949
Artigos especiais
Como é fácil saber tudo
Centenários de 1949
Cidades centenárias do Brasil
Os mortos do ano
Contos e Narrativas históricas
Desafios para sua inteligência
Páginas para seu recreio
Páginas de Arte
Viajando pelo mundo
Testes para a sua memória
Páginas infantis
Os nomes do ano
Retratos — Tricromias.

Encontra-se à venda em tôdas as bancas de jornais de tôdas as cidades do Brasil

PREÇO PARA TODO O BRASIL: CR$ 15,00 — PEDIDOS À

Cia. EDITORA AMERICANA

Pelo Reembolso Postal ou mediante Vale do Correio

RUA MARANGUAPE, 15 ★ RIO

O GRANDE DIA



REABRIRAM-SE as aulas e a cidade recuperou aquela fisionomia rumorosa, alegre e feliz de gente moça, estuante de vida. Voltaram os jovens às suas obrigações colegiais, depois das férias na serra, na praia, na fazenda ou mesmo em casa, junto aos parentes mais velhos. Não há mais rumores de Carnaval, e se faz calor pouco importa: somos um povo tropical onde a temperatura alta serve de estímulo e, em vez de dissolver, paradoxalmente renova as energias... Grande dia — o da volta às bancas da escola. O reencontro com as amizades do ano anterior, as confidências do que aconteceu nesses três meses de "vadiação", o "trote" nas calouras, a curiosidade em saber quem são os novos professôres — e se há algum "bonitão" simpático... — tudo isso enche de expectativa e contentamento a juventude. Essa gloriosa juventude que não sentiu ainda os contactos menos agradáveis da vida, e que por isso prolonga o seu sonho abençoado... Mas as aulas reabriram também para a garotinha assustada, nervosa, inquieta, que pela primeira vez vai frequentá-las. Guiada pela mão paterna, ela entra no Jardim da Infância, de olhos bem abertos para espiar tudo, de coração aos saltos. Vai viver um dia inesquecível. Nunca, nunca mais o esquecerá... Porque o primeiro dia de colégio fica marcado a letras de ouro. E' o prenúncio da vida. E' a grande emoção da infância, que o tempo há de repetir, nas outras fases marcantes da existência.



O RELÓGIO DE SOL

O professor de matemática sempre chega matemàticamente em cima da hora. Elas vão esperá-lo para ver "que tal a estampa", mas ficam em dúvida se o relógio de sol marca a hora de inverno ou verão. Seja qual fôr, é hora de começar a aula, meninas

E AS NORMALISTAS VOLTARAM...

O primeiro dia de aula ★ Saudades das férias... ★ Entre o estudo e o casamento, elas preferem os dois... ★ No jardim da infância ninguém liga para as datas ★ Aprendendo a brincar ★ O silêncio foi expulso do Instituto de Educação

Texto de CID BRASIL

Fotos de A. VIEIRA



TUDO E' NOVIDADE...

As emoções do primeiro dia de aula vão ser fortes. Sob o disfarce de u msorriso elas es-condem uma grande expectativa e procuram esquecer as preocupações de outra ordem. Agora é preciso estudar, porque mamãe recomendou o máximo aproveitamento e não fica bonito para uma jovem repetir o ano. Hoje são normalistas, amanhã serão professoras



MUITA ATENÇÃO!

— "Precisamos cuidar dos nossos deveres. Temos responsabilidade. Seremos professoras do Brasil de amanhã!"



ZE, CARIOCA — NORMALISTA!

e normalista honorário,, porque se fêz a mascote dêsse grrupo de "brotinhos". Zé Carioca dá sorte e recebe um sorriso geral. Em baixo: Elas esperam o "Gostosão", mas esclarecem: — "Estamos nos referindo ao ônibus"...



NO BEBEDOURO

Será rádio-ativa a água do Instituto? As normalistas são atômicas e procuram disfarçar a preocupação, sorrindo





TRABALHOS MANUAIS

Ela sorri para o trabalho que a professora lhe mandou preparar. Deve estar achando fácil, muito fácil mesmo!



JARDIM DE INFÂNCIA
Primeira aula — desenho. Um lápis, papel, e a imaginação corre por conta da criança. A professora deve possuir um que de sentimento maternal para cuidar dos alunos mais bisonhos. O fotógrafo bateu a chapa... e... susto geral!



COOPERAÇÃO
Desde cedo êles aprendem a trabalhar por equipe. Um só poderia armar o brinquedo, mas três o farão melhor. As crianças entretêm-se com o trabalho, fazem boas amizades e aprendem boas maneiras que os pais muito apreciam



BRINCANDO...
O gôsto pelos estudos, o amor ao colégio, a noção da cordialidade, aprendem brincando. Nos intervalos das aulas, têm um parque de diversões à sua disposição, com uma gangorra. De longe, a professora controla todos e tudo...

— "Ih! gente. Vamos depressa. Chegar atrasada no primeiro dia dá azar..." — e a jovenzinha bonita, vestida no seu uniforme azul marinho e branco, com a pasta embaixo do braço, impelindo a colega, apressou o passo em direção ao amplo portão de entrada do Instituto de Educação. Pouco adiante donde nossos ouvidos haviam captado a frase nervosa da normalista preocupada com o horário, em vez de duas, centenas de mocinhas, tôdas envergando o seu vistoso uniforme, se aglomeravam à porta do Instituto, aguardando a hora de entrar. Era o primeiro dia de aula de 1950. O dia das surprêsas, das longas histórias, das últimas novidades sôbre o namorado da amiguinha, o carnaval, o veraneio, enfim — a biografia dos três meses de férias escolares, quando todo o mundo estudantil deixa os livros após os duríssimos exames orais de fim de ano e a poeira substitue as sálas das meninas nos bancos escolares.

As amigas se abraçam efusivamente. Beijos cobrem as faces rosadas e brejeiras, sorrisos despontam de tôdos os lábios. A alegria impéra contágiando as outras jovens que a cada minuto que se passa vêm chegando. O primeiro dia de aula no Instituto de Educação, como em todos os colégios, é o dia de confraternização da estudantada. As preocupações só começam no dia seguinte... quando os professores já não admitem mais um "cochilo" e quando as ciências, a história, a geografia, o latim e a literatura passam realmente a ser os cartões de visita dos professores e têm que ser recebidos... Por que senão, no fim do ano, alguém irá triste para casa.

★

O portão se abriu e num instante a multidão de colegiais desapareceu da frente do imenso e conhecidíssimo prédio da Rua Mariz e Barros. E nós, que também para lá íamos com a intenção de ver o que as "meninas" fazem no primeiro dia de aula, entramos também. Com a diferença que tivemos que passar pela sala do diretor... (Se a entrada fôsse franca seria êste um dos mais apreciados passeios do Rio, pois, quanta moça bonita!). O prof. Mário de Brito nos atende com gentileza, e pilheria:

— Vocês chegaram tarde para a matrícula, mas se quiserem fazer uma reportagem lá dentro, ainda está em tempo... Explicou o mestre logo em seguida que as aulas do Instituto começam parceladamente, uma ou duas turmas por dia, a fim de evitar a balbúrdia que inevitavelmente envolveria o estabelecimento se fossem iniciadas na mesma ocasião para tôdas as suas cinco mil e tantas alunas matriculadas nos diversos cursos. Assim, tiveram início na segunda-feira, dia 13 do corrente, as aulas da primeira série do curso normal, ginasial e do jardim da infância outra modelar instituição que funciona no Instituto. No dia, seguinte, terça-feira, começou a frequência do 2.º ano ginasial e segundo normal e, dessa forma, sucessivamente, tôdas as séries do curso normal ginasial, grupo escolar (curso primário) e jardim da infância passaram a funcionar, dentro da mais perfeita ordem, estando, hoje, ou melhor, desde segunda-feira da semana passada, funcionando normalmente.

A vida escolar da cidade retomou assim, seu rítmo habitual. A alegria, o entusiasmo, o estudo, o barulho, expulsaram o silêncio e a quietude de dentro dos colégios; a mocidade ocupou o seu lugar no grande campo da batalha pela vida.

★

No jardim da infância do Instituto, mais de quinhentas crianças menores de sete anos de idade lotam as suas salas coloridas. Os "curumins", meninas e meninos, pretos e brancos, dividem-se pelas



Faz parte da educação das crianças, deixá-las entregues a si mesmas. Elas preferem rabiscar o quadro-negro



Maria Lúcia mostra pendores para a jardinagem, enchendo o vaso de margaridas, sob os olhares da professora



Elas mesmas plantam as mudas num canteiro e durante o ano cada uma terá de cuidar da sua flor predileta

sete salas especialmente adaptadas para o ensino pré-primário, onde aprendem tudo o que os pais não têm tempo de lhes ensinar em casa e aprimoram as noções que suas mamãezinhas já lhes deram. As salas do jardim da infância são pitorescamente pintadas de côres diferentes; uma é azul, outra amarela, rosa, verde, beje, laranja ou lilás; e os garotinhos se conhecem pela sala a que pertencem, em vez das "séries" dos cursos que seguirão mais tarde. Os próprios pais das crianças ou uma pessoa responsável, previamente credenciada, entrega-as ás professoras, ás 7.30 horas da manhã, e êles mesmo vão buscá-las na hora da saida. Como o número de crianças é grande, metade frequenta o turno da manhã e a outra metade, o da tarde. À hora da entrada ou saida, o portão do jardim da infância, que fica isolado do restante do Instituto, se enche de "papais", "mamãs" e "babás" que vão entregar ou recolher os garotinhos das mãos de suas professoras pacientes e atenciosas. O exército de d. Everilde, a diretora, apesar da idade e desenvolvimento liliputianos de seus soldados, é uma coisa admirável. As crianças aprendem tudo quanto possa lhes ser útil, seja de higiene, ocupações caseiras, convívio social. Aprendem a brincar, o que para elas é fundamental. E ninguém chora, exceto as professoras quando são transferidas para outros misteres por fôrça dos "manda-chuvas" municipais: nenhuma delas deixa, de bom grado, o convívio das "suas" criancinhas, bonecas a quem Deus deu vida.

Para os garôtos do jardim da infância, o primeiro dia de aula é igual aos outros. Os gurizinhos, meninos e meninas, pelo que observamos, se adaptam com uma facilidade extraordinária. Isto se explica: vivem num mundo sem etiquetas, nem preconceitos. Vestidos nos seus uniformes iguais, não se sabe qual o pobre ou rico, o belo e o feio. Êles se entendem e querem é brincar... Mesmo quando fazem as coisas mais sérias dão a impressão de que estão brincando. As professoras os ensinam e orientam. Os (Cont. na pág. 47)

Hora de recreio. Meninas e meninos brincam juntos. O último que passar nessa fila, será o "prisioneiro"



Preceitos de higiene são ministrados às crianças. Até a escovar os dentes elas aprendem, como vemos acima



Pronto... Acabou-se a aula e terminou o primeiro dia. Mamãe foi buscá-la — e como vai saber novidades!...



REVISTA DA SEMANA

ANO XLIX ★ Nº 12 ★ 25-3-50

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

PUBLICAÇAO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ..	Cr$ 140.00
Seis meses	Cr$ 70.00
Registrada — Um ano ...	Cr$ 170.00
Seis meses	Cr$ 85.00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 270.00
Seis meses	Cr$ 140.00

O número avulsto custa Cr$ 3.00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3.50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua Brigadeiro Tobias, 615, 2º andar, sala 217, tel. 6-6718

TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Êste número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

Diretor-Presidente:
GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário:
R. PEIXOTO DE ALENCAR

TELEFONES — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

A SEMANA EM REVISTA

CONGRESSO DE BRIGAS



Não. Não se trata de qualquer Congresso Legislativo daqui ou da Europa inquieta. O Congresso de que vamos tratar aqui é um que ia ser o primeiro no gênero: Congresso de Beleza.

Mas, como tudo neste mundo de hoje se baseia em economia e interêsses financeiros, o tal Primeiro Congresso de Beleza está provocando brigas, desarmonias, desentendimentos, o diabo a quatorze.

Quem nos diz isso é o sr. José Rodrigues dos Santos, ex-presidente do Sindicato dos Barbeiros, conforme divulgação feita por um dos nossos matutinos.

O conclave estava anunciado para os dias 26, 27 e 28 de março corrente e seria patrocinado por poderosa firma de São Paulo. Entretanto a dificuldade começou justamente por êsse aspecto comercial do Congresso.

Segundo muitos elementos de salões e lojas de cabeleireiros e barbeiros, a firma paulista não estava interessada pròpriamente no Congresso de Beleza e sim na publicidade de seus cosméticos e demais produtos especiais para cabelos de ambos os sexos.

Daí a grita do sindicato da classe contra as manobras políticas pessoais com objetivos exclusivamente comerciais. Terá razão o sr. José Rodrigues dos Santos?

Êle não afirma as coisas sem base, tanto assim que o Congresso de Beleza surgiu com cartazes sensacionalistas, afirmando que a finalidade do certame era para aperfeiçoar ou aprimorar a arte de transformar em bonitonas as Evas tatuadas pelo tempo, graças a pomadas e de práticas novas concebidas pelo gênio inventivo dos cabeleireiros.

Eis o motivo do barulho que despertou o Primeiro Congresso de Beleza... Uma beleza!

O TROTE



E' costume muito enraizado entre nossos estudantes o dar recepção aos calouros com o batismo do trote. Tradição inofensiva e jocosa, chega a constituir espetáculo exterior, quando os estudantes veteranos saem à rua em cortejos quase carnavalescos.

O povo acha graça e ri com as pilhérias exclusivamente dirigidas aos novos admitidos ao respectivo curso superior. O trote sempre foi uma espécie de recepção pilhérica aos que entram, oferecida pelos "velhos" das escolas superiores.

Aqui no Rio fizeram época os trotes da Faculdade de Medicina, de Engenharia e, ùltimamente, da Escola Nacional de Belas Artes que introduziu em seu programa de trotes até "charges" de natureza política. Entretanto, segundo noticiaram os nossos jornais, acaba de realizar-se um trote na Escola Preparatória de Cadetes de São Paulo revestido de tanta brutalidade que alguns calouros tiveram que ser hospitalizado. Acrescentam ainda outras notícias que os pais dos mesmos rapazes resolveram retirá-los do curso, visivelmente indignados com o ocorrido.

Não sabemos se há exagêro em tudo isso; mas, seja como fôr, seria digna de todos os louvores uma providência dos próprios estudantes superiores modificando êsses processos de trote, caso não lhes fôsse possível aboli-los de uma vez, substituindo por outros sistemas de recepção mais coerente com o estado de nossa evolução cultural.

O caso do trote se filia a certas "vinganças". E' que um calouro que sofre êste ano provas severas e até humilhantes, jura vingar-se no ano seguinte, quando, embora ainda "calouro enfeitado", já pode martirizar os novatos que entram... na lenha!

ONDA DE SUICÍDIO



Nestas páginas nos temos ocupado, constantemente, do alarmante fenômeno social do suicídio, que avança em sentido crescente nesta cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro.

Antigamente o recurso extremo do suicídio só se justificava — por absurdo, é claro! — em questões de honra, de estado passional agudo, invencível. Hoje, porém, o suicídio é registrado diante de fatos trivialíssimos, vulgar e até pueris.

Qual o motivo dessa decadência moral entre nosso povo? Ao que parece lavra na alma das massas uma desilusão horrenda da vida em face das suas dificuldades, recorrendo-se à auto-eliminação com a maior facilidade.

Já se morre até em virtude de dificuldades de casa para morar. Faz poucos dias uma senhora casada, mãe de dois ou três filhos menores, aflita, angustiada com a crise de habitação por que passava com os seus, atirou-se da janela do apartamento que tinha de entregar, suicidando-se. A causa fôra esta: não saber para onde ir com os filhos...

Há uma nevrose generalizada entre o nosso povo. O suicídio é praticado com uma desenvoltura esquisita e anormal. Seria conveniente que a Igreja Católica, os cultos protestantes, espíritas, a maçonaria, a imprensa, estações de rádio se mobilizassem numa campanha saneadora do espírito humano, combatendo êsse crime e apresentando argumentação moral e científica contra a prática do suicídio. À imprensa ainda deveria caber êste serviço: evitar a divulgação circunstanciada dêsses atos, para evitar a emulação entre os mais predispostos. Vejam o que sucedeu a uma doméstica que, pelo simples e futilíssimo motivo de ter seu marido chegado atrasado para o almôço, tentou o suicídio...

Mas será mesmo possível!?

O RAPTO DE HELENO



A posição de jogador de futebol no Brasil sob o sistema de profissionalismo já tem dado muito episódio curioso nos registros da vida de nossos esportes, mas nenhum se assemelha ao que acaba de verificar-se com o rapto de Heleno.

Já nos recuadíssimos tempos da antiguidade, cujas reminiscências se misturam com a mitologia grega, houve uma guerra de dez anos sòmente porque se verificou o rapto de Helena...

Tróia, cidade da Ásia Menor governada por Príamo, recebeu um dia, entre festas, a figura deslumbrante de beleza e mocidade, de uma mulher belíssima, espôsa de Menelau. Raptara-a o destemido Páris, ofuscado por sua beleza.

Mas Menelau não suportou a afronta e, reunindo seus mais sinceros amigos e o seu irmão Agamêmnon, saiu à frente de tropas aguerridas para libertar a bela Helena.

Mas Heitor, filho de Príamo, não era brincadeira. Organizou a defesa de Tróia e manteve fora de suas portas os soldados e generais de Sparta e a luta se prolongou pelo espaço de dez anos!

Contudo, à falta de aviões, de bombas atômicas ou de hidrogênio, de gases venenosos ou de tanques lança-chamas um dos generais do vingativo Menelau imaginou aquêle famoso cavalo de madeira.

O resto é simples: os espartanos tomaram Tróia e libertaram Helena, que, pelo tempo, já estava velha e feia... Aqui no Rio também tivemos um rapto sensacional, o de Heleno. Os nossos clubes não devem perder tempo e dinheiro para recuperar o "crack". Deixem o tempo agir. E quando êle voltar estará como Helena: imprestável.

A PERSONAGEM DA SEMANA

Sr. Afonso Pena Jr.

De tôdas as tentativas realizadas pelas fôrças políticas dos partidos integrantes do acôrdo interpartidário, com o fim de escolher-se um nome mineiro para a sucessão do presidente Eurico Gaspar Dutra, foi a última, na Mesa Redonda de Belo Horizonte, a que mais se aproximou de uma solução definitiva, com a apresentação do sr. Afonso Pena Júnior.

Desde muito vem o PSD ortodoxo sob a chefia do sr. Benedito Valadares, trabalhando para que saia de Minas o futuro condutor da nação, tendo mesmo conseguido, com o beneplácito do sr. Presidente da República, a indicação, entre outros nomes, do sr. Bias Fortes, escolha porém que não foi aceita pelos demais partidos e pela própria ala liberal do PSD montanhês.

Novos entendimentos com elementos dirigentes do PR, da UDN, e do PSD, tiveram lugar a fim de solucionar-se o impasse e encontrar-se um nome mineiro que reunisse a unanimidade dos votos dos líderes dêsses partidos.

Arrastou-se por meses a sugestão do governador de Minas Gerais, sem que fôsse possível a reunião da esperada Mesa Redonda, na Capital do Estado, até que, por fim, com a presença dos principais elementos do PR, UDN e PSD congregaram-se êsses líderes e discutiram o problema da escolha de um nome que obtivesse o apoio geral. Foi aí que o sr. Milton Campos sugeriu o nome do sr. Afonso Pena Júnior como possível candidato dos partidos nacionais.

Trata-se de um mineiro de grandes e brilhantes tradições no Estado, filho de um ex-presidente da República e homem de cultura, probidade reconhecida, já tendo ocupado cargos de alta responsabilidade em Minas e no Rio de Janeiro, inclusive o de ministro de Estado.

Advogado, professor de Direito, diretor de Bancos, espírito liberal e democrático, mantendo-se fora de competições políticas, o nome do sr. Afonso Pena Júnior encheu o noticiário dos jornais e quebrou a monotonia do ambiente político dêstes últimos meses, constituindo motivo de interêsse público.
No momento em que redigimos estas notas, se não resta dúvida que o nome do sr. Afonso Pena Júnior encheu, por assim dizer, a semana, não se sabe ao certo que volume de adesões poderá colher.

A sugestão do sr. Milton Campos se fêz em têrmos muito amplos: foi dirigida aos partidos nacionais em geral e focalizou o nome do ilustre brasileiro sr. Afonso Pena Junior, como que fugindo a qualquer sentimento ou preconceito regionalista.

AS DONAS DE CASA E O RACIONAMENTO DE ELETRICIDADE



— EU FICAREI MUITO PREJUDICADA?

— Não senhora. Muito pouco. De acôrdo com as normas estabelecidas, os consumidores domésticos têm direito a uma quota correspondente à média de luz consumida nos 12 mêses, até outubro de 1949.

— *Sendo assim, posso gastar o mesmo que antes?*

— Sim, mas, a senhora deve se esforçar para não consumir mais do que a sua quota, e si possível gastar menos ainda, pois, assim, estará cooperando para o bem da comunidade e praticando um áto patriótico.

— *Por que foi estábelecido o racionamento?*

— Para evitar crises desastrosas no futuro, causadas pela completa falta de eletricidade. Com êsse objetivo devemos acumular, nesta estação chuvosa, a maior quantidade d'água possível no reservatório de Lajes — cujo nivel está muito abaixo do necessário para ser utilizada durante o próximo periodo de estiagem.

— *E como poderemos cooperar?*

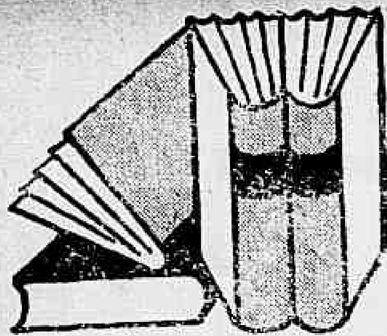
— Muito simples. Basta a senhora não deixar lâmpadas acêsas inùtilmente e fazer todo o possível para reduzir ao mínimo, o uso de aparelhos elétricos. Assim, além da senhora estar cooperando, verá as suas contas de luz diminuidas, no fim de cada mês, beneficiando a sua economia doméstica.

— *Realmente, o sr. tem razão.*

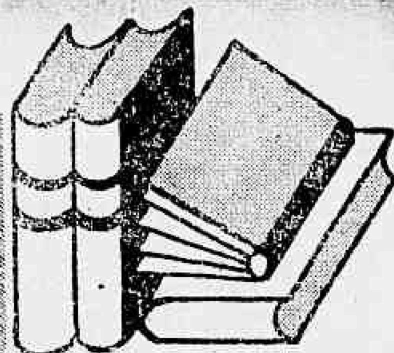
— Sim. Comparado com as medidas adotadas em outros países, o racionamento aqui é bastante suave e não causará prejuizos aos consumidores.



Standard



SEMANA LITERARIA



EDMUNDO LYS

SOMERSET MAUGHAM FURTOU UMA CANETA!

O último número do "Boletim" da S.B.A.T., transcreve esta interessante nota do "Diário Popular", de Lisboa:

"Na quinta - feira passada, ao princípio da tarde, um carro francês, de luxo discreto, atravessou a ponte que liga a fronteira luso - espanhola em Valença, entrou em território português e, depois de cumpridas as habituais e clássicas formalidades, foi parar, já no centro da simpática vila minhota, junto a um dos vários cambistas que ali têm os seus escritórios.

Somerset Maugham

De dentro saíram duas pessoas: um sujeito já idoso, de aparência distinta, e um companheiro, de meia idade. O motorista, francês, segurava respeitosamente na porta do caro, enquanto os dois "gentlemen" desciam. E tratava-se, precisamente, de dois "gentlemen", por serem inglêses e pela boa educação e afabilidade serena com que fizeram pouco depois, ao balcão, o seu câmbio.

Era preciso, evidentemente, fazer contas, verificar somas, calcular importâncias... O mais velho dos dois viajantesi porém, não trazia devidamente "carregada" a sua caneta com que pudesse conferir as várias quantias. E, naturalmente, pediu emprestada a "Parker 51" do empregado que o atendia.

Saíram pouco depois, o carro deslizou pela excelente estrada nova que leva de Valença a Braga, por Arcos de Valdevez, e dirigiram-se ao Bom Jesus do Monte. O mais idoso dos turistas, por certo, tomava de vez em quando apontamentos num "block-notes" e louvava a beleza da paisagem, tão diferente daquele ponto da Galiza, de onde vinham. E assim chegaram duas ou três horas depois, à velha cidade dos Arcebispos, às suas ruas orladas de casas antigas e que quiseram visitar com minúcia. Ao fim do dia subiram a montanha verde que leva ao Bom Jesus do Monte, mais bela ainda, agora, que as primeiras chuvas do outono próximo encharcaram as folhas sequiosas das árvores.

★

Entretanto, em Valença, algo de aborrecido se havia passado na existência pacata do empregado de cambista que atendera os dois estrangeiros: mal êles haviam desaparecido na primeira curva da estrada, deu pela falta da sua caneta-tinteiro. Uma "Parker 51" é sempre um objeto útil (o reclamo é gratuito e faz parte da notícia, para justificar a marcha dos acontecimentos), mas em Valença do Minho torna-se evidentemente, ainda mais preciosa, pois não é fácil adquirir canetas-tinteiro, como vinho verde, pesetas ou escudos! Mas que desfaçatez a daquele estrangeiro bem pôsto e de cabelos brancos! — pensou, com os seus botões contabilísticos, o cambista de Valença. — Sutilmente, como que não quer a coisa, agarra-se assim numa caneta alheia, mete-se no bolso e põe-se a andar... Mas, felizmente — (é sempre o cambista quem raciocina) — tem-no na mão, pois sabe onde se dirigiu!" E na esperança, que reputamos legítima, de reaver a sua excelente caneta, apressa-se a pedir uma chamada telefônica para as autoridades de Braga, dando parte do fato, e para os hotéis de Bom Jesus do Monte. Tuda fica a postos para capturar o autor do "roubo".

Não vamos transcrever mais. Resumimos, por falta deespaço.

Afinal, em Bom Jesus, localiza-se o autor do "furto". Perguntado se tem a caneta o cavalheiro responde afirmativamente, tira do bolso a caneta para entregá-la com suas desculpas, aproveitando-a ainda para preencher a ficha do hotel, onde escreve: nome — William Somerset Maugham; profissão — escritor; idade — 75 anos; residência — Vigo.

E aí está como o grande romancista se viu envolvido num casi de policia.

APONTAMENTOS CRÍTICOS

Apontamentos críticos, de Eduardo Tiscornia, muito interessantes. Vamos traduzir alguns, entre outros. Tomem nota.

★

Para que serve a palavra falada e escrita se não para afirmar categòricamente tudo o que é discutível?

★

Há sòmente dois tipos de linguagem: o que usa têrmos especializado se o que fala com palavras vulgares. O primeiro é muito precioso. Delimita exatamente o contôrno das coisas e fixa sua significação real. Mas costuma exigir maior concentração e resulta quase sempre muito maçante. O segundo é mais ameno, mais leve, mas dilui demasiado os conceitos. Fazer rodeios para dizer as coisas aumenta o processo de sua explicação e costuma deixá-las meio difusas.

★

O crítico deve alcançar a maior exatidão, na mais clara forma possível. Mas é um trabalho que leva muito tempo. modelar a própria linguagem na precisão e na harmonia ao mesmo tempo.

Que uma minoria seja a que percebe a beleza é um fato muito fácil de demonstrar. Em perceber a beleza há também uma parte mecânica, produto do "training". Do costume de observar, que não vai afinando os sentidos, mas, sim, sua possibilidade de perceber. Ouvindo muito, não chegamos a ter melhor ouvido, fisiològicamente falando, mas conseguimos ter mais consciência do que se escuta. Ouviremos o mesmo, mas captaremos muito mais. Ou seja, não afinamos nosso sistema condutor, senão perceptor do som. De modo que, embora crendo que todos têm igual capacidade inicial de perceber o belo, haveria sempre uma minoria que perceberia melhor. Porque a maioria se ocupa em outras tarefa se essa capacidade não seria trabalhada.

★

Que o que se afirma hoje esteja sujeito a que o neguemos amanhã, não importa, sempre que amanhã o negues sinceramente. Tudo deve estar sujeito a ser revisto, corrigido e substituído por elementos de julgamento desconhecidos quando o sustentávamos.

GOETHE, BEETHOVEN E SCHUBERT

GOETHE é um poeta que muito tem interessado à música. Grande parte de sua obra foi tratada pelos músicos. Só Schubert transpôs para as pautas setenta e dois poemas de Goethe.

Amava Goethe a música? Amava-a. Compreendia-a, aliás, genialmente. Beethoven prescrevia, para compreensão da essência da música, a posse do ritmo do espírito — ordem e proporção — qualidades que em alto grau dotaram o espírito de Goethe. Conhece-se o admirável pensamento do poeta sôbre a música: "Há na poesia algo de demoníaco, principalmente na que se faz inconscientemente. Não se dá o mesmo com a música: ela paira mais alto do que a razão e exerce sôbre nós uma ação que nos domina, sem que ninguém a possa justificar".



"... o mais puro conceito da música — aquela linguagem onde terminam as outras linguagens, aquêle tempo perpendicular aos corações que se fundem — de Rilke.

Apenas, Goethe não amou, nem compreendeu Beethoven e Schubert, que lhe foram tão devotados. Amava Mozart, de todos os músicos o seu preferido. Gostava da arte mozartiana, discreta e equilibrada. A Beethoven, que Mendelssohn debalde tentou fazer com que admirasse — reconhecia-lhe a grandeza, o melhor, a grandiosidade, mas não o sentia. Ouvindo-o declarava:

— Isso não comove; pasma apenas.

E acrescentava:

— E' grandioso desarrazoado: dir-se-ia que a casa vem abaixo.

Assim, aos dois grandes artistas contemporâneos faltaram afinidades eletivas — para usar a expressão gothiana. Enquanto o músico sentia o poeta na plenitude de seu proteico, ao poeta faltou simpatia pelo compositor extraordinário. Beethoven procurou Goethe, mas não se entenderam. O músico teve, de seu encontro com o poeta que admirara desde a infância, o poeta que sempre lhe pareceu "grande, majesto sempre em ré maior" — profunda decepção. Goethe nunca falou de Beethoven e não respondeu à sua segunda carta — a primeira de doze anos antes, fôra junto com "Egmont" — e essa segunda levava ao poeta os "Lieder", dizendo com afeto: "Quanto me seria agradável saber se consegui ligar coivenientemente minhas harmonias às vossas". E isso Beethoven nunca soube. Nem Goethe talvez.

Também Schubert, outro músico que consagrou a Goethe tantas e tão belas páginas musicais, não foi retribuído pelo poeta. Nada disse Goethe sôbre êsse genial admirador a que tanto iria dever a imortalidade de sua obra.

RECORDANDO PÉGUY

VINCENT Auriol com os presidentes Edouard Herriot e Monnerville, assistiu na Sorbonne, ante numeroso público, à cerimônia presidida por Yvon Delbos, ministro da Educação, organizada pela "Amitiè Charles Péguy", com o concurso da Direção de Artes e Letras para comemorar o cinqüentenário dos "Cahiers de la Quinzaine". O reitor da Universidade, Jean Sarraith, evocou Péguy, jornalista e universitário. Jules Isaac, amigo fiel de Peguy, evocou o inesquecível "capitão", o amigo, o exemplo que foi o fundador dos "Cahiers". André Rousseaux mostrou Péguy ante a liberdade do homem, em seu combate de vanguarda para que a todos os homens pertençam um mundo eleito. No final, Yvon Delbos sublinhou a coragem de Péguy, lutando contra tôdas as formas da tirania do espírito, denunciando a mentira sob todos os aspectos. Encerrou a cerimônia a audição de "Jeanne d'Arc", sinfonia de Maurice Jaubert sôbre palavras de Péguy.



LORENZO FERNANDEZ, POETA

Em entrevista concedida a um jornal de Lisboa, D. Helena Lorenzo Fernandez, viuva do saudoso compositor brasileiro fêz a interessante revelação que aqui transmitimos, transcrevendo:

"A propósito de Lorenzo Fernandez como compositor de música de câmara, a nossa ilustre entrevistada disse-nos que aquêle, apesar de ser um criador de grandes massas sinfônicas é também considerado um extraordinário compositor de canções populares, o que se compreende porque era, a par de músico brilhante, um espírito culto e apaixonado das coisas tão simples e tão belas, do povo.

— Deixou obra poética? — interrogamos.

— E' essa a grande revelação que guardei para o seu jornal, confirmou a Sra. D. Helena Lorenzo Fernandez.

O autor de "Zambampara" foi, também, um grande poeta, mas só a mim, sua companheira de tôdas as horas, o confessou, lendo-me os seus trabalhos. Depois da sua morte, julgando-me, naturalmente, suspeita para o apreciar sob êsse novo aspecto do seu talento artístico, consultei êsse grande espírito de poeta e grande amigo de Portugal que é Olegário Mariano e êle achou tão belos os versos de Lorenzo Fernandez que fêz um prefácio para o livro, absolutamente inédito, que quis vir editar em Portugal, lembrando-me do muito carinho que o artista sentia por êste país."

MONUMENTO A CLOVIS BEVILAQUA

Foi sancionado o decreto do Congresso construção do monumento a Clovis Bevilaqua, o grande mestre civilista que legou inestimável contribuição às nossas letras jurídicas.

HENRIQUE PONGETTI EM CARTAZ

Depois de alguns anos de ausência de nosso cartaz teatral, o escritor Henrique Pongetti retorna à cena, para um êxito invulgar, apresentado por Fernando de Barros no teatrinho do Copacabana Palace, com o original: "Amanhã, se não chover".

PRÊMIO FELIPE D'OLIVEIRA

O Prêmio Felipe d'Oliveira, para conjunto de obra literária, coube, êste ano, ao escritor Augusto Méier, com voto unânime dos membros da Sociedade Felipe d'Oliveira.

Nos anos anteriores o Prêmio Felipe d'Oliveira coube aos seguintes escritores: Manuel Bandeira, Graciliano Ramos, Lúcio Cardoso, Dionelio Machado e Carlos Drumond de Andrade.

ILUSTRADORES BRASILEIROS



Ilustração de SANTA ROSA, para um conto de Ventura Garcia Calderon

★

PEQUENOS POEMAS CHINESES

O LOUCO
(De Chang-Wu-Kien)

Com grandes gestos se perdeu na noite.
Parecia um segador de estrêlas.

★

NO CÉU
(De Cheng-Yo-Su)

No céu uma só nuvem,
no rio meu barco só.
Mas já desponta a lua
no céu e no rio.
E' menos sombrio o céu,
meu coração menos triste.

★

COMO A ÁGUA
(Anônimo)

Aberei-me ao Yang-Tse; me seduzia
a clara transparência de suas águas,
e quis aprisioná-las em minhas mãos
mas foi vã minha louca tentativa.

Hoje, também, tua beleza fascinou-me,
amoroso inclinei-me sôbre tua alma;
e quis aprisioná-la com meu carinho
mas ela era fugaz — era como a água!

★

A UM POETA

De RILKE

Para penetrar uma obra de arte, nada, aliás, pior do que as palavras da crítica, que apenas rondozem a mal-entendidos mais ou menos felizes.

★

Se o cotidiano lhe parecer pobre, não o acuse: acuse-se a si próprio de não ser bastante poeta para conseguir apropriar-se das suas riquezas.

★

Fuja dos grandes assuntos e aproveite os que o dia-a-dia lhe oferece. Diga as suas tristezas e os seus desejos, os pensamentos que afloram, a sua fé na beleza. Diga tudo isso com uma sinceridade íntima, calma e humilde.

★

Se tivesse de dizer com quem aprendi alguma coisa de Natureza criadora, das suas fontes e das suas leis eternas, apenas dois nomes poderia citar: o de Jacobsen, o grande, o grande poeta, e o de Augusto Rodin, êsse escultor sem rival entre todos os artistas de hoje.

★

Leia o menor número possível de trabalhos críticos ou estéticos. Ou são produtos de um espírito de grupo, petrificados, privados do sentido no seu endurecimento sem vida, ou hábeis jogos verbais. Um dia, uma opinião faz lei; no dia seguinte, a opinião contrária. As obras de arte são de uma solidão infinita: para as abordar, nada pior do que a crítica. Só o amor pode prendê-las, conservá-las, ser justo para elas. Dê sempre razão ao seu próprio sentimento, contra essas análises, êsses resumos, essas introduções.

FORA DO PRELO



ESPÊLHO ESCONDIDO

Eis aqui um livro de poemas que realmente significa alguma coisa: "Espêlho escondido", de Lydia de Alencastro Graça — edição Alvorada — dez tristes e belos poemas que revelam uma nova e forte manifestação de talento poético.

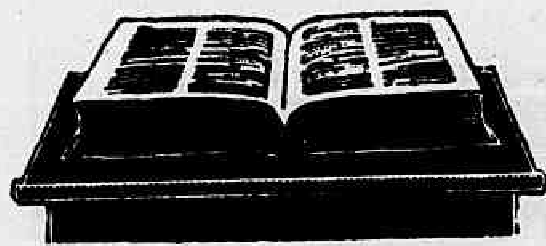
Lydia de Alencastro Graça não nos vem contar com artificialismo e coqueteria, a longa história de um amor mais ou menos infeliz, como as moças que fazem versos. Ela tem algo melhor e mais significativo para nos dizer, e nos diz, como se tirasse as palavras e a voz da própria alma e do próprio corpo, como flores de carne e de espírito que fôsse despetalando no fundo da grande tarde de sua grande e grave tristeza. Poesia melancólica, de tonalidade elegíaca, esta, como denunciando uma sensibilidade exagerada que, no entanto, busca uma serenidade a todo preço, sofrendo mais, no seu pranto contido, na sua calma lacustre que é apenas de superfície. E que por essa discrição da dor ainda é mais amarga, nos penetra, nos compunge e aflige muito mais.

A poesia é incomunicável — está num verso de Drummond. Apenas podemos senti-la. Devemos senti-la, através do poeta, de sua técnica, de sua retórica de seu vocabulário. Ou sentimos essa determinada poesia, de determinado poeta — ou nada vale sua técnica, seus atributos literários. Por isso, a técnica é secundária. Por isso os melhores acabamentos formais podem não nos conduzir a "uma" poesia.

Criar o seu ritmo livremente — foi um postulado do poeta modernista, lançado com "Tôda América", de Ronald de Carvalho. Quer dizer que o ritmo não pode superpor-se à substância poética. Que antes cada poeta deve criar livremente as formas convenientes à sua poesia.

Estas considerações são oportunas aqui. Lydia de Alencastro Graça já se apresenta nesta obra de estréia — porque evidentemente se trata de uma estréia — liberta das formas tradicionais do verso, vasando sua inspiração em ritmos novos, de musicalidade extraordinária, com uma riqueza de vocabulário e de gramática poética que confirmam seu temperamento, fazendo dela uma artista do verso. E seus poemas são simples, sentidos, de uma calma dolente e acerba, na sua música um pouco vaga e de entre-tons imprecisos, de prodigiosa sugestão.

Dêste livro onde tôdas as páginas estão impregnadas do mistério da poesia, onde há gestos, astros, sombras e rosas, não podemos deixar de transcrever êste admirável



POEMA DA MULHER SÒZINHA

Nada me ilumina agora que estou sò
[zinha
e marcho sem ter medo, e falo entre
[sombras
como se as palavras se ignorassem.

Entre a luz e a sombra, há grandes
[coisas claras
que falam de outros tempos, de uma
[infância
atrás do mar, de uma chuva durante
[a solidão

Atrás da sombra e da luz, como se fôsse
[o mar, existe
um muro que me observa e me chama.
[Rodeia-me
a solidão espreitada e as rosas de todos
[os domingos
desabrocham perto de mim, crivando-me
[em seu espanto.

Agora posso cantar. Posso cantar des-
[perta, e a indisciplina
de meus cabelos governará a ventania.
[Agora posso cantar
para os navios que passam, para as
[crianças que brincam.
Agora posso cantar como se fôsse mor-
[rer assim que se restaurasse o silêncio.

E' sem dúvida um estranho e emocionante poema êste, cujos versos possuem um sôpro ardente de libertação sem gritos, sem exclamações, numa forma condensada e contida. E assim são tôdas as páginas de "Espêlho escondido" — uma segura afirmação de poesia nova e forte.

E' PRIMAVERA... ESCUTA

Maria Teresa de Andrade Cunha é outra poetisa cuja estréia recente, através dos versos dêste livro — "É Primavera... Escuta" — foi justamente bem recebida.

Cultora das formas tradicionais da artinha poética, exímia em metrificação, sabendo quase todos os segredos do rimário, Maria Teresa receberá certamente, como o elogio que representam,



estas palavras de louvor à sua técnica. E' aquela "perenidade do lirismo" — de que no outro dia falou Murilo Mendes — não depende essencialmente do soneto, para acontecer. Assim, possuindo na verdade tanta seiva lírica Maria Teresa bem que podia desprezar os fáceis recursos das chaves-de-ouro e das rimas ricas para embelezar seus versos.

Nosso liberalismo, em matéria literária, não se compadece, porém, com exclusivismos. E se antes elogiamos sem restrições, "Espêlho escondido", de Lydia de Alencastro Graça, aqui citamos, elogiando, agora com algumas restrições, o livro de Maria Teresa.

Lírica, amorosa, apaixonada é a poesia de Maria Teresa. Muitas vêzes ela força um pouco o pensamento e a imagem, por amor à forma clássica. No geral, entretanto, é espontânea, simples e comovida. Muitos de seus versos são sinceramente sentidos e bem escritos. Até sonetos esta moça sabe fazer, sem as indecisões da totalidade de nossos bardos estreantes.

Seu lirismo tem uma tonalidade agridoce, como convém às almas adolescentes. Aqui e ali, porém, uma notação, mais forte mostra que esta neta de Bilac, em poesia, herdou do avô parnasiano os arroubos sensualistas que sabe vasar em imagens discretas, em versos com som e calor de beijos.

Sem o desespero nevrosado da musa de Florbela Espanca, eis que esta poesia se parece um pouco com a da suicida de "Princesa Desalento". E' uma figura feminina contemporânea, também com a mestria do soneto e de temperamento lírico-sensual, com a qual a jovem Maria Teresa se parece bastante.

Como no soneto "Ao vento", que começa assim:

"Perfumei com essências do Oriente
A minha cabeleira sôlta e escura..."

Seria realmente uma afinidade — ou será a música do decassílabo, a temática apaixonada que nos fazem encontrar semelhanças? O certo é que os versos de Maria Teresa nos lembram muito os poemas de Florbela. Como, ainda, no soneto "Angústia", que assim se encerra:

"Medo de mim, medo da morte. Mudo,
Um medo atroz de todos e de tudo,
Amargurando a minha mocidade..."

E' oportuno lembrar que, como Florbela, a infeliz poetisa do amor e do desespêro — Maria Teresa fere de preferência as notas dolorosas da paixão do amor e sabe transmitir sua emoção. Ainda como Florbela, fixa sua poesia de preferência nos sonetos, adota os versos frouxos como que langurosos e sofridos e, por um grande respeito à tradição, grafa em maiúsculas as iniciais de cada verso.

Para que os leitores tenham uma idéia mais nítida da poesia de Maria Teresa, aqui transcrevemos um de seus sonetos:

A PAREDE

Encantou-me a beleza, muda e estranha
Dessa parede muito branca e nua,
Que, impassível, as horas acompanha
Olhando a vida, olhando o céu, a rua...

Nas noites de luar, tôda se banha
Na suavíssima e tênue luz da lua;
E quando o sol se eleva na montanha
Tôda ela se acende, e abrasa, e estua!

Nos dias de esplendor da primavera,
Nunca sonhou com lindas trepadeiras;
Mas, — inda lembra — uma árvore
[ensombrou-a.

E' simples; nada pede, nada espera;
...Se chove, chora o pranto das go-
[teiras...
E' nua e branca como uma alma boa!...

Há páginas melhores, entre outras menos felizes, no livro de Maria Teresa, cujo título não foi bem achado e cuja obra gráfica deixa muito a desejar. Queremos reafirmar à autora que sua poesia é simpática e tocante, consubstanciado nosso aprêço na lembrança que ela nos trouxe da grande lírica portuguêsa de nossa particular afeição.

OUTROS LIVROS

Na "Coleção Poesia Viva" apareceu o volume "Cantigas", de Noelini Souza (editor V. P. Brumlik, Rio).

Versos, versos de amor, confidentes e enternecidos, escritos com o encantado maravilhamento com que pode cantar uma menina-e-moça, confessando no título de um poema: "Meu coração é como a sensitiva". Há muita doçura, muita emoção através destas páginas de tão comunicativo enternecimento, de versos tão singelos, leves como carícias.



A TERRA QUE REGREDIU

Tucuruí, outrora Alcobaça, está hoje transformada num burgo em decadência. A Estra de Ferro continua aguardando que a levem para outras terras ou prolonguem suas linhas. Tudo ali regrediu assustadoramente. A população vive da ferrovia. A castanha deixou de ser o "ouro pardo". Plantar, ninguém se atreve, porque o temido Paracanã está sempre alerta. Êle é o dono da região. Vai até perto da cidade e coloca seus moradores em pânico. Não há rifle que faça recuar o índio. As chacinas ali têm sido constantes

OS ÍNDIOS PARACANÃ VIVEM EM GUERRA PERMANENTE

Uma Estrada de Ferro que caminhou entre flechas e endemias ★ Milhares de vidas foram tragadas ★ O engenheiro que tentou liquidar até a última taba ★ Os garimpos e os romances de aventuras ★ Quinhentas flechas foram encontradas depois de um cêrco ★ O fausto imperou ao lado do crime

Reportagem de GERALDO PALMEIRA

ESTRADA?

Sim, estrada, mas só se vem a saber que aí está um trecho da mesma porque o mato ainda consente a passagem dos trens. Mas os trilhos desapareceram cobertos pelas selvas, que tudo vão dominando. E a qualquer momento pode aparecer um índio...

TUCURUÍ, outrora Alcobaça, é um burgo em completa decadência. Vegeta à margem esquerda do "baixo" Tocantins, sôbre um barranco comido pelas enchentes do rio, tendo algumas casas e o título pomposo de cidade Sua vida está ligada ao "ouro pardo" — a castanha do Pará. Surgiu, como tudo na Amazônia, da alta efêmera de um produto extrativo. Um dia a castanha deu dinheiro. Cada hectolitro representava algumas libras esterlinas, além da vida de um homem, tombado pelas flechas dos valentes Paracanã, pelas balas do rifle do patrão, ou ainda pelas endemias traiçoeiras.

Quando a notícia da alta da castanha correu pelos castanhais, soprando em todos os sentidos, surgiram os primeiros donos daquelas matas, até então palmilhadas pelos índios Paracanã. Os mais sabidos, ou melhor, os protegidos à sombra dos governos, requereram as melhores áreas ou se apossaram como os primeiros donatários. Passaram a "aviar" dezenas de homens que despachavam às matas. Ali, quase sempre, encontravam a morte. O impaludismo e os silvícolas, depois da escravidão do patrão, seus maiores inimigos. Isso até hoje tem como palco a região amazônica. O castanheiro e o seringueiro têm o mesmo destino. São irmãos xipófagos do mesmo drama.

O "ouro pardo" também trouxe o ódio entre os poderosos. Até hoje êles lutam. Todos os anos uma batalha se trava, principalmente quando os governos mudam. Êstes fazem dos castanhais uma arma política. Cada requerimento despachado favoràvelmente significa uma centena de eleitores.

★

O garimpo também influenciou no destino dêsse burgo. Mais acima, no chamado "médio" Tocantins, o diamante florava de maneira miraculosa, atraindo milhares de criaturas. Povoados foram surgindo. Cada nome tem a mesmíssima história. Jacundá, por exemplo, hoje é apenas a sombra do passado. Naquela nesga de terra muitos romances de aventura foram escritos. Muita gente morreu tomando purgante, bastava o dono do garimpo desconfiar que uma pedra preciosa tinha sido guardada no estômago. O fausto imperou ao lado do crime.

Mulheres das grandes metrópoles subiram e desceram as cachoeiras. Os casinos foram improvisados. As garrafas de whiskey desciam das prateleiras sob o certeiro tiro de um 38 duplo. A sêda era o pano usado no diário. Muitas mulheres voltaram com a vida feita, outras ficaram, atingidas por um tiro ciumento ou pela sezão braba.. Outras ainda vivem nas margens do rio, fazendo de sua miséria orgânica instrumento de recordação.

A fôrça da castanha está em Marabá, outra cidade que teve sua fisionomia alterada pelo "ouro pardo" e pelos garimpos. Dizem que nas matas de Tucuruí há muitos castanhais, no entanto, o Paracanã está vigilante e atento na defesa de suas riquezas.

Marabá vegeta com o "médio" Tocantins, depois de Carolina, é a mais adiantada cidade que margeia o rio. Sua posição geográfica, porém, é péssima, uma vez que sofre os rigores das enchentes. Quando as águas tufam suas casas dormem dentro do rio. Mas não podia fugir à lei da hereditariedade. Como suas irmãs, nasceu da contingência econômica, é fruto da ambição e da aventura humana. Vive separada de Tucuruí pelas cachoeiras. Itaboca, Capitariguara e outras assinalam esta separação.

Alcobaça, hoje Tucuruí, foi improvisada em "cabeça-de-ponte". Era preciso contornar a primeira série de cachoeiras, para melhor escoar a riqueza. No Tocantins existem vários "descarretos". São pontos em que os "Motores" descarregam e carregam suas cargas. Antes do "Motor" passar as cachoeiras, a carga desce e é transportada em caminhões pelas variantes que contornam êsses obstáculos.

★

De Belém, capital do Pará, até o pôrto de Tucuruí o rio está salvo das cachoeiras. No verão, entretanto, várias praias aparecem nesse trecho, a navegação não é interrompida. Navios de pequenos calados sulcam suas águas.

O Tocantins, na descida, vem entre serras ou montes que descem do Planalto Central. Ela corre numa calha que êle mesmo abriu depois de séculos de titânica luta.

★

Uma Estrada de Ferro surgiu para contornar as primeiras cachoeiras. Ela iria até a Praia da Rainha, partindo de Tucuruí. Os "gaiolas" viriam de Belém buscar a riqueza que ela transportasse, vinda de Marabá e de outras cidades. Para o "alto" Tocantins o babaçu floresce em abundância. O "espichado", no norte de Goiás, dá em toneladas.

Da Praia da Rainha os "Motores" voltariam, principalmente nos meses de verão, quando o rio seca, deixando as cachoeiras bem descobertas.

A Estrada caminhou por entre a floresta, as endemias e as flechas dos aguerridos Paracanã. Caminhou e parou, não foi até o fim. Seus dormentes e trilhos foram assentados em cima de milhares de vidas. As febres palustres matavam aos montes. O índio também ajudava a sezão. Até hoje algumas cruzes contam algo dessa aventura. Muitas são novas, porque o Paracanã e as febres ainda reinam na região.

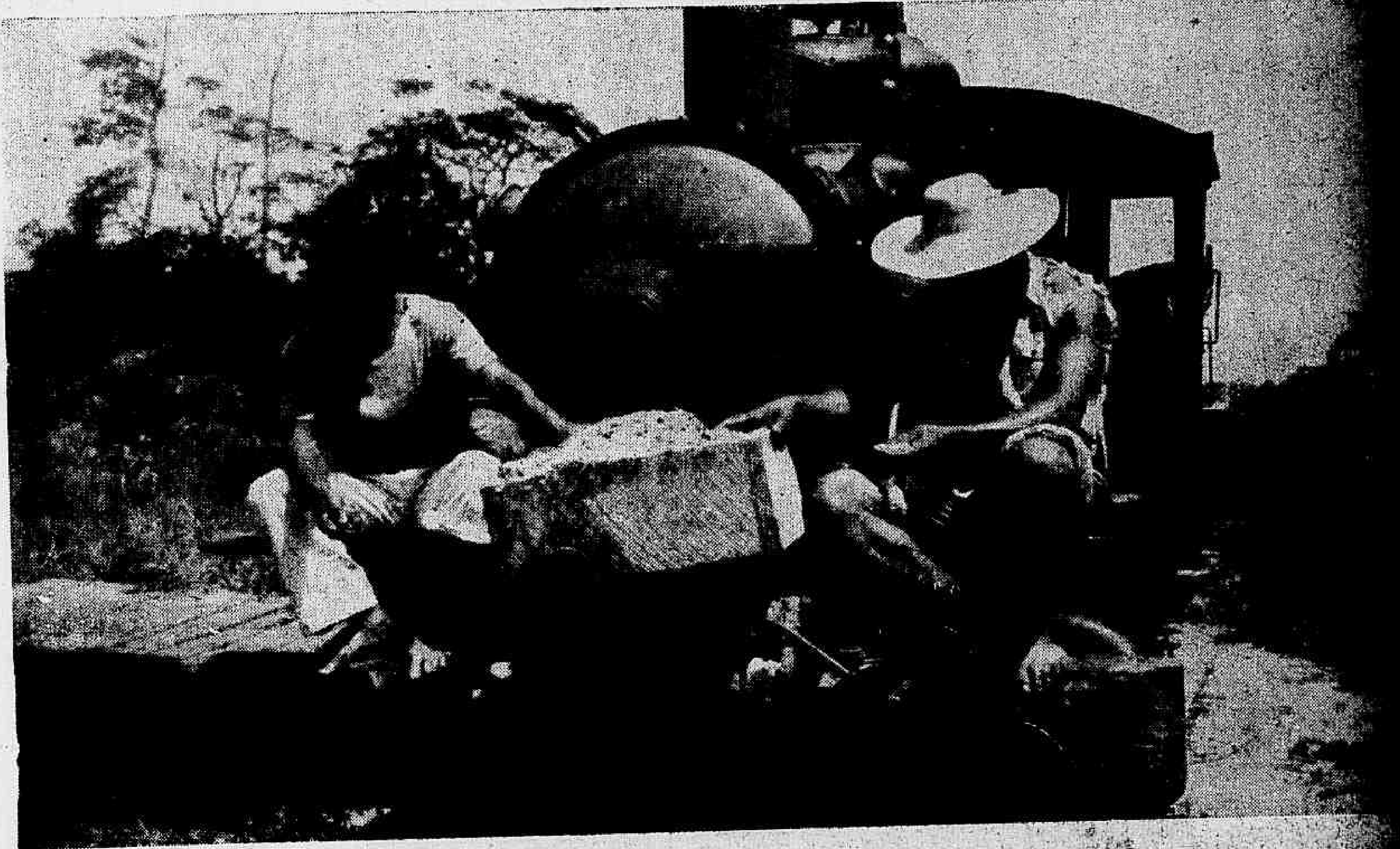
A sêca do nordeste canalizava os homens para a construção da Estrada e para a morte. Muitas levas ficaram. Poucas as que voltaram, assim mesmo reduzidíssimas. Alguns ficaram empregados no serviço da ferrovia. O barranco foi tomando ares de cidade. O trem já apitava no meio da selva, para muitos era uma nova etapa na história da Amazônia. As terras por onde os trilhos passam são férteis. Fertilíssimas foram as da Estrada de Ferro de Bragança, hoje transformadas em capoeira rala, ocupando a mata de outrora.

Mas Alcobaça, naquela época, crescia. O preço da castanha em-



EM PE' DE GUERRA

Os trens andam em pé de guerra naquela região. A gravura mostra dois empregados da Tocantins, armados de fuzis, dispostos a aparar os golpes inesperados. Por isso mesmo a velocidade tem de ser reduzida e êsses homens contam sempre com uma surprêsa não muito agradável. Trabalho de heróis, que não sabem se voltarão para casa ilesos, depois de um dia estafante de serviço árduo



AREIA NOS TRILHOS

O trem só anda depois que os trilhos recebem areia e os guarda-freios, de longe em longe, [illegible] baixo: Funcionários do Serviço de Proteção aos [illegible] índios Paracanãs compreendem [illegible] coisa [illegible]



purrava dezenas de "Motores" para ali, enquanto os dormentes iam andando. Com sacrifício enorme a tripulação dos "Motores" atravessava as cachoeiras. Para êles aquilo seria eterno. Cada um sabia, de antemão, que a estrada não chegaria ao fim. O risco maior era o carregamento. A vida de cada tripulante estava ligada as "corredeiras". Ninguém, até hoje, lamenta um companheiro que é devorado pelas pedras. E' difícil um "Motor" acabar fora das cachoeiras.

★

Era uma festa chegar em Alcobaça. Ali êles iam passar umas noites felizes. Cada um ia rever sua amada. Um cassino foi improvisado. Mulheres de Belém, dos garimpos que iam perdendo a opulência, e de outras cidades corriam para lá. Os homens dos "Motores" pagavam bem, os proprietários dos castanhais e os conpradores de castanhas ainda pagavam melhor. Alcobaça ganhava fama em todo o Tocantins. Seu nome corria por todo o norte de Goiás. Até em Minas Gerais se falava de suas mulheres e de suas febres.

Hoje Alcobaça é Tucuruí, regride assustadoramente. A Estrada de Ferro continua aguardando que a levem para outras terras ou prolonguem suas linhas férreas. De vez em quando dão-lhe um sôpro de vida. Remetem para lá uns engenheiros do asfalto que cometem os maiores desatinos. Toneladas de material foram vendidos e toneladas de cruzeiros foram comidos. Agora o destino da ferrovia está sob as mãos da Fundação Brasil Central, e administrada por um topógrafo ou agrônomo. Seus empregados estão atrasados. Estão "pendurados" nos comerciantes, êsses por sua vez o estão na direção da Estrada.

A população vive da ferrovia. A castanha deixou de ser o "ouro pardo". Plantar ninguém se atreve porque o temido Paracanã está sempre alerta. Êle é dono daquela região. Vem até perto da cidade, colocando seus moradores em pânico. Não há rifle "44" que o faça recuar. Êle poderia colaborar com o "cristão", entretanto, tem sido vítima das mais desumanas chacinas.

Há dois nomes que passaram por ali provocando ojerisa ao índio. Sargento Regis e o engenheiro Teles, êste mandado por João Alberto para administrar a Estrada. O primeiro matou muitos índios. Era considerado como o único homem que impunha medo ao Paracanã. Seu nome corria na bôca da cidade. Os silvícolas conheciam até onde ia sua maldade. Sabiam que o sargento reformado da Polícia Militar só tratava com índio à bala. Era essa a sua linguagem. Várias vêzes os silvícolas preparavam várias ciladas, queriam pegar vivo o seu maior inimigo. Regis usava de tôdas



FLECHAS E PRESENTES

Ao alto, algumas das flechas lançadas pelos Paracanã ao Pôsto Pucuruí, do Serviço de Proteção aos Índios, no quilômetro 67. Em baixo, presentes para êsses índios, distribuídos pelos trabalhadores, com o propósito de atrair e cativar a simpatia dos silvícolas. Mas nem sempre essas lembranças amáveis dão resultado, porque os índios guardam os presentes recebidos e continuam hostis





UM TREM NAS SELVAS

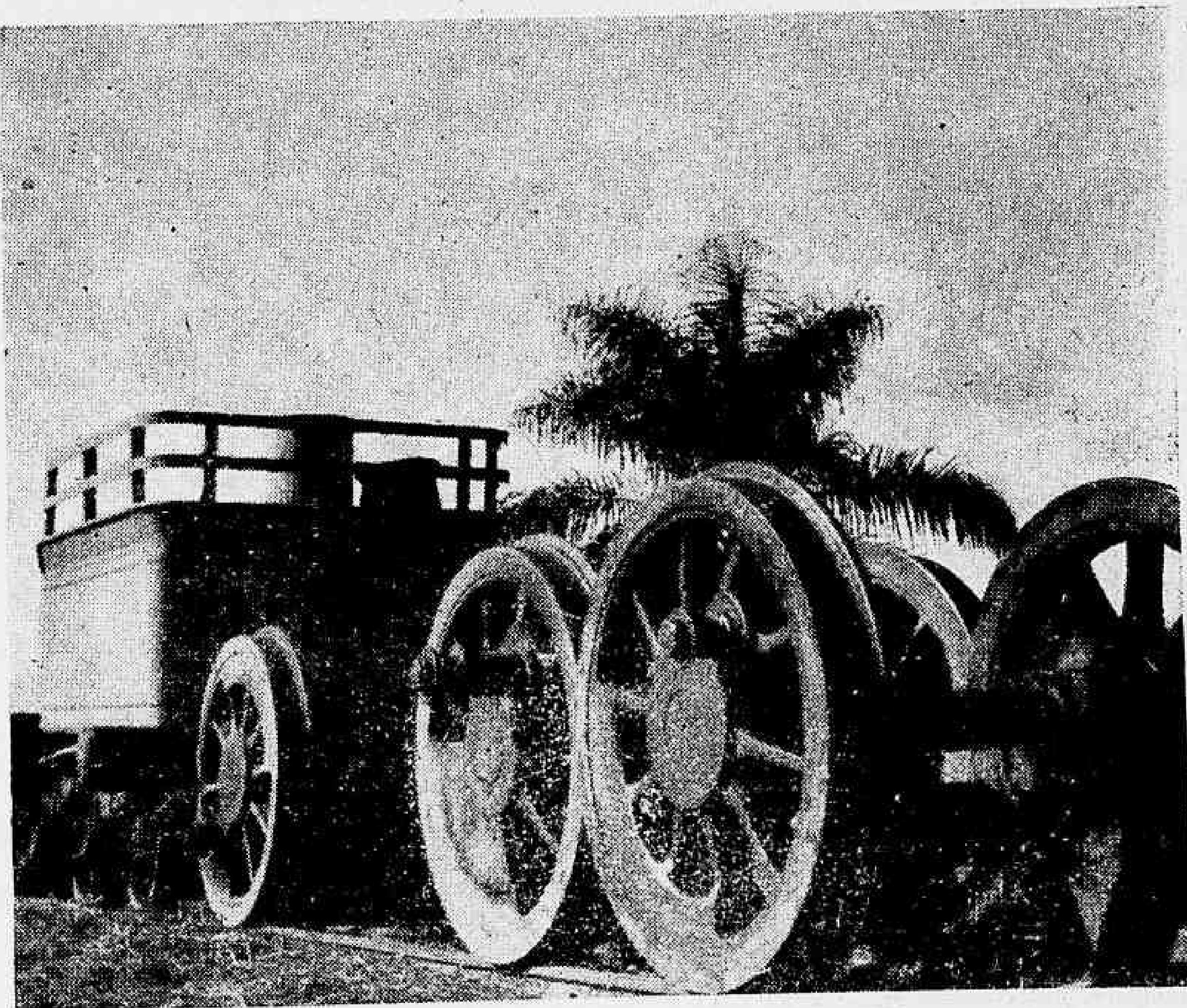
Mesmo que pareça mentira, o que a gravura nos mostra é o trem, em plena selva, rasgando as matas. Essa composição foi buscar um das vítimas do Paracanã, fato, aliás, frequente.. A estrada férrea caminhou por entre a floresta, as endemias e as flechas dos silvícolas. Caminhou mas parou, não indo até ao fim. Seus dormentes e trilhos foram assentados em milhares de vidas. As febres palustres matavam aos montões e o índio também ajudava a sezão. Cruzes aparecem de longe em longe, margeando a estrada

as precauções. Jamais abandonara o rifle. Sempre dois companheiros seguiam seus pasos. Mesmo assim um dia, numa festa, Regis compareceu. Os índios cercaram a casa. Várias pessoas foram atravessadas pelas setas dos temíveis índios. O sargento ficou só. Entrincheirou-se e defendeu-se como um leão. Só foi salvo porque o refôrço chegou a tempo. Sua munição estava esgotada. Quinhentas flechas foram contadas, alguns feridos e outros mortos.

O ódio do Paracanã aumentou. Até hoje não quis nenhum contacto com o civilizado. Jamais deixou no combate um companheiro morto. Carrega-o às costas. Leva-o para as aldeias.

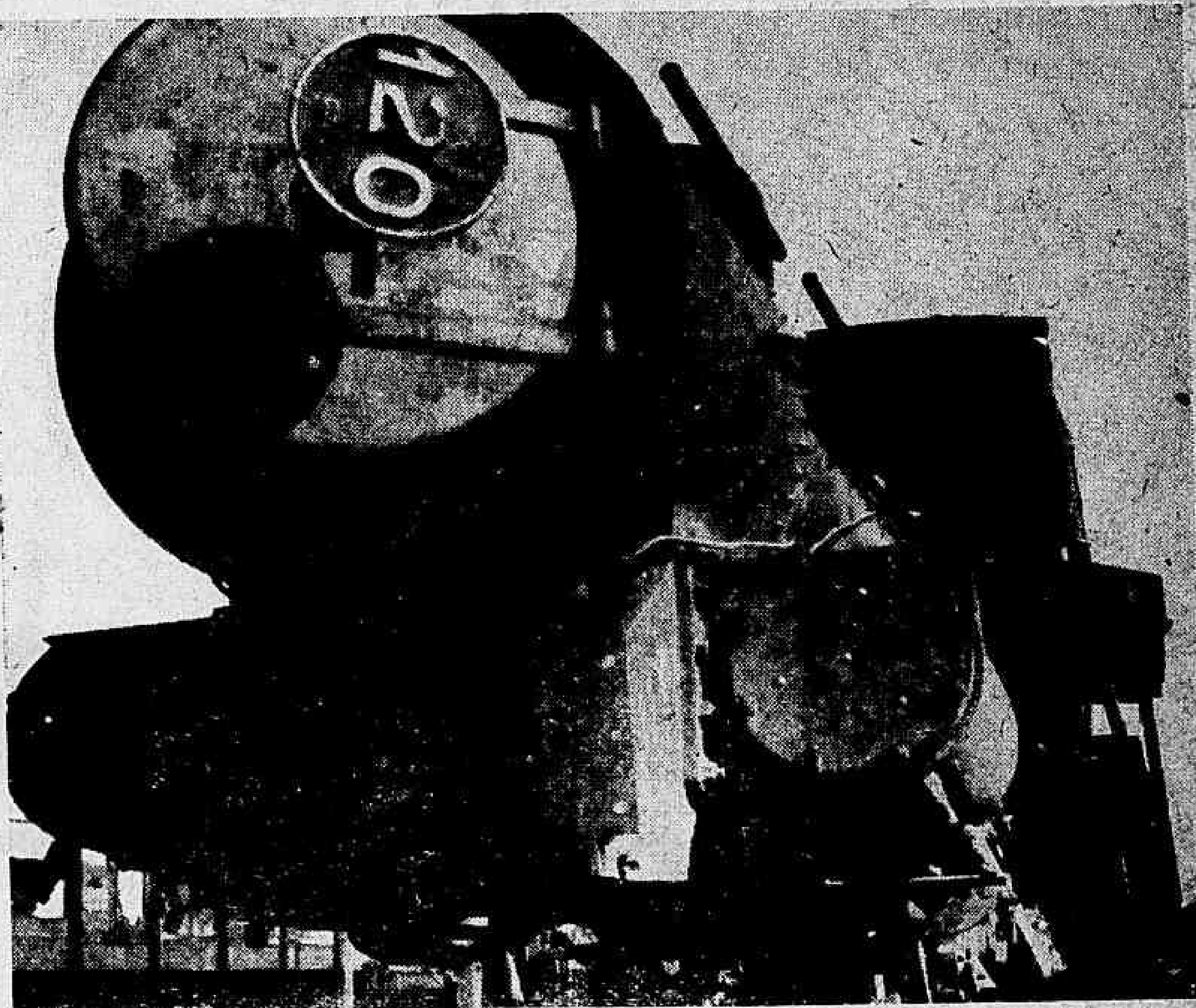
O engenheiro Teles, conhecido por suas extravagâncias, um dia preparou uma expedição com o fito de destruir até a última taba do Paracanã. Até metralhadoras e granadas de mão os expedicionários levaram. Vários dias e noites os comandados de Teles levaram no rastro dos silvícolas. Quando mais avançavam sentiam o calafrio da morte. Vozes por todos os lados eram ouvidas. Ruídos. Sinais iam ficando pelo caminho. Acovardados regressaram, antes, porém, desfecharam cerrado tiroteio em todos os sentidos.

Com o tempo veio a represália. De vez em quando cai um cossaco da Estrada ou um morador que habita à margem esquerda da linha férrea. Jamais perdoarão seus perseguidores. São donos absolutos daquelas terras. Vivem em guerra permanente contra o invasor.



"CEMITÉRIO"

Parte do "cemitério" do acervo da Estrada de Ferro Tocantins entregue à Fundação Brasil Central. Muito material igual a êsse ali se encontra, ao abandono, enferrujado, sem utilidade, quando poderia dar grande rendimento se outra fôsse a orientação



FERRO VELHO

Uma possante locomotiva sem os rodados, arrancados talvez para uma negociata de "ferro velho", comum nesse esquecido pedaço de Brasil. Material adquirido com o propósito de fazer ampla penetração no "hinterland", jogado ao azar de triste sorte...

INGRID BERGMAN - SANTA OU PECADORA?

A VERDADE SOBRE O ROMANCE COM ROSSELLINI



PORQUE A ESTRÊLA SUECA DECIDIU ABANDONAR HOLLYWOOD ★ COMO SURGIU SEU ROMANCE COM ROSSELLINI ★ JOANA D'ARC E A MULHER QUE PECOU POR AMOR ★ MÃE PELA SEGUNDA VEZ ★ ROSSELLINI PARALISOU A FILMAGEM DA VIDA DE SÃO FRANCISCO PARA VOLTAR À VILLA MARGHERITA ★ COM FLORES E CARINHO, O POVO ROMANO MANIFESTOU SUA SIMPATIA

Texto de SABINO CANALINI



Após o nascimento do pequeno Roberto, a artista preocupa-se pelo seu estado. Enquanto isso, dizem, na América, que as portas do cinema fecharam-se para ela

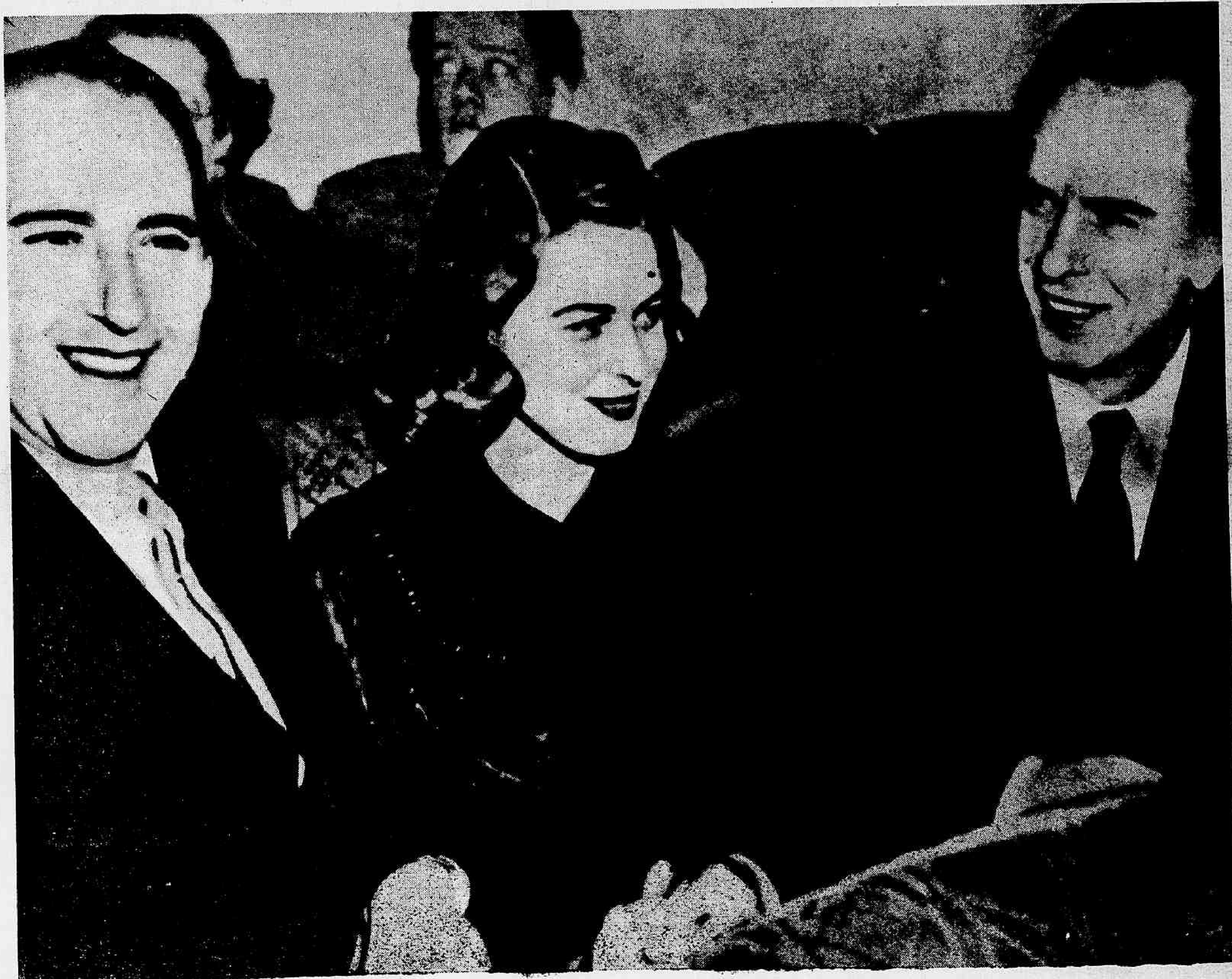
— EU sentia necessidade de sair de Hollywood. Precisava descobrir alguma coisa diferente. Estava mesmo disposta a arriscar a vida para tentar algo novo. — Assim falou a um jornalista, na ilha de Stromboli, Ingrid Bergman quando o mundo veio a saber do seu romance com Roberto Rossellini. Só então o dr. Peter Lindstrom percebeu o que estava perdendo e precipitou-se de avião ao encontro da espôsa para saber o que havia de verdade nos rumores da imprensa, do rádio e do mundo cinematográfico. Era tudo verdade. Ingrid fêz ainda uma viagem a Hollywood, mas ao gélido médico sueco preferia o arrebatado e "burguês" regista italiano. Pediu o divórcio e voltou à Itália, onde foi morar em Roma.

Êsse caso levantou a opinião pública de todo o mundo, mas ninguém esperava o que veio depois. Às 17,30 do dia dois de fevereiro, no quarto 34 da clínica "Villa Margherita", em Roma, nascia um menino de quase três quilos e meio, robusto, apesar do nascimento prematuro, de olhos azuis e raros cabelos castanhos. Ingrid era mãe pela segunda vez. Foi então que se fizeram ouvir as vozes maravilhadas dos puritanos especialmente da América do Norte. Bradaram ao escândalo, ao adultério e chamaram sôbre a cabeça de Ingrid, que ousou desafiar a Meca do Cinema, as iras de tôdas as pessoas de bem. O "New York Times", o mesmo que na primeira página em letras garrafais escreveu que "o Vaticano aprova a fabricação das bombas de hidrogênio", também pediu com as mesmas letras que a adúltera fôsse banida para sempre do mundo cinematográfico americano. Mas afinal, por que Hollywood mostrou-se tão sensível ao romance da artista sueca? Fôsse uma outra sociedade a reclamar, vá lá, seria admissível, mas logo Hollywood? Isso vem pôr em foco um dos últimos trabalhos de Ingrid na América, o filme "Joana d'Arc", ainda inédito para nós — esta seria uma outra história, mais um escândalo cinematográfico a nossa custa — filme êsse tão bom que a platéia americana não deixou de vaiá-lo e que a própria Ingrid repudiou.

Há mais. Por causa dêle a artista sueca desiludiu-se da "arte cinematográfica" americana e parece que declarou a um jornalista que nunca mais faria filmes na América. Ora, isso nunca se deu na história dos "sucessos" da sétima arte americana. E' a primeira vez que alguém, que nem americano é, se insurge contra a indústria das fitas "made in California". Traição, bradaram logo, ingratidão. E' que na vida real, Ingrid acabou mostrando-se diferente de tudo quanto dizia dela a propaganda. Ruiu por terra a "santa" forjada a fôrça.

Aqui aparecem os pontos de contacto entre as duas figuras: Ingrid Bergman e Joana d'Arc, a começar pela representação no teatro e no cinema da figura da última pela primeira.

Até hoje poucos conhecem a verdadeira personalidade da Pucela de Orléans. A história desvirtuou, a lenda desumanizou e os homens preferem acreditar no que se lhes diz, sem dar-se o trabalho de averiguar. Por isso surgiu essa "obra-prima" do cinema que está dando o golpe de



Na página ao lado: Ingrid Bergman, na plenitude de sua beleza e mocidade, a verdadeira Ingrid, logo depois desua chegada à América do Norte, deslumbrada e saudosa. No quadro em baixo, Ingrid quando tinha esperanças em Hollywood, e em tudo o que prometia a Meca do Cinema. Na foto grande, a vemos, em contacto com as terras poéticas da Itália, onde voltou a viver com novas esperanças. Em cima: o eterno triângulo: Ingrid Bergman, Roberto Rossellini (à esquerda) e o marido, dr. Lindstrom, (à direita)



Espalhada a notícia, a clínica imediatamente providenciou a exposição da tradicional fita azul e solicitou o auxílio da polícia para conter o assalto dos repórteres e dos fotógrafos. Assistida pelos médicos Guidotti e Samu-sandro, que lhe praticaram um novo método de anestesia, Ingrid Bergman e o bebê passaram admiràvelmente



Este é o quarto número 34 da clínica Villa Margherita, em Roma, onde se acha hospedada a a linda estrêla sueca, mãe pela segunda vez a 2 de fevereiro p. passado. O menino nasceu uma mês antes do tempo, e, apesar de ser perfeito, constitui preocupação seja para os médicos, como para os pais, e até para a população de Roma



Rosselini teve a notícia de que Ingrid havia sido internada num clínica, quando estava filmando algumas cenas do seu próximo filme: "San Francisco", no sestúdios do Lago Bracciano, em que emprega frades autênticos, inclusive o protagonista , padre Gerardi. Ao receber a notícia Rossellini, assim como se encontrava, foi para Roma

graça na verdadeira Joana d'Arc. E' natural que assim seja. Apesar de personagem histórica, não poderia passar pelos produtores americanos sem sofrer uma adatação para o romance, sem ser sofisticada, sem estar rigorosamente de acôrdo com os puríssimos censores americanos.

JOANA D'ARC — A VERDADEIRA

Vale a pena lembrar algumas das facêtas desconhecidas de Joana d'Arc. Bonita para alguns, apenas não feia para outros, não existem retratos autênticos. Era gentil, sorria muitas vêzes, mas falava pouco. Era moça, e como tal gostava de tudo o que gostam as moças. Mantém os que a querem mostrar quase sempre compenetrada e masculinizada. Além de guerreira era mulher, gostava das coisas bonitas, dos cavalos vistosos, dos vestidos luxuosos: o tecido da saiota que vestia quando se bateu em frente a Compiègne e pelo qual foi prêsa, era de ouro. Essa moça que comandou batalhas ferozes e cruentas, tinha medo dos mortos e pavor do sangue; antes de iniciar os combates, suplicava os inglêses para que deixassem livre o caminho e não a obrigassem a lutar. Depois da luta, indistintamente fazia socorrer também os feridos inimigos e vagueava chorando entre os mortos. Durante o conflito procurava os lugares mais perigosos, demonstrando coragem a tôda prova. Quando era ferida, e isso lhe aconteceu quatro vêzes, chorava e se lamentava como uma menina. Joana era uma roceira e como tal sempre demonstrou o bom-senso, a astúcia, a simplicidade, o vigor e a despreocupação próprios dos roceiros. Mas não era uma pastorazinha, como muitos acreditam. Seu pai possuía terras, uma casa, móveis, gado e era um dos notáveis de Domrâmy, aldeia à margem do Mose. Joana serviu como pastorazinha raro e esporàdicamente. Era analfabeta, mas naquela época também as rainhas e as princesas o erm. Depois de ficar famosa aprendeu a assinar o nome e a ditar cartas claras e concisas, que escandalizavam pela falta de diplomacia e que ela enviava, às vêzes, amarrada a uma uma flecha. Odiava os inglêses e é natural que assim fôsse. A sua aldeia era uma ponta-de-lança no território do inimigo, que começava do outro lado do rio. Combatia-se então a guerra chamada dos cem anos, e que durou



Os fotógrafos bancaram os equilibristas, para conseguir alguns flagrantes do recém-nascido e da mãe. Só um conseguiu, e outro caiu, fraturando o braço

mais ainda, de 1339 a 1453, durante a qual os franceses foram duramente batidos, vendo seu território quase todo ocupado pelos inglêses. Mesmo querando excluir a obra de Deus, é natural que Joana levasse as fôrças sob o seu comando à vitória, justamente porque não entendendo nada de artes guerreiras, seguiu ùnicamente o bom-senso. Foi uma entre os primeiros a compreender a importância da artilharia. Revolucionou a guerra, que até então era um torneio individual, introduzindo o choque de grupos armados. Ensinou que o fraco deve atacar primeiro. Dizia: "A paz está na ponta das lanças" e "Melhor agora que amanhã, melhor amanhã que depois". Exigia que seus soldados, a maioria habituados a jogar dados em vez de voltar suas espadas contra os inglêses, e que gostavam mais das mulheres perdidas que seguiam as tropas do que da França, se mantivessem puros nos costumes e na linguagem, disciplinados e diligentes. Não admitia que se blasfemasse, fazia os soldados cantar os hinos religiosos, assistir à Missa e saía para os combates com os sacerdotes paramentados e os estandartes sagrados na frente. Joana era muito forte, podia agüentar a pesada armadura durante seis dias consecutivos. O pêso das armas que ela usou era várias vêzes maior que as que Ingrid Bergman teve durante a filmagem. Era muito enérgica e



Não, êste não é o pequeno Roberto. Esta foto foi batida quando Ingrid estava filmando num acampamento de refugiados. em Farfa, tendo ao colo um pequeno refugiado das aldeias do norte. Ingrid Bergman sempre demonstrou predileção pelos meninos. Ninguém no mundo pode acusá-la por êsse sentimento. E' o direito da mulher

impulsiva até à violência. Certa vez, pegou um nobre pelo pescoço, ameaçando estrangulá-lo, por haver êle blasfemado. Outra, vendo as mendigas de amor no acampamento, apesar das ordens dadas, precipitou-se sôbre elas e com a parte chata da espada tanto bateu nos ombros das infelizes, que a arma se quebrou. Como insígnia de comando, e também para bater nos soldados preguiçosos, tinha um bastão e às vêzes imprecava a seu modo, dizendo: "Pelo meu bastão". Combatia com audácia, mas nunca matou ninguém. Apenas uma vez, tendo capturado um bando de salteadores, mandou enforcar o chefe, após um processo sumário. Conforme o caso, também usava linguagem um pouco livre. A certa pessoa que a advertia dos perigos para chegar até Reims, respondeu: "Je m'en fous!". Não era ascética, embora comesse pouco e bebesse só água. Tinha convicção de estar em missão e esperava viver como tôdas as moças de dezenove anos. Havia feito voto de virgindade, mas sòmente atá que sua missão fôsse cumprida; depois pretendia casar. Quando prisioneira, tentou duas vêzes a fuga: a primeira escondendo-se no meio de lenha e fechando seus carcereiros na cela, como num filme de Far-West, e a segunda, jogando-se de uma tôrre. A quem a repreendia pelas duas tentativas, respondeu que a fuga era o seu primeiro direito. Não podemos negar que êsse retrato de Joana nos é muito mais simpático do que o vulgarmente conhecido. Mais humana e portanto mais próxima de nós, mais compreensível. Sim, porque só assim vemos algum mérito na sua figura e nas suas ações. Se ela tivesse além de um espírito predestinado, um temperamento contemplativo de santa, veríamos em si mesma a manifestação de um poder supremo, mas não daríamos valor à figura física e humana da que morreu como mártir.

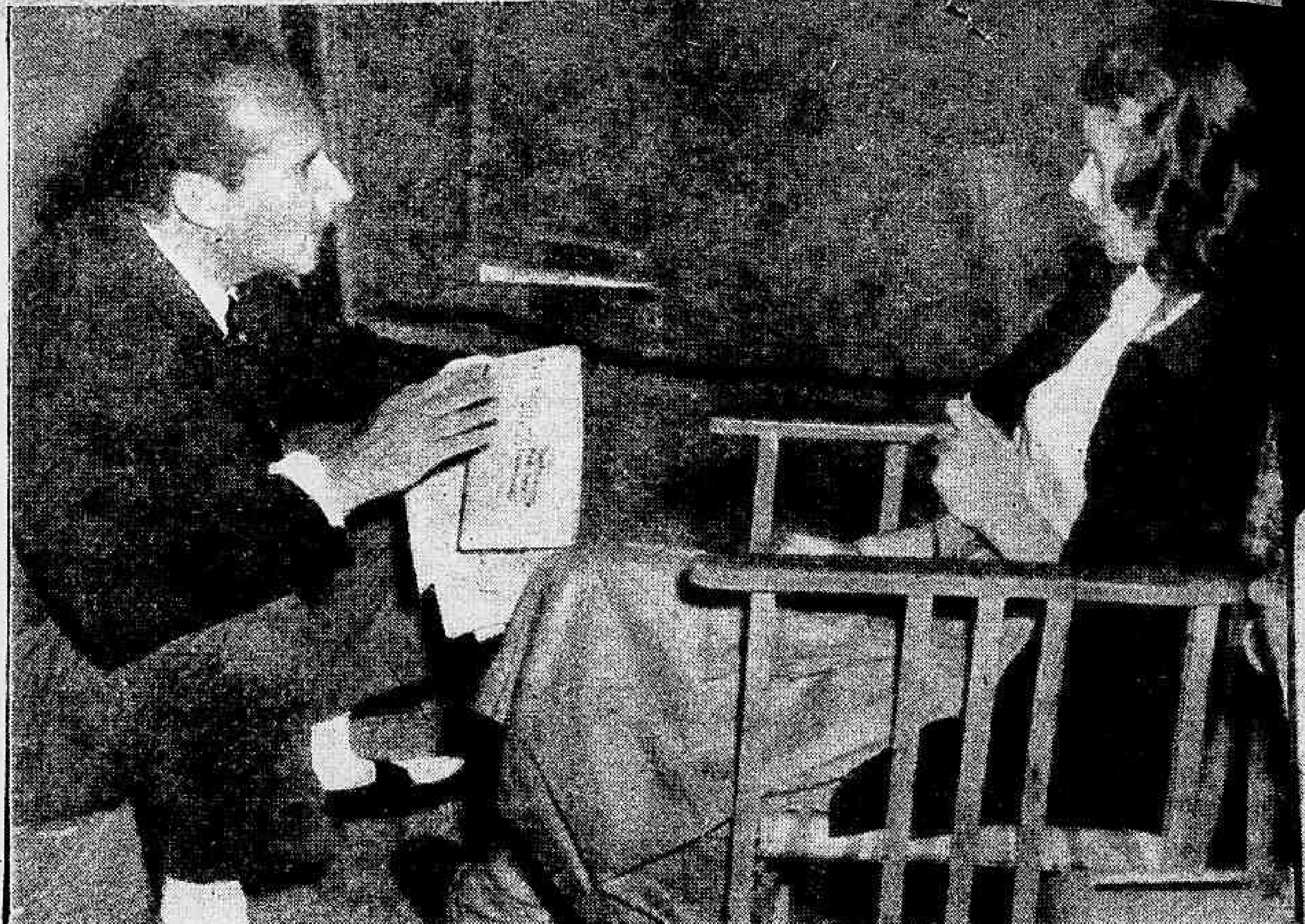
JOANA — NO CINEMA

Parece que o filme "Joana d'Arc" não será apresentado ao público carioca na sua integridade. Dizem que os censores cortaram várias cenas, inclusive a final da morte da Santa, quando ela, queimada pelas chamas, ainda tem fôrças para invocar: "Jesus... Jesus..."! Sabem qual a razão apresentada? Ingrid não é digna de representar êsse



— "Eu sentia necessidade de sair de Hollywood. Precisava descobrir alguma coisa diferente. Estava mesmo disposta a arriscar a vida para tentar algo novo". — E' natural. Quem não desejava se libertar de uma falsa personalidade criada para servir o interêsse comercial de outra pessoa, e completamente oposta à real? Viva a liberdade!





Logo que a imprensa começou a tratar do caso Ingrind-Rossellini, o dr. Peter Lindstrom precipitou-se, de avião, até à Itália. Queria ver "in loco", qual a verdade do boato. Na foto acima, um amigo, já nervoso, diz para o fotógrafo: — "Pode bater a chapa, não somos criminosos". À direita: Na espera do menino. Ingrid Bergman prepara o enxoval e ouve os comentários de Roberto Rossellini aos artigos da imprensa. A onda foi grande. Hollywood estrilou. Ingrid teve coragem de desafiar os Mecenas do cinema

papel! Ora, sim senhores! Até que ponto desce a inconsciência humana! Quem são êsses senhores censores, que jogam pedras sôbre uma criatura de Deus, taxando-a de pecadora? Será que as figuras de Santos sempre foram representadas por pessoas dignas, no palco como na tela? Qual a autoridade que a natureza outorga a êsses censores para que decidam por alta recreação própria o que é que convém que o resto das pessoas veja, escute, leia ou saiba? Que direito têm êles para mutilar a obra de outros! Qual a idoneidade [illegible] que apresentam para julgar as ações de terceiros? Serão tão perfeitos assim? Então não são dêste mundo, porque os homens, por natureza, são as criaturas mais falhas que existem!

Apesar de tudo acreditamos no bom-senso de certos homens, e tomara que o filme não seja censurado. Poderá ser falho como obra artística, mas não toquem nêle visando a artista que se desincumbiu do papel da Santa, que foi tão humana como a podemos imaginar. O próprio Jesus não defendeu a Samaritana? Quem terá coragem para se pôr acima de Deus?

INGRID — A INTÉRPRETE

Como a história nos revela personagens falsadas pelos interêsses desta ou daquela corrente, assim a vida atual cria vultos, amalgamando temperamentos fictícios, para servir entidades, grupos de magnatas, trusts e monopólios. E' o caso da Ingrid Bergman no mundo do cinema. Descoberta por David O. Selznick, aplicou-se-lhe a mesma técnica que fêz do cinema americano o mais insípido do mundo. E' a mania de querer que os fãs se interessem pela vida particular dos artistas, tirando-lhes a liberdade de viver como bem entendam e obrigando-os a pautar a vida quotidiana de acôrdo com os papéis que invariàvelmente representam nas fitas. Sempre deu certo, porque haveria de falhar com Ingrid? Uma vez transplantada para o meio enganador de Hollywood, foi fàcilmente educada sob o slogan propagandístico que dizia: "Bergman é uma deusa e tudo o que ela faz é perfeito. E' uma mulher que

Perseguida pelos comentários, Ingrid a princípio assustou-se e recolheu-se à vida privada e retirada, evitando provocar os jornais. À direita: Aproveitando o sol de Roma, em pleno inverno, saiu um pouco para pequeno exercício. Seu estado manifestou-se claramente aos romanos. Os fotógrafos, uma vez ela internada na clínica, tudo fizeram para cumprir as ordens recebidas: conseguir, de qualquer modo, flagrantes de Ingrid Bergman e do recém-nascido. Lutaram e se arriscaram, mas falharam: Cavacos do ofício







Quando Ingrid soube que seu marido poderia fazer exigências quanto ao menino, disse que tudo faria para que êle não tivesse influência alguma sôbre o fruto do seu primeiro e unico amor. Exigiu que o menino ficasse permanentemente perto dela. E' a mãe defendendo o filho com tôdas as fôrças! Falem os puritanos de Hollywood!



não pode errar". O slogan representa o papel de uma fórmula química, obtida a qual, Ingrid foi enfrascada, rotulada, posta numa prateleira e fichada para determinadas reações. Sua vida fora dos estúdios passou a ser propriedade exclusiva do mago da tela. Êle passou a ordenar quais os horários que convinham à artista, quais os pratos que poderia comer, os vestidos que poderia usar, os lugares que poderia freqüentar, as relações que deveria manter com seu próprio marido e com sua filha, o grau de timidez que deveria empregar com os repórteres, com os amigos ou com os desconhecidos em público. Havia até famosas proibições para completar o tipo da ingênua e da santa: não fumar, não beber álcool, não falar sueco, não mostrar as pernas, não sair sòzinha, não dormir tarde, etc. A máquina de propaganda começou a espalhar notícias sôbre a vida venturosa do casal perfeito. Bem diferente era a realidade. "Lindstrom é um iceberg" — disse um amigo do casal, e absolutamente não servia para o temperamento sentimental, alegre e impulsivo de Ingrid. O pior é que êle aceitou o papel de tutor da carreira, da honra, da pureza e dos negócios que para sua espôsa os americanos criaram. Com isso tornou-se mais carrancudo ainda, frio, calculador, separando-se cada vez mais de Ingrid que, como sueca e como êle deveria estar farto de saber, acima de tudo deveria amar a liberdade.

Uma das personagens que Ingrid mais desejava interpretar na tela era Joana d'Arc, pois Hollywood preparou-lhe o tipo durante muito tempo. Deveria ser uma obra-prima. Custou cêrca de $8.700.000 dólares e no entanto foi o que se viu. Fracasso. Foi o início da rebelião de Ingrid, que desistiu da Califórnia e voltou os olhos para o realista regista de "Roma, cidade aberta" e "Paisá". Foi no cenário bravio da rochosa ilha vulcânica do Mediterrâneo que a linda estrêla nórdica mostrou ao mundo seu verdadeiro temperamento: amante do sol e do mar, da brisa impregnada de salsugem, da liberdade de pensamento e de ação, meiga, sorriu ao céu alegre, carinhosa, deixou-se prender ao seu primeiro amor. Em nome dêste pediu ao marido que a daixasse livre para construir sua nova vida, e êste friamente respondeu que com o tempo ela mudaria de opinião. Não mudou e em breve soube-se que estava para ser mãe. Muitos pensaram logo nos meios infelizmente ao alcance de tôdas as bôlsas empregados pelos casais irregulares para evitar um nascimento comprometedor. "Ingrid nunca pensou, nem por um instante, em cometer um homicídio", assim disse orgulhoso e comovido Rossellini. E agora que o menino nasceu e que muitos gritam ao "filho do pecado", ela não liga ao que se diz por aí, e vive absorvida na contemplação da "sua" criatura.

Rossellini, quando Ingrid foi internada na "Villa Margherita", estava filmando a vida de São Francisco em Oriolo, perto de Roma, no lago de Bracciano, com um grupo de autênticos frades franciscanos. Recebeu a notícia no meio da filmagem e, assim como se encontrava, de botas ferradas e cheio de lama, voltou para Roma, em tempo ainda para assistir ao nascimento do filho. Os franciscanos, para maior glória do fundador da ordem, que antes de se retirar para a vida monástica foi um dos maiores libertinos de seu tempo, ficaram nos montes, rezando para o pequeno Robérto. Ingrid durante sua estadia em Roma como no sul da Itália procurou assimilar a vida simples da gente simples da península, por isso fizera muitos admiradores, que temia perder após o nascimento do menino. Temor infundado, pois a clínica logo se encheu de

(Cont. na pág. 48)



Ao alto, à direita: Após haver conseguido as simpatias do povo simples da Itália, Ingrid receou perder sua popularidade. Os romanos, em nome de todos os italianos, em resposta, presentearam-na com flores. Em baixo: Rossellini, chegando à clínica, encontrou um exército de fotógrafos e "achou ruim", pois não queria aumentar o escândalo

BOM HUMOR



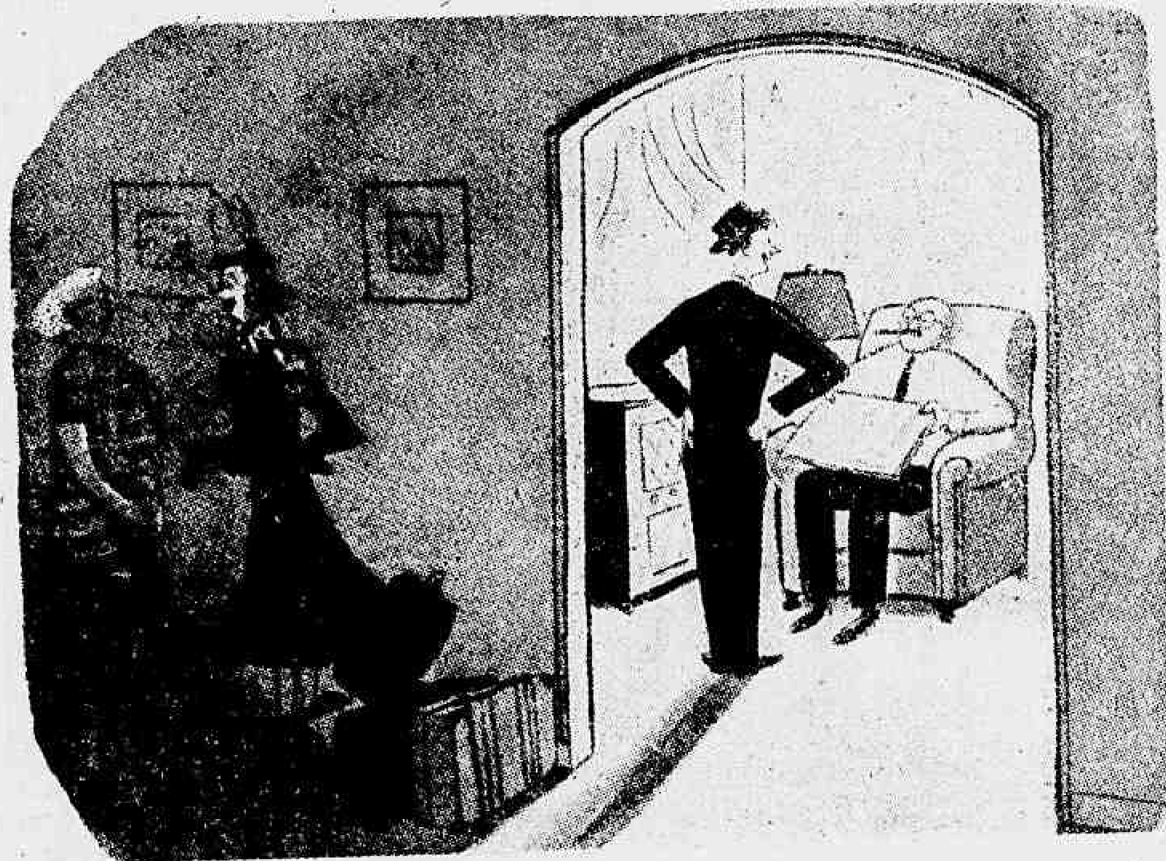
— Vejam camo ficam lindas, e podem ser feitas em apenas uma semana!...



— E pensar que eu costumava engolir o dinheiro.



— Naturalmente seu Bonifácio, logo à primeira vista o senhor deve ter tido um choque, mas tenha calma que daremos um jeito.



— Lembra-se o senhor quando me disse que eu não poderia suportá-la nem uma semana? Pois é, não pude...



— Suspende o bife!...



— Deseja alguma coisa, Madame?!

MUDANÇA

POUCOS passos atrás do negro beiçudo e suarento que trazia na cabeça a máquina de costura novinha em folha e numa das mãos a maleta encapada de branco e caprichosamente marcada com duas iniciais, vinha uma jovem de passos firmes, olhar vivaz, cabelos "à americana" que lhe completavam o talhe elegante e denunciavam uma personalidade resoluta e dinâmica. Só se percebeu, porém, haver qualquer ligação entre o carregador e a mocinha de tez alva e cabelos claros, quando o negro parou, esperou-a aproximar-se e, mostrando as gengivas sem dentes e vermelhas como se fossem o miolo de uma goiaba madura, falou:

— A Senhora prefere a carga no bagageiro ou deito num caminhão?

— Irene não teve tempo de responder. Aproximavam-se do ponto, juntamente com um pequenino bonde de feio aspecto que, ao mesmo tempo, conduzia cargas e gente.

— Depressa moço. Ajeite a máquina com cuidado! Isto! Assim mesmo, firme-se bem no pedal!

Inundava o bondéco, vindo das calçadas, escaldantes baforadas. De quando em vez, vazios cobertos por mataréo, beirando os trilhos, tornavam o ar mais leve, comunicando algum alivio aos passageiros.

Comprimido no banco do elétrico, menos suarento, mas com os pés ainda mais firmes à preciosa prenda de sua freguêsa, o negro insistia em deixar vêr as gengivas sem dentes e vermelhas:

— Tô inté espantado... Sá moça tão granfa, num se avechá de entrá num "taioba"...

— "Taióba"? Que quer dizer o senhor com isto? E sorriu. Mas, valia a pena Irene sorrir. Seus dentes eram tal qual um fio de contas. Certinhos e alvos.

— Taioba, sá moça, é o nome dêste bonde e gente de boas roupas, gente da crasse da senhora num entre nêle....

Irene gargalhou.

— Achô graça, sá moça?

Purque vosmecê é simpre, num tem orgúio...

— Nada disso. E' que taioba na minha terra é coisa muito diferente...

Com estas reticências seu pensamento transportou-se ao longe... A' fazenda do pai, com a grande horta cuidadosamente tratada pela mãe com os viçosos canteiros da verdura cujo nome via, inexplicàvelmente, dado àquele veículo... o para-sol florido da fazenda... a família reunida tôdas as tardinhas para ouvir a viola do Manéco... a pequena máquina de mão... as camisas do cabôclo violeiro que ela fazia, as saias de zuarte quadriculado, alegre, berrante para a Rita "dançar baile"... E a sentença de sua mãe, todos os dias ao ouvido do pai:

— Seu Onofre, percisa tomá uma providênça. Ireninha desde que chegô da escola tá ficano triste, tá tôda impressionada com as musga do Manéco...

CONTO DE **CLEONICE RAINHO RIBEIRO**





— Que nada mulher!... são influênça da idade, isso passa! Mas a mãe no outro dia insistia:

— Seu Onofre, seu Onofre, vigia! Pur mim esta menina já tava longe dessa terra...

Até que uma noite mais para livrar-se da martelação da mulher, depois que se desfizera o serão na varanda, o pai batera à porta de seu quarto.

— Minha fia, o cumpade Juca vai de viage no fim da simana p'ra cidade do Rio e arranja suas rôpa, os risco de bordado, os mórde, tudo de seu, que vai cum êle.

— De mudança, pai...

— Sim, de mudança. Num fica triste, Irene, tá qui o dinheiro: Ovi dizê que pur lá tem u'as máquina de costura que anda prus pé, você compra uma, fica lá com a Juventina e arranja sua vida.

(Cont. na pag. 44)

ILUST. DE **M. QUEIROZ**



TRÊS DIRIGENTES DO PST: SRS. LUIS AUGUSTO FRANCO, NELSON PROCÓPIO E O CORONEL FREDERICO TROTTA, VICE-PRESIDENTE DO PARTIDO, SECRETÁRIO E PRESIDENTE DA SEÇÃO DO DIRETÓRIO SOCIAL-TRABALHISTA DO RIO, RESPECTIVAMENTE

"DEUS, BRASIL... E O MARANHÃO"

As armas do Partido Social Trabalhista: combate ao comunismo, jogando com o voto do eleitorado católico e o apoio do presidente Dutra ★ O partido chamava-se Proletário e nasceu de uma divergência no PTB ★ Fêz todos os prefeitos do Maranhão ★ O governador Silvestre Péricles nas suas fileiras ★ Um candidato de cada classe no próximo pleito ★ "Com o presidente, haja o que houver"

.Texto de CARLOS DUARTE

"O partido do Vitorino"... A todo instante se ouve essa expressão, quando o assunto é a política. De fato, o senador maranhense é a alma do Partido Social Trabalhista, fundado nesta capital, por um grupo dissidente do Partido Trabalhista Brasileiro, tendo à frente os srs. Luis Augusto Franco e Luis Martins e Silva. Por ocasião da segunda convenção do PTB, em fins de 1945, a corrente chefiada pelos srs. Segadas Viana e Baeta Neves impôs-se, conseguindo a maioria dos convencionais petebistas do Rio, S. Paulo, Bahia e outras delegações presentes, tendo sido o sr. Baeta Neves escolhido para a presidência do partido, em substituição ao sr. Luis Augusto Franco, que a vinha exercendo até então. Os dissidentes petebistas não se conformaram, considerando, entre outras coisas, que aquêles dois próceres trabalhistas estavam querendo se assenhorear do partido de qualquer maneira "ditando" ordens aos diretórios municipais como se fôssem donos do PTB. Por isso se afastaram. Mas não deixaram de lutar pela posse da legenda, tanto assim que o sr. Luis Augusto Franco, alegando irregularidades na eleição do novo diretório nacional petebista, por ocasião da convenção, tentou impugnar o registro definitivo do partido, até que fôsse resolvida a contenda interna.

A Justiça Eleitoral, porém, não atendeu ao seu recurso; dessa forma, êle e sua ala se afastaram definitivamente do PTB. Lançaram um manifesto explicando as razões do seu gesto, entre outras coisas afirmando:

"O que houve e continua havendo, e cada dia com maior nitidez, é o desvio de sua rota, pois em alguns



"SLOGAN"

O combate ao movimento comunista constitui uma das princ pais atividades do Partido Social Trabalhista. De tôda forma êle fustiga aquêles adversários, valendo-se de "slogans" como o que se lê neste cartaz, distribuído em grande profusão



SENADOR VITORINO FREIRE

Eleito pelo Maranhão, onde desfruta indiscutível prestígio. Presidente do Partido e grande amigo do presidente Dutra



SRA. EROTIDES ANUNCIAÇÃO

Professôra em Manaus e suplente de deputado estadual, espôsa do deputado Manuel Anunciação. Espírito decidido



DEPUTADO GRACO CARDOSO

Do PSD passou-se para o PST, sendo membro do diretório central. É o deputado de idade mais avançada atualmente

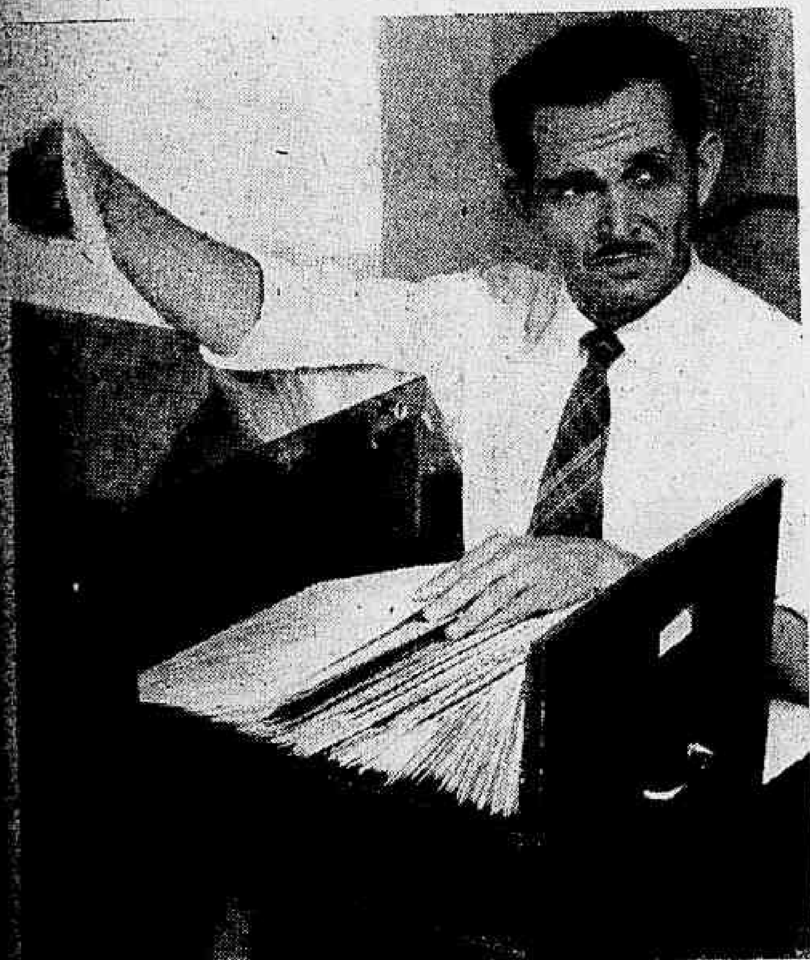
iretórios, como antes mencionamos, a orientação é pes-al e dada por homens que não podiam fazê-lo por e jamais foram trabalhistas na acepção do têrmo, não nheceram, não conhecem e nunca talvez conhecerão o frimento de suas classes e por isso delas se afastam emeditada e ostensivamente.

Ninguém desconhece quê predomina nos altos postos o Partido Trabalhista Brasileiro elementos extranhos os seus quadros, gente que sempre viveu do mundo icial, na e da alta política do país, enquanto seus ver-deiros alicerces, que lhe emprestam o nome, são re-gados a plano secundário."

Nasceu, assim, o Partido Proletário do Brasil, com as esmas finalidades do PTB, decorridos quase dois meses a realização do pleito presidencial — 29 de janeiro e 1946. Em 27 de março de 1947 mudou seu nome ara Partido Social Trabalhista, e já crismado compa-eceu ao pleito para o govêrno, Assembléias Legislativas, refeitos e Câmaras Municipais em alguns Estados. Nessa casião, aderiu ao partido o sr. Vitorino Freire, que re-unciou à Câmara Federal, para a qual fôra eleito pelo SD, e se candidatou a senador pelo novo partido, encendo.

★

A principal preocupação do PST sempre foi o combate o comunismo. Explica a sua direção que a finalidade recipua do partido era caminhar paralelo com o Partido omunista, nessa época funcionando legalmente, pro-urando desviar as massas trabalhadoras da influência arxista, "dentro do terreno da idéia contra a idéia". eria um "partido de trabalhadores para trabalhadores. ma escola de educação política e social proletária, com undo nacionalista e cristão". A Igreja Católica, através o ronunciamento do cônego Joaquim Távora, conselheiro olítico do cardeal-arcebispo, através uma carta, não teve



ARQUIVOS

ualquer informação sôbre Alagoas e Maranhão aí se btém. Quanto aos demais Estados, prepara-se o material

úvidas em dar inteiro apoio ao Partido Proletário, de-ois Social Trabalhista.

"Deus e Brasil" é a legenda do PST.

★

A adesão do sr. Vitorino Freire marcou uma fase nova a vida do partido. Grandemente prestigiado pelo presi-ente da República, que nada nega ao Maranhão quando o edido é feito por intermédio do amigo, e dos mais acheados, o sr. Vitorino atingiu um prestigio que nenhum utro politico tem em sua terra. E', pràticamente, um cau-ilho no Maranhão, malgrado a resistente oposição do Par-do Republicano, através o deputado Lino Machado, e de lementos da UDN. Dessa forma, nas eleições estaduais, PST elegeu os 72 prefeitos daquela unidade da Federação, aso virgem na politica nacional. Elegeu também o go-ernador, o coronel Sebastião Archer. O PST é também o artido do governador de Alagoas, coronel Silvestre Pé-icles de Góis Monteiro; no mesmo Estado fêz 38 prefeitos. o Maranhão, posteriormente, tendo o outro senador social-rabalhista, sr. José Neiva, brigado com o partido e pas-ando o mandato ao suplente, sr. Evandro Mendes Viana, ue se passou, por sua vez, para o partido do sr. Ademar e Barros, o PST perdeu duas prefeituras, nas quais os refeitos são parentes do sr. José Neiva.

O PST fêz 20 deputados estaduais e o governador do aranhão. O sr. Silvestre Péricles aderiu logo depois ao artido, deixando o PSD que o elegeu governador. Vários deputados federais, posteriormente, aderiram também. Para a Câmara Federal o PST elegeu os srs Elizabeto de Carvalho, Odilon Soares, Freitas Diniz e Afonso Matos — pelo Maranhão; e o cel. Aluisio Ferreira, pelo Território do Guaporé. Aderiram ainda os deputados João Botelho, do PSD do Pará; Altamirando Requião, do PSD baiano;



DEPUTADOS

Fazem parte da bancada social-trabalhista, na Câmara, os srs. João Botelho (ao centro), Freitas Diniz e Elizabeto de Carvalho, que vemos nos corredores do Palácio Tiradentes. Para 1951 o Partido promete triplicar a sua representação

Afonso de Carvalho e Luis Silveira, do PSD de Alagoas; e Graco Cardoso, o parlamentar mais idoso da atual le-gislatura (82 anos), eleito pelo PSD de Sergipe. Aderiram também e depois saíram os deputados Carlos Nogueira, agora no PTB; Edgard Fernandes, nò PSP; Ezequiel Men-des, na UDN; Agricola Pais de Barros, no PSP; Manuel Anunciação, idem; Eurico de Sousa Leão, a meio caminho do POT; e Luis Laje, por enquanto sem partido.

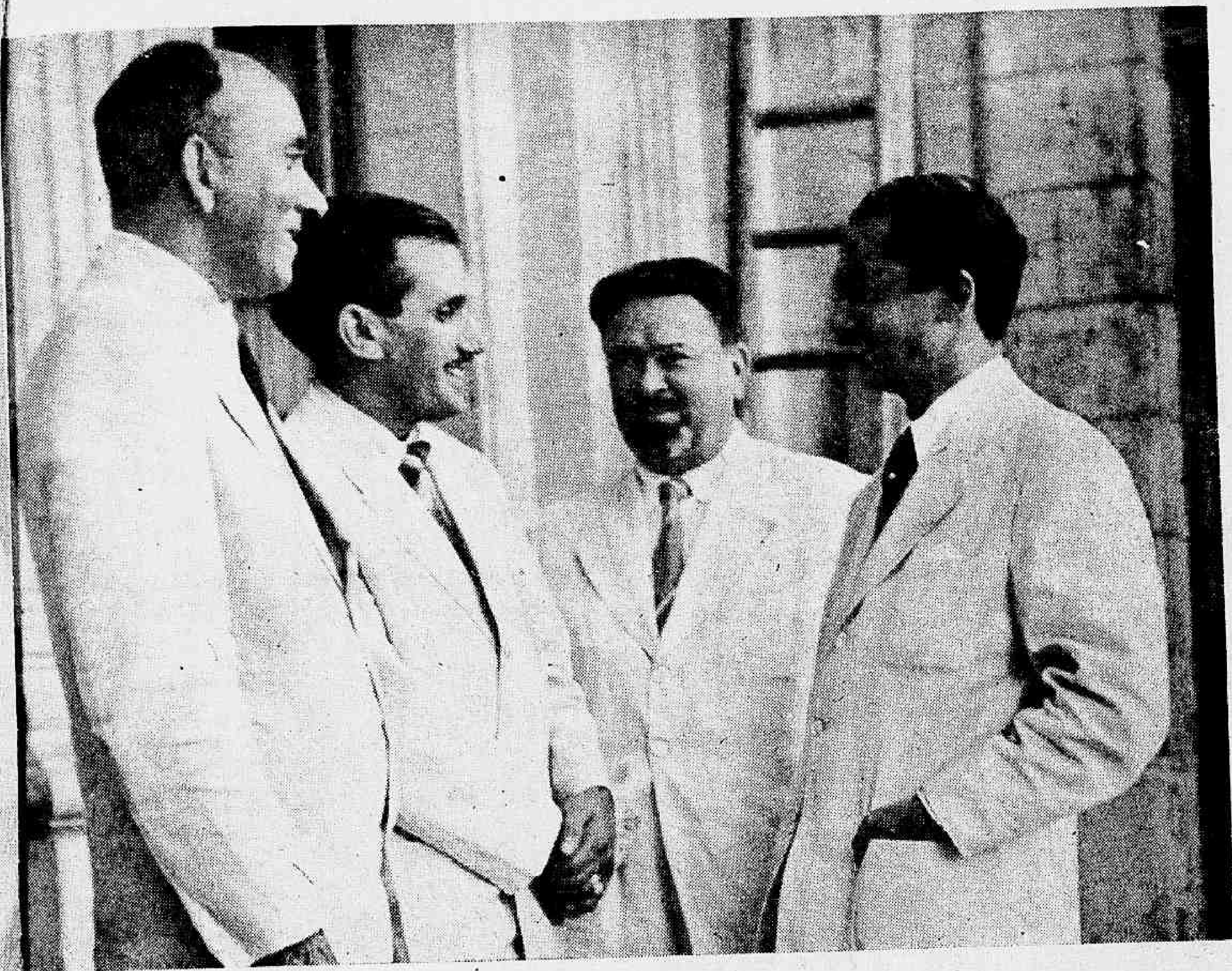
Fazem parte dos quadros vitorinistas os governadores do Território do Guaporé ,sr. Joaquim de Araújo Lima, e do Território do Rio Branco, sr. Francisco Ximenes. Em S. Paulo o PST perdeu 180 vereadores e 4 prefeitos por iniciativa do próprio partido. Mas explica-se: a maioria dos eleitos eram membros do Partido Comunista, já na ilegalidade, que haviam conseguido entrar em acôrdo com os diretórios municipais do partido e assim ser eleitos





"ESTAMOS AVANÇANDO!"

O chefe de propaganda, sr. Antônio Ramos Duarte, aponta no mapa o longínquo mas belo e promissor Território do Guaporé. E diz que o PST está avançando em todos os sentidos, esperando obter em outubro numerosa representação



SORRIDENTES...

Também fazem parte da bancada na Câmara os srs. Odilon Soares e Afonso Matos, que vemos palestrando com os srs. Costa Rodrigues, prefeito de S. Luis, e o deputado Edson Freitas Diniz. Ao que parece a conversa devia ser agradável...

sob as legendas de um dos mais anti-comunista dos partidos existentes no Brasil... A pedido da direção nacional do PST, a Justiça Eleitoral cassou os mandatos dos eleitos, fôssem comunistas ou não.

★

Apoiar o atual presidente da República em qualquer contingência, é um dos pontos do programa traçado para o partido por ocasião da sua reestruturação, em 1947. São

os pontos do programa, textualmente: *a* — apoio ao general Eurico Dutra, presidente da República; *b* — condenação da demagogia, que nada constroi e tudo avilta; *c* — defesa de uma bandeira e de um programa, sem a mistica dos nomes individuais, seguindo a politica dos interêsses coletivos, contra as castas privilegiadas ou os grupos usufrutuários que se julgam com direito ao abuso do Poder, porque procuram ser sempre os intér-

(*Cont. na pág.* 48)





SECRETÁRIO-GERAL

O sr. Luis Martins e Silva, antigo jornalista, é o secretário-geral politico do PST. Será candidato a deputado federal pelo Pará. Vê-se ao lado o popular sambista Tancredo Silva, autor de "General da Banda", dirigente do PST do Rio

IMPRESSÕES QUE FICARAM

TERRA DE TRABALHO E FARTURA

Um norte-americano, franceses, suíços, alemães e portuguêses levaram a videira para os Pampas ★ Mas os italianos repetiram o milagre que Dante exalta na "Divina Comédia" ★ Da tribo dos Caáguas à "Pérola das Colônias" ★ Garibaldi e seus homens ★ O Museu Retrospectivo da Imigração ★ A "blague" da sucessão presidencial com a Raínha da Uva...

Texto e fotos de CELESTINO SILVEIRA

PARA O ALMÔÇO

O marido preocupa-se em saborear o melhor vinho, enquanto a espôsa, de açafate no braço, cheio de uvas brancas, perfumadas e bem sazonadas, deu-se por satisfeita. Ali perto encontrarão um churrasco de espêto — e está feito o almôço...

APROVEITAMOS esta rápida visita a Caxias do Sul para conhecer em detalhes a sua fundação. Valemo-nos de apontamentos encontrados em livros de divulgação pública e oficial — e sabemos que eram em sua maioria milaneses e tiroleses trentinos os primeiros imigrantes italianos aqui aportados. Isso em 1875, quando Caxias era habitada pelos índios da tribo dos Caáguas. Só mais tarde ficou sendo conhecida como a Colônia Aos Fundos de Nova Palmeira, passando em abril de 1884, a constituir o 5º Distrito de Paz do Município de São Sebastião do Caí, dirigido pela Comissão de Terras do Império.

Por ato de 20 de junho de 1890, foi Caxias emancipada finalmente, tornando-se município autônomo e tendo sua



DIA DE FESTA

Quatro ou cinco vêzes a população normal de Caxias surgiu, como por encanto, ao se iniciarem as festividades da uva. Forasteiros de todos os municípios, de outros Estados, mesmo do Uruguai e da Argentina, abarrotaram os hotéis e pensões. Houve quem dormisse ao relento e houve também quem não dormisse. Os colonos italianos tiveram o seu grande dia



ÊLE VEIO DE LONGE, DE QUARTA LÉGUA, PARA VER OS FESTEJOS. BEBEU VINHO DOCE EM PLENA RUA, JOGOU O "MONTE" E VOLTOU FELIZ PARA O SEU CAMPO







QUE UVAS!

Eram mesmo apetitosas as uvas dos parreirais de Caxias e que tôda a gente saboreava em plena rua. As duas graciosas visitantes da Exposição foram colhidas de surprêsa mordendo os cachos apetitosos, enquanto o cavalheiro, em baixo, despejava o quinto copo

—É"!

Chama-se Giovanina e fêz questão de erguer o copo à mulher brasileira, ela que também nasceu no Brasil. Vinho dá vitalidade e estimula os corações... E as dua lenço e com a carteirinha dos níqueis, a acompanham



sede elevada à categoria de Vila. Para dirigir o novo município foi organizada uma Junta Governativa, composta de cidadãos locais — Angelo Chittolina, Ernesto Marsiaj e Salvador Sartori — como os próprios nomes indicam, italianos ou de origem itálica. Em 1892 era nomeado seu primeiro intendente, o cidadão Antônio Xavier da Luz, e desde aí, Caxias iniciou sua trajetoria na vida pública do Estado. Mas só em 1910 foi elevada à categoria de cidade, sendo no mesmo ano inagurado o ramal da estrada de ferro ligando o município a Pôrto Alegre.

A denominação — "Pérola das Colônias" — foi dada por Júlio de Castilhos, em 1897, quando, Presidente do Estado, ali realizou uma visita oficial. E não deixa de surpreender ao forasteiro, encontrar uma cidade tão adiantada, de prédios modernos, elegantes e altos, de progresso invejável, sabendo-se que nesse mesmo ponto de terra, há quarenta anos, existia pouco mais que um arraial.

★

— Como surgiu a cultura da uva nestas plagas? Damos a palavra ao sr. Balbino Mascarenhas, secretário da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul:

— As primeiras vides de que temos notícias exatas foram remetidas por Marquês Lisboa em 1839 e cultivadas na Ilha dos Marinheiros, no município do Rio Grande. Em meados do século, o plantio das variedades Isabel, Concord e outras labruscas foi iniciado nas colônias alemãs. E de São Leopoldo rumou para Nova Palmeira e alcançou o Campo dos Bugres — hoje Caxias do Sul — onde o primeiro viticultor foi Felipe Laner, o mesmo capitão e "bersaglieri" que já fôra o primeiro a aportar a êstes pagos. A míngua de transporte não desanimaria os pioneiros indômitos. As mercadorias principiaram a descer, atravessando as picadas, em lombo de mulas. E em 1900 já o Rio Grande podia exportar cêrca de 1.800 hectolitros de vinho. Abramo Berle, um grande precursor, Antonio Pieruccini, os irmãos Rossato e outros credores do nosso reconhecimento, devem ser lembr como iniciadores dêsse movimento que meio século representa um dos grandes ramos da economia gaúch

"Nessa época o Estado mandava buscar videiras castas finas, que foram plantadas na primeira estação perimental agronômica, localizada onde hoje é o arra de Partenon, em Pôrto Alegre. Dali saíram os bacelo viníferas para Caxias, Garibaldi, Bento Gonçalves. E algumas dessas variedades, como a Cabernet, a Merl Riesling e tantas outras, que tão bem se adaptaram nosso meio, embora em certos anos as condições cl ticas não lhes sejam favoráveis, a zona de Caxias ac fabricando o melhor vinho do Brasil. Com a chegad ferrovia, em 1910, ampliaram-se os vinhedos. Em instalava-se a primeira estação experimental de viticul intensificando-se a distribuição de muitas castas vini sem que se tivesse verificado a sua adaptabilidade. colono possuía uma verdadeira coleção de variedade malôgro era inevitável. Mas não dobrou a valente do nosso produtor. Hoje, bem orientadas Estações E rimentais, uma do Ministério da Agricultura, em Gonçalves, a outra da Secretaria da Agricultura, aqu Caxias, não permitem que o ônus da experiência r sôbre o colono.

"Apêsar da concorrência do produto estrangeiro, a exportação, que começava com êste século e que não gia bem a 1.800 hectolitros, foi crescendo para che 580.149 hectolitros no ano que findou. E o comérci uva e do vinho orça atualmente em duzentos e oi milhões de cruzeiros anuais.

"Mas o nosso produtor não se deixa prender pela n cultura, e dentre os frutos da terra que avultam região, não podemos esquecer o trigo, tantas vêzes tratado pelas geadas tardias, cujos efeitos se agravam consequência do costume errôneo de entregar a ter semente antes da época apropriada.

"A figura grandiosa do pioneiro italiano está for no alto destas serras, que, se pudessem falar, nos munhariam quanto esfôrço, quanto suor fertilizou solo. E aquêles primeiros imigrantes que hoje repou tranquilamente no seio da terra que tanto trabalha bem mereciam que, lá da glória, pudessem ver e apre quão pròdigamente germinaram as sementes que suas s deitaram à terra e cujos proventos nós é que es os colhendo."

★

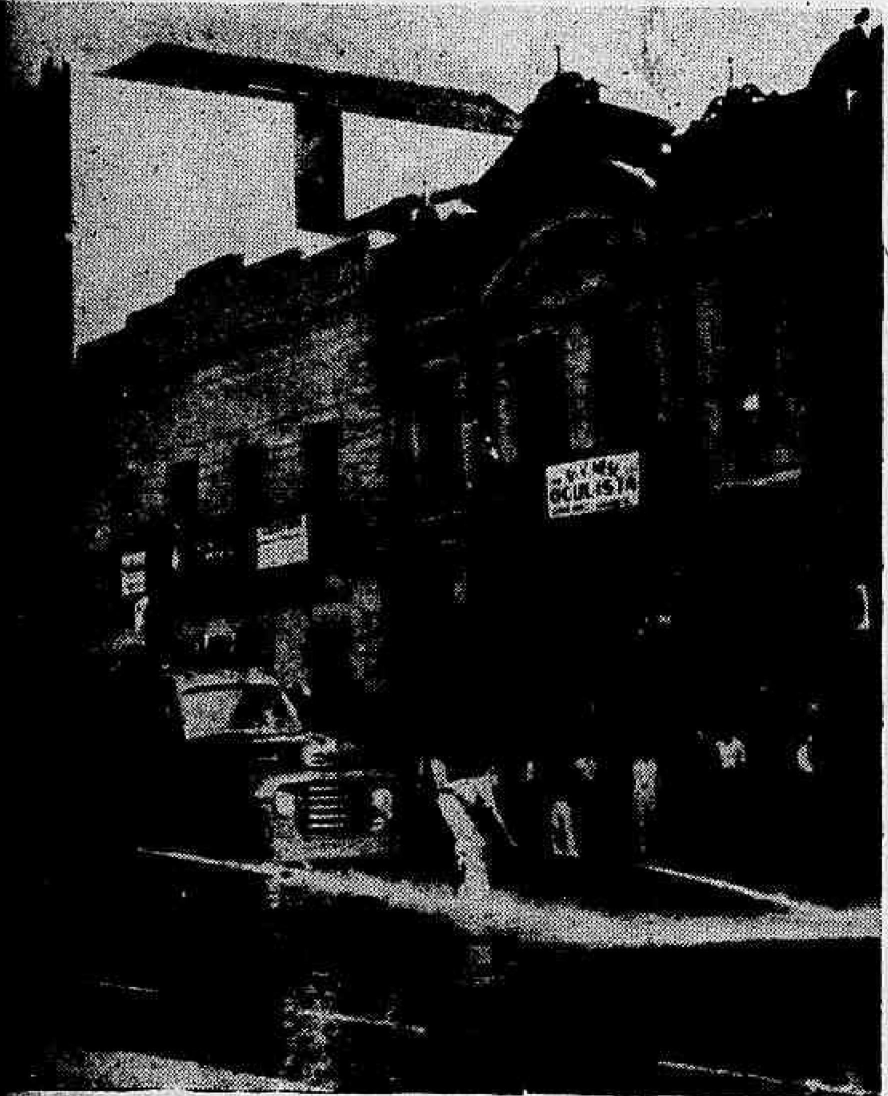
as ainda antes dos imigrantes chegarem a Caxias, em , já muitos italianos iam exercer sua atividade no Grande do Sul, em sua maior parte aconselhados por Garibaldi, que, embora longe dali, não deixava de rdar-se do tempo que passara naquele Estado. Se um e-americano, como se diz, foi que introduziu a uma el na Ilha dos Marinheiros, franceses levaram a via para o município de Pelotas, suíços e alemães para e São Lourenço, portuguêses para o do Rio Grande, e o, em 1875, os italianos fizeram essa primeira cultura Caxias, Garibaldi e Bento Gonçalves, municípios que s tarde formaram os de Flores da Cunha e Farroua, e para uma parte da então colônia Silveira Martins, compreendia os atuais municípios de Júlio de Casos, Cachoeira e Santa Maria. Foram, sem dúvida, os anos que mais se dedicaram à cultura da videira, m como ao esfôrço industrial estimulado pela primeira de guerra, quando se revelaram capazes de emparecom os iniciadores do movimento fabril no Sul do s.

omo acertadamente lembrou o ministro da Agricultura discurso proferido na cidade de Caxias, os italianos havam implantar a cultura da vinha em sua nova pá porque traziam no sangue peninsular e no espírito ão o impulso da milagrosa transformação que Dante a na Divina Comédia. E nas abertas feitas na mata ssa, a machado e a fogo, êles lançaram a plantação ada, mas afervoraram-se sobretudo em fincar na terra



SOB O PAVILHÃO NACIONAL

Caminhões enfeitados percorriam as ruas de Caxias distribuindo o generoso vinho feito pelos italianos. E o italiano "provador" inveterado bebeu, gostou e pediu mais...



LAVANDO AS RUAS

Foi preciso um caminhão-tanque dos bombeiros para lavar as ruas e praças depois do desfile. Escorregava-se no asfalto de tanta uva pisada. E o gari teve trabalho!





CARNE, PÃO E VINHO

A família reuniu-se naquela mesa tôsca, no recinto da Exposição, para fazer bem ao estômago. O churrasco, o vinho capitoso e o pão de trigo puro, branco, imaculado, devolveram as energias ao casal e aos filhos. Sobremesa, mais uvas!

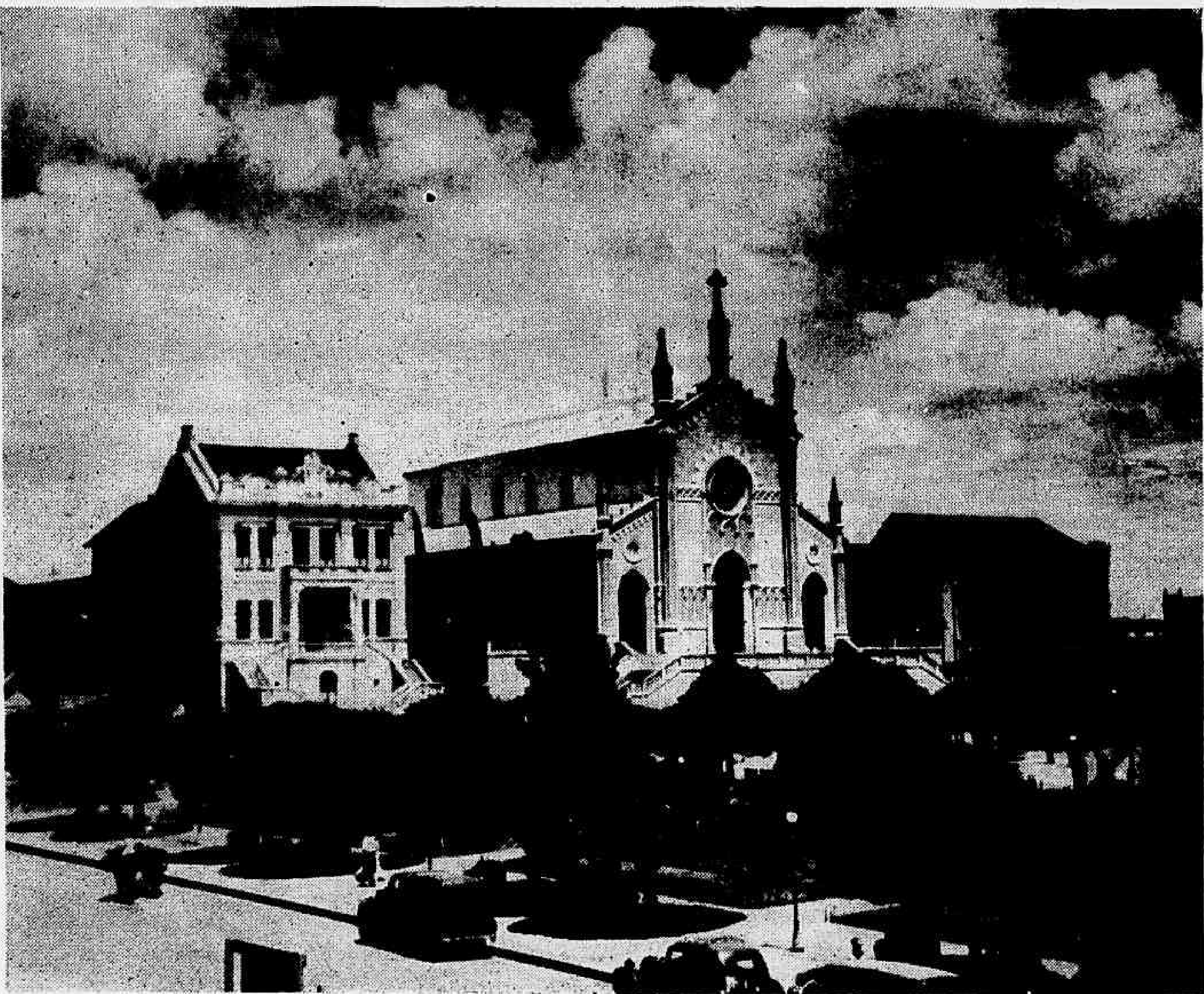
fôfa, coberta pela cinza das coivaras, estacas da árvore sagrada, cujas bagas dão alimento ao corpo e vigor ao espírito.

E' certo que os teutos chegaram ao Sul muito antes que os italianos, pois o centenário dessa imigração de há muito foi comemorado. Mas os descendentes de italianos entraram firmes na competição, destacando-se ainda nos meios educacionais e desportivos. De muitos dêles descenderam pessoas atualmente destacadas nos Pampas, salientando-se o general Salvador Obino, chefe das Fôrças Armadas Nacionais; a família Obino, cujo chefe, João Obino, por muitos anos foi gerente do "Correio do Povo", de Pôrto Alegre, todos descendentes dos irmãos Obino, dois homens que acompanharam Garibaldi nas suas diversas campanhas pela Independência. Em Hamburgo Velho encontra-se sepultado outro destacado garibaldino, o escultor Adriano Pitanti, autor de importantes obras, entre elas a estátua do Conde de Pôrto Alegre. De família italiana é também o dr. Alberto Pasqualini, ex-secretário do Interior e candidato a governador nas últimas eleições; o pintor Humberto Gotuzzo, de Pelotas; o escultor Antônio Caringi, da mesma cidade, e Torguinio Zambelli, de Caxias, para citar apenas êsses. Porque a origem italiana está

(*Cont. na pág.* 48)

TUDO EM PAZ

E quando a comitiva presidencial se retirou e os primeiros forasteiros debandaram, Caxias recuperou sua fisionomia normal. Êste flagrante da praça Rui Barbosa, antiga Dante, foi batido quando nos despedíamos da Pérola das Colônias

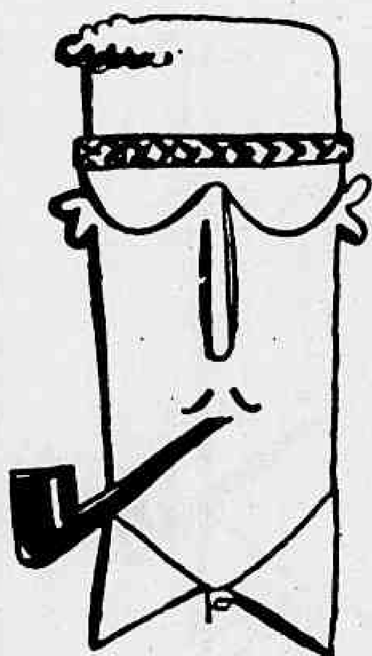


Nicodemus

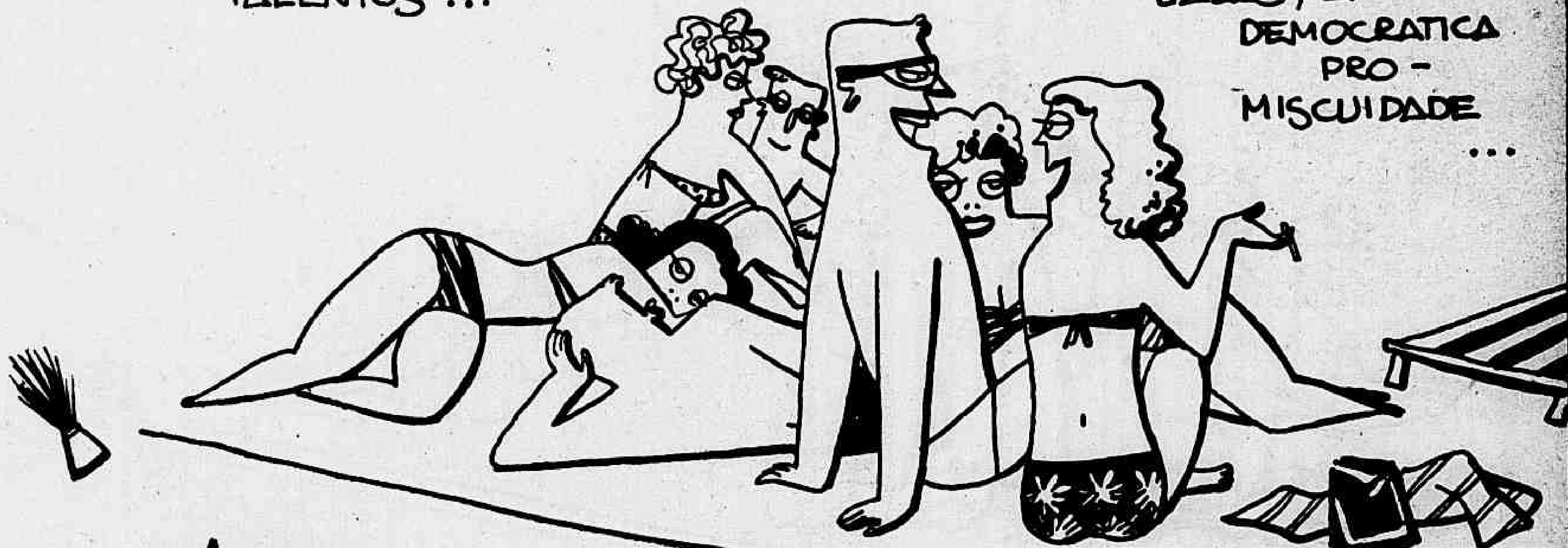
APROVEITANDO A CANICULA
DÁ UMA PIRUADA PELA

PRAIA...

PRETENSOS
PRODUTORES
DO CINEMA
EMBRIONARIO
NATIVO
EM PRETENSA
BUSCA
DE NOVOS
TALENTOS...



VIUVAS,
RECEM-CASADAS,
GALÃS, EM
DEMOCRATICA
PRO-
MISCUIDADE
...

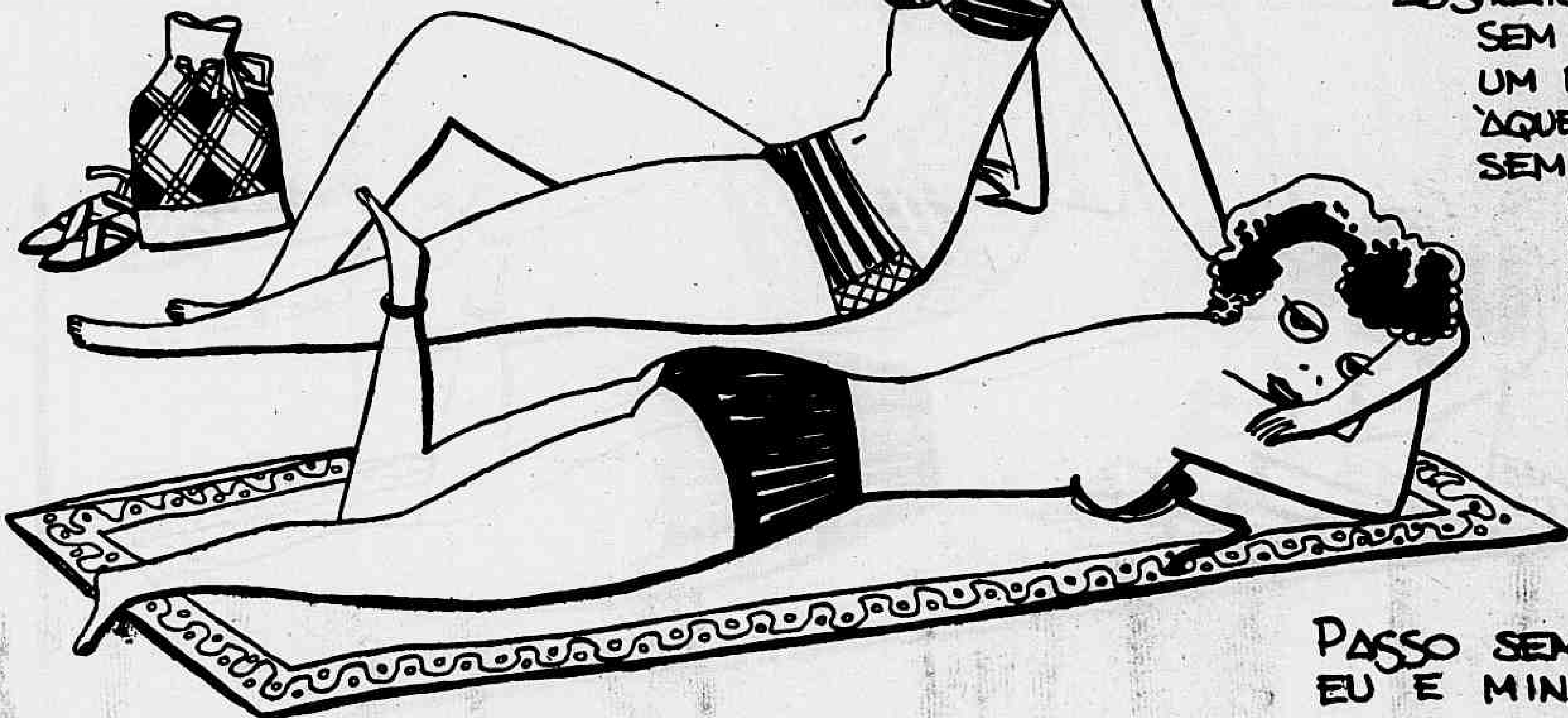


SUÓR
EM PEROLAS
FALSAS,
DE
IMITAÇÃO,
ESCORRENDO
DA
EMPREGADINHA
E
DA
PETÉCA
LOJA-
AMERICANA
...



LOURAS
RUIVAS
MORENAS OXIGENÊS,
BROTINHOS EM
LÂNGUIDO ABANDONO,
DECENTEMENTE DESPIDAS,
CURVAS EM S
FÓRA
DOS
MAIÔS...

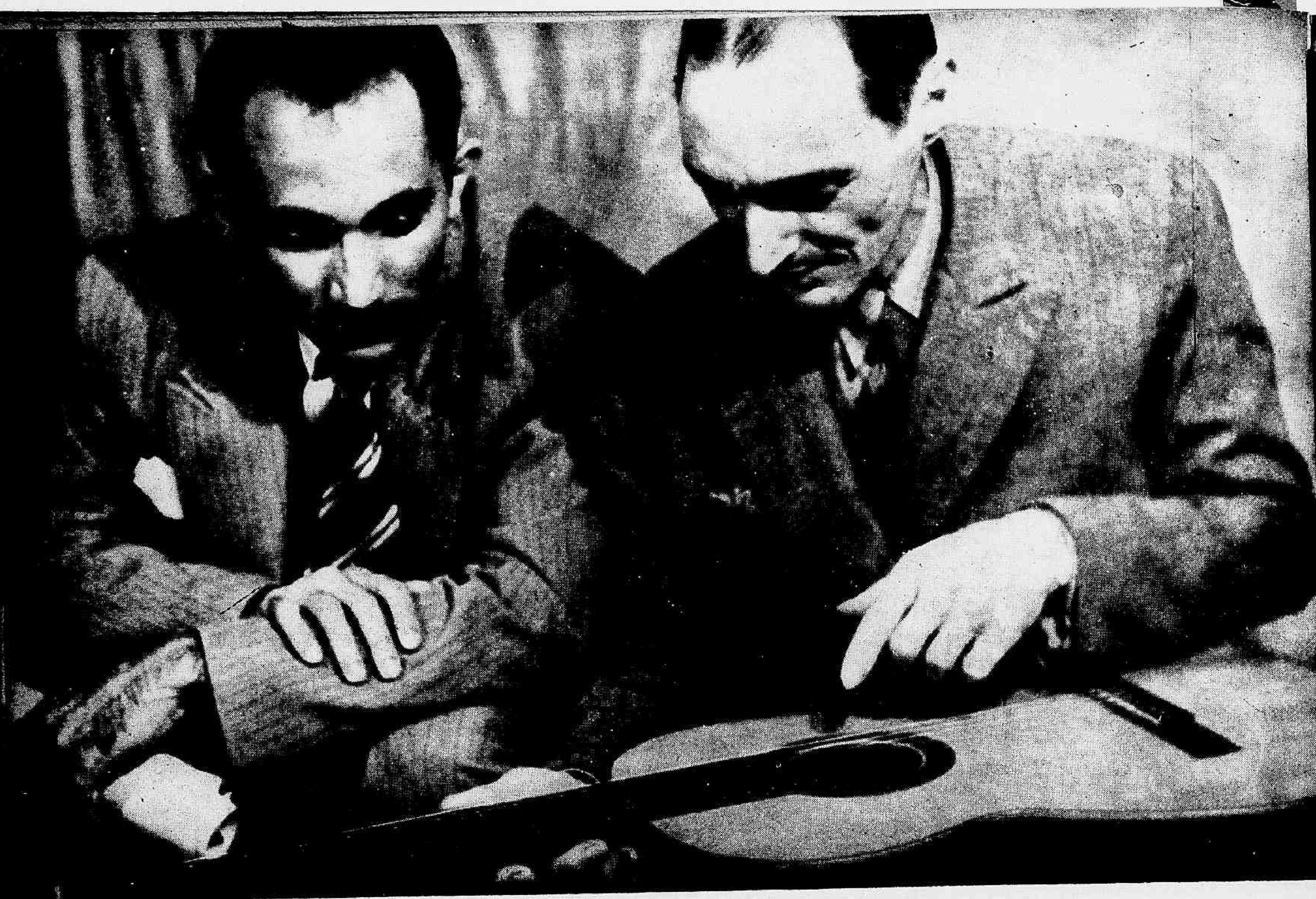
MAS
PASSO AO LARGO
AUSENTE
ABSTRATO
SEM DIRIGIR AO MENOS
UM RAPIDO OLHAR
ÀQUELES CORPOS,
SEM SER VENCIDO
PELO DESEJO,
DESPREZANDO
PALPITANTES
NACOS
DE PECADO
ESQUENTANDO
NA AREIA...



PASSO SEM OLHAR...
EU E MINHA

ESPÔSA...





— "É PRECISO DISTINGUIR"

— "Devemos diferençar o violão solista do acompanhante. Êste costuma ser estudado pràticamente, isto é, "de ouvido", porque o executante, querendo improvisar acompanhamentos a rigor da arte, terá que fazer um curso de harmonia, coisa completamente fora das cogitações e possibilidades de quem se dispõe iniciar seus estudos" — diz o professor Mastrangelo

VIOLÃO -- ARTE SÉRIA COMO QUALQUER OUTRA

DAS RODAS BOÊMIAS AO SALÕES E CONCERTOS INTERNACIONAIS ★ COMO ERA DIFÍCIL ARRANHAR AS CORDAS DO PLEBEU INSTRUMENTO ★ O PROF. ANTONIO MASTRANGELO DÁ AULAS DE CATEDRÁTICO NA MATÉRIA ★ CATULO DA PAIXÃO CEARENSE, ADMIRADO POR PINHEIRO MACHADO, HERMES DA FONSECA E RUY BARBOSA ★ FLORIANO ERA FÃ DE ÍNDIO DAS NEVES

Reportagem de ARMANDO PACHECO



OLGA PRAGUER

e seu violão têm marcado sucessos inconfundíveis dentro e fora do País. No momento ela está em evidência nos EE. UU.

LIMA Barrêto, um dos poucos verdadeiramente grandes vultos da nossa literatura, ao pintar o impenitente boêmio Ricardo Coração dos Outros, personagem do "Policarpo Quaresma", colocou na bôca daquele tocador de violão (em cuja pele críticos maldosos descobriram Catulo da Paixão Cearense), algumas considerações negativas acêrca da arte de dedilhar o "pinho". Isto, de acôrdo com a época, porque naqueles tempos era temeridade alguém se dedicar ao violão, arte caluniada e perseguida. Efetivamente, nos idos do desenrolar do romance, arranhar as cordas do popular instrumento, significava cair na escala social, perder conceito perante todos. Sòmente tipos desclassificados semelhantes às vitimas do Vidigal das "Memórias de um sargento de milícias", das esbórnias nos cortiços à Aluizio Azevedo, poderiam viver com e do violão. O próprio Catulo (é sabido isso) só conseguiu sêr levado a sério como menestrel depois que Pinheiro Machado o ouviu gemer o "Luar do Sertão". E logo depois que o marechal Hermes e Rui Barbosa rompendo com os tabus sociais aplaudiram o rapsodo maranhense, pôde finalmente o pitoresco boemio vencer a hostilidade do meio. O mesmo ocorreu com o grande Indio das Neves, por quem o marechal Floriano nutria viva simpatia. Vários tocadores de violão do passado sofreram idênticos dissabores por amor a uma arte então incompreendida e banida das festas em sociedade. Porém, os tempos mudaram. Assim como aboliram o fraque, a sobrecasaca, a cartola, sendo simplificados os costumes e convenções, foi o violão ganhando terreno e entrando nos salões, ganhando aplausos, cobrindo-se de glória. De etapa em etapa o violonista foi aceito e firmou-se no piano universal. Em nossos dias ninguém mais olha com desprêzo ou indiferentismo essa nobre arte. Pelo contrário, trata-se de um aprendizado complexo que requer inclinação ou vocação como outro gênero artístico qualquer. Há hoje quem seja profissional do "pinho", quem toque por diletantismo, quem se dedique ao clássico, ao popular, ao folclore, ao samba, às noitadas alegres, como há quem se aprofunde sèriamente no assunto realizando concêrtos de música de camera, como há ainda tocadores e acompanhadores populares. No Brasil mesmo existem grandes nomes no gênero clássico como no folclorico, trovadores ou sambistas radiofônicos. Entre os primeiros inclui-se o professor Antônio Mastrangelo, de Santos, no Estado de S. Paulo, a maior autoridade no assunto e objeto desta reportagem; entre os segundos destaca-se Olga Praguer Coelho; no rol dos terceiros a poetisa cega Nena Machado Magalhães, "Zé da Luz" e a cantora Dilu Melo; e, finalmente, entre os últimos Dilermando Reis, Herédias Aurélio dos Reis, "Dedé de Bonsucesso" e outros elementos de rádio. Visa a presente reportagem, através do depoimento do professor Antônio Mastrangelo, mostrar a evolução do violão, bem como seu esplendor e declínio, suas grandezas e misérias. E' o que veremos a seguir.

ARTE SÉRIA COMO OUTRA QUALQUER

Ao correr do tempo o ensino do violão se tornou obrigatório nos conservatórios de música e importante como o aprendizado da harpa, do violoncelo, do violino e do piano. Seis anos são precisos para alguém obter diploma de executante de violão, depois de um curso intensivo. Presentemente existem em todos países grandes orquestras de violão, e a de Buenos Aires, bem como a de Madrid e Paris, são famosas. Nossos colegas Rosinha Mastrangelo



DE CATULO

Êsse era o "pinho" companheiro inseparável de Catulo e o flagrante fêz-se ainda em vida do trovador cearense. O instrumento foi colocado na cadeira predileta de Catulo, como preito de homenagem. Foi-se o bardo, mas o violão deve existir

e Justo Peres, da imprensa santista, levaram o repórter à presença do catedrático do conservatório paulista, que, diga-se de passagem, não leciona para a formação de "Chicos Violas", e sim como arte digna de figurar num rigoroso concêrto. Faz mais de trinta anos que êle vive às voltas com alunos de ambos os sexos e muitos dêles já arrancaram aplausos em diversas partes do globo. Para o prof. Mastrangelo o violão não é apenas um pedaço de madeira com algumas cordas, destinado a soluçar em noites de serenatas sob janelas de donzelas adormecidas. Não, para êle o violão foi inventado para tocar Bach, Beethoven, Mozart e outros mestres com M maiúsculo. Como catedrático o professor Mastrangelo explica que o violão pode ser considerado sob dois aspectos: como instrumento "acompanhante" e como "solista". E adianta:

— Como acompanhante o violão no Brasil e em outros paises é o instrumento popular por excelência. Não se forma conjunto regional, grande ou pequeno, para tocar, cantar ou dançar, sem que nêle seja incluido ao menos um violão. E' tão imprescindivel como o contrabaixo e o violoncelo numa orquestra, porque tem a seu cargo como função principal, fazer ouvir a "baxaria", têrmo da giria aplicado às notas mais graves da harmonia. Outros instrumentos também muito usados e aptos a produzirem acordes, tais como a sanfona em suas variadas espécies, não conseguem suplantar e destronar o violão como rei dos instrumentos populares, porque o seu timbre especial, que se funde admiràvelmente com o das vozes humanas e com o dos outros instrumentos de corda e de sôpro (madeira e metal), não é igualado por nenhum outro.

Em seguida, arranhando as cordas do seu precioso instrumento, continuou:

— E' preciso saber diferençar o violão solista do acompanhante. Êste costuma ser estudado pràticamente, isto é, de "ouvido", porque o executante que queira improvisar acompanhamentos a rigor da arte (o que afinal no gênero popular é indispensável) terá que fazer um curso de harmonia, coisa que fica completamente fora das cogitações e possibilidades de quem se dispõe a iniciar seus estudos como acompanhador quando já não possuia prèviamente os conhecimentos musicais necessários. De modo que só depois de um periodo variável de tempo, conforme a prática adquirida em "choros", é que os candidatos dotados de "bossa" conseguem tornar-se acompanhantes eximios, como, por exemplo, os atuais integrantes dos grupos regionais das estações de rádio de norte a sul do país. E, apesar de uns leves e involuntários exagêros que se verificam (lá uma vez ou outra desculpáveis porque inevitáveis), tomando-se em consideração a dificuldade que o manejo desembaraçado do instrumento apresenta e as qualidades inatas que precisam possuir, os acompanhantes práticos são merecedores de justos elogios pelo avantajado grau de desenvolvimento que logram atingir. Devemos também levar em conta os serviços prestados por êsses esforçados, concorrendo para elevar em escala ascendente o número de adeptos em tôdas as camadas sociais.

Quanto ao solista — esclarece o professor Mastrangelo — o assunto é muito mais vasto e complexo de modo a não poder ser esmiuçado assim numa rápida conversa sôbre violão. O executante solista só chegará a vencer se se submeter a vários exercicios técnicos e mecânicos da assim chamada escola de música e é indispensável em qualquer parte onde se leve a sério o ensino do violão. Convém esclarecer que essa escola se bascia fundamentalmente nos ensinamentos que legaram à posteridade os dois maiores mestres do violão que até hoje já existiram: Dionisio Aguado e Francisco Tárrega, ambos espanhóis. Sem a orientação dos métodos deixados por êles não se formam jamais "virtuoses" do violão. A escola Aguado-Tárrega continua, não obstante as complicações de certos mestres modernos, sendo ainda a tal. Êles foram os expoentes máximos da arte do violão em todos os tempos.

O QUE E' PRECISO PARA SABER TOCAR VIOLÃO

E o professor Mastrangelo desmentindo a crença popular isso os alunos deverão estudar assim: 1º ano: Leloup, método elementar; 2º ano: Aguado, exercicios para a mão direita, números 1, 2, 4, 8, 10, 11, 14, 19 e 20; Leloup, escalas maiores e menores, primeira fórmula; Aguado, exercicios para a mão esquerda 18 a 30; Tárrega, exercicio em Tremolo; Llobet, três exercicios de harpejos sob pestana e escala cromática geral; Tárrega, prelúdio n. 1; 3º ano: Aguado, estudos de 1 a 10 e exemplos de trinado; Leloup, exercicios em acordes fundamentais e escalas nas outras formas; Aguado, exercicios para a mão de 34 a 55; Sora, estudos 1, 5, 11 e 13; Llobet, três exercicios técnico-cromático; Pujol, "Canvión de Cuna"; Tárrega: "Recuerdos de la Alhambra"; 4º ano: Aguado, estudos 12 a 20; Tárrega, 3 exercicios técnicos; Aguado, exercicios para a mão esquerda, de 58 a 68; Sora, estudos de 14 a 23; Leloup, escalas cromáticas e diatônicas para a mão esquerda; Tárrega, "Minueto pizzicato"; Tárrega, "La Mariposa", estudo de concêrto; 5º ano: Costa, estudos 8 a 22; Leloup, 2 exercicios técnicos para a mão esquerda e acordes em diversas fórmulas; Sora, estudo n. 25; Aguado, estudo 27; Tárrega, estudo em lá maior; Llobet, "Danza espanhola n. 5", de Granados; e, finalmente, no 6º ano, temos preparação para concertistas: a) seleção especial da técnica de Tárrega, Llebet e Leloup; b) ensino geral das obras de concêrto, originais e transcritas. E', pois, impossivel obter-se um programa melhor do que êsse. Raríssimos são aquêles que seguem à risca os métodos dos mais afamados mestres do violão, e, por isso, são raros também os virtuosos hoje em dia.

E FINALMENTE...

Concluindo a entrevista-reportagem o professor Antônio Mastrangelo nestes têrmos situa com mestria o problema do aprendizado do violão como arte séria, para os interessados no assunto, dando pela primeira vez, de graça e de público, uma aula aos leitores:

— A difusão da escola de música é coisa relativamente nova no Brasil. Principalmente em S. Paulo, e a casa pioneira é a dos Irmãos Del Vecchio, da Paulicéia, que tem proporcionado aos estudantes de violão tôdas as facilidades, publicando métodos e coleções interessantes, enfim, trabalhando pela sua divulgação proveitosa entre nós. E' preciso que se saiba, antes de mais nada, que o violão não é coisa banal como muita gente ingênua e pèssimamente informada pensa. O violão solista é o predileto das elites e o violão acompanhante o do povo. De forma que sob qualquer aspecto o violão sabe comunicar os divinos eflúvios da arte em tôda a sua plenitude. Poderia dizer ainda muita coisa sôbre violão. Sôbre amadorismo e o profissionalismo; sôbre a história do violão; sôbre classicismo e modernismo, sôbre a luta da corda de aço com a da tripa, dissenções partidárias no seio das "colônias" violonistas, os esforços dos fabricantes nacionais, as experiências com dispositivos elétricos, o rádio, etc. Porém, tudo roubaria tempo dos leitores. Ademais — disse concluindo o professor Mastrangelo — existem outras autoridades no assunto, como o eminente professor José do Patrocinio e Silva, aqui mesmo de Santos, e os irmãos Del Vecchio, de S. Paulo. O de que precisamos fazer é de dar ao violão o valor e a atenção que êle merece. Brevemente teremos no Rio e S. Paulo grandes concêrtos internacionais dêsse nobre instrumento.



— "É ASSIM..."

E o professor Mastrangelo mostra ao repórter como se deve tocar o violão, cuja execução requer os maiores desvelos

ASTUCIAS DE MULHER

NOVELA DE MERISE SANTOS

— Está me ouvindo Lúcia Rosa?

— Sim.

— Lembre-se de sua infância. O que vê você?

— Uma bruxa preta com avental encarnado e branco. Uma bola rolando, rolando. Um passarinho amarelo de olhos redondinhos...

Calei-me. Não sabia inventar mais.

— Fale-me, agora, de sua juventude!

Bem que me lembrei dos dias que passava na praia com o grupo de amigos, numa vida de ciganos, sem qualquer responsabilidade. Lembrei-me dos tabefes que trocára com meu primeiro namorado, em plena rua, por ciumadas. Parecia ouvir, ainda, as admoestações dos meus pais sôbre minha vida inútil e nada condizente com a educação que havia dêles recebido. Lembrei-me, também, dos anos que passaram e que me foram ensinando ter meus pais tôda razão e, por fim, surgiu Carlos Alberto gentil, apaixonado. Daí é que me interessava começar, com fantasia.

— Muitos castelos, rodando. Um edifício brincando de gangorra descendo e subindo aos céus. Muita luz, música, pessoas indefinidas... agora um homem retira-me da multidão, levando-me para longe, sempre valsando, sorrindo... Num portão branco leio as palavras: "Lar da Felicidade". Para lá nos dirigimos e de repente o sol brilha mais forte e as flôres desabrocham instantaneamente. Um perfume forte narcotiza meus sentidos. Vou desmaiar... que escuridão!

Finjo-me de aflita. Carlos Alberto procurou tranquilizar-me, o que conseguiu, naturalmente, para que eu pudesse continuar.

— Vamos, Lúcia Rosa, que vê agora? Diga, não tenha medo!

Meu coração pulsou, descompassado. O momento esperado chegára, afinal.

— Uma biblioteca enorme. Olhe, vem saindo dela um livro gigante. Lá vem êle no ar... está zombando de mim. As letras do seu nome estão dansando. Destacam-se as silabas ameaçando-me PSI-QUI-A-TRI-A. Estão caindo em cima de mim! Ai! estão esmagando-me! Socorro!

Carlos Alberto tornou a acalmar-me.

— Continue.

— O livro está nas mãos de um homem que me diz: — "Aprisionei o livro comigo e você também. Não podemos mais sair. Acabaram-se os passeios, cinemas, visitas aos amigos, teatros, "boites". Tudo se acabou. Durma! Esqueça-se da vida! Espere a velhice chegar". Quero dormir, esquecer a vida, esperar a velhice... quero dormir, dormir... para ser grata ao homem que prendeu o livro, mas não suporto, não posso! Minhas palpebras se abrem desmesuradamente, anseio por vida, sol! Meus poros se dilatam para absorção sôfrega de ar. O homem me domina e eu continúo presa, dormindo, dormindo, até a velhice chegar...

Carlos Alberto acordou-me devagarinho. Esfreguei os olhos fingidamente sonolenta e de soslaio observei-o. Imediatamente senti-me arrependida diante de seu ar preocupado. Disfarçou tanto quanto póde, deu-me desculpas àcerca de meu estado e saimos.

Desde então sua conduta mudou. Leva-me constantemente aos cinemas, teatros, aceita todos os convites para festas e quando temos folga obriga-me a frequentar qualquer "boite". No principio tudo parecia certo ao meu raciocinio e até dava-me os parabens porque achava que proporcionava maior divertimento ao espirito de meu marido. Depois e, ultimamente, como sinto o êrro de minha ação. Carlos Alberto abandonou quase que por completo as suas pesquisas, os seus tão "triunfantes" casos desapareceram e êle se vem tornando um médico de rotina, comercialista, sem muita confiança em si mesmo, sem maiores iniciativas. E, Deborah, sabe você qual é a dúvida que me persegue e me deixa martirizada, quando surpreendo em Carlos Alberto um olhar longinquo, que me gela o sangue?

(Continua na pág. 48)

— Sim, Lúcia Rosa, posso afirmar-lhe que durante êsses cinco anos de meu casamento, nem uma só vez fiz-me a pergunta que você, agora, tão diretamente espera que lhe responda: — Você tem sido feliz, Deborah?" Póde parecer-lhe que, como sempre, as minhas mágoas e desilusões se percam naquele intricado filosofar do tempo de solteira. Mas, não desanime, vou responder-lhe. Há dias, li esta frase numa revista americana: "Eigth years can be a dragging eternity — or it can be the swift turning of a page". (*)

Sinto-me bem no meio termo, porque os que estão nas extremidades, que marcam os limites não podem ser, eternamente, felizes ou infelizes.

Lúcia Rosa achou melhor trocar de assunto. Quando solteiras, muitas e muitas vêzes discutimos o nosso comportamento em frente a um marido e, entre nós, havia sempre choque de opiniões. Lúcia Rosa é impulsiva, ciumenta, absorvente. Eu, controlada, altruista, pautando os meus anseios pela norma de que "só posso gostar de quem gosta de mim; só posso sentir prazer na companhia dos que, livremente, me procuram". Sei que às minhas amigas não agrada muito êste meu modo de ser; o fato é, porém, que tôdas me procuram para que sirva de juiz às suas briguinhas. E sou a confidente habitual de suas dúvidas conjugais. Pensando nisto, observei com maior atenção o rosto claro de Lúcia Rosa, o cabelo curto, enfeitado por uma franjinha. Só, então, vi-lhe uma ruga desconhecida no semblante que, por natureza, é sorridente tal um dia claro de sol. Alguma cousa a preocupava, algum desejo de confidenciar a trouxera para mim. Tonta que fôra até aquêle instante, mantendo com ela simples palestra de matar o tempo.

— Quer mais açúcar, Lúcia Rosa? Não? Êsses biscoitos são deliciosos! Também, não? E, Carlos Alberto como a tem tratado, ultimamente?

Lúcia Rosa sobressaltou-se. Olhou-me horizontalmente perscrutadora. Viu-me calma, sem qualquer vestigio de que lhe estava dando entrada para confidências. Sorveu mais depressa o chá e, repentinamente:

— Sinto-me roida de remorsos pela indignidade de minha farsa. Carlos Alberto não merecia isto de mim. E pensar que agi daquela maneira para servir, unicamente, aos meus interesses, aos meus caprichos!

O Dr. Carlos Alberto, psiquiatra novo, estudioso e compenetrado acudiu ao chamamento de minha representação, com seu porte altivo, olhos profundamente castanhos, donos de uma vivacidade penetrante, através dos óculos. Todos a quem era apresentado ou que o procuravam, entregavam-se-lhe confiantes porque logo o identificavam com a imagem que haviam criado de um psicologo sagaz. Achei-o sempre demasiado austero para marido de Lúcia Rosa. Minha sedutora amiga pareceu adivinhar:

— Carlos Alberto devia casar-se com outra mulher mais culta, mais compreensiva, com temperamento caseiro, enfim, conformada em ter marido para os livros e para os clientes. Procurei compreendê-lo em sua profissão e, no principio, entusiasmavam-me as suas pesquisas, os seus triunfos. Depois, a vida para mim se foi tornando monotona e para êle cada vez mais atrativa, porque eram casos sem fim de neuróticos que se tornavam melhores e mesmo bons, com as últimas terapeuticas descobertas pelos psiquiatras do mundo inteiro e que se tornavam familiares na clinica de Carlos Alberto. A cada triunfo seu, aumentava meu estado de insatisfação, de intima colera. Fui me controlando até que um dia se exaltou meu conformismo com a idéia de uma reivindicação, do que julgava meus direitos de espôsa. Comecei, então, a estudar um meio de mudar as cousas sem haver discussões. Procurei nos livros de Carlos Alberto os sintomas de uma neuro-psicose e daí começou minha farsa, de preferencia à noite, quando a assistência dêle não podia ser perturbada por chamados ou outras obrigações de sua carreira. Durante algumas semanas minhas crises de insonia, choro, inquietação ou apatia preocuparam o espirito de meu marido que, por fim, resolveu empregar comigo o método que eu já esperava: — a psicanalise de Freud.

Levou-me ao seu consultorio, fez-me deitar aconselhando a relaxar os musculos e não pensar. Cerrou as cortinas e começou a hipnotizar-me. Em poucos segundos dei-me por vencida.

(*) Oito anos podem ser insuportável eternidade; mas também podem significar o ligeiro folhear de uma página.



SÔBRE O AMOR

O amor será uma invenção ou uma experiência? Essa pergunta nos ocorre diante da controversia romântica a respeito dos que sabem melhor cultivar o sentimento afetivo. Querem alguns que seja o primeiro amor o grande amor de cada vida. Entretanto, outros afirmam que só muito mais tarde, no transcurso da existência e, às vezes, em plena maturidade, é que acontece o verdadeiro amor de cada destino. Assim, a invenção do amor, na adolescência ou na juventude, padeceria de todos os males decorrentes da inexperiência sentimental. E, às vêzes, quando ocorrem temperamentos muito ardentes, êsse primeiro amor degenera em paixão e não raro acaba em tragédia. A tragédia, porém, não é necessàriamente uma decorrente da inexperiência. Muitas vêzes, a paixão arrebata para essa zona sombria indivíduos de maior idade e, pois, experientes, até mesmo muito experimentados em matéria de afeto. Não nos decidiremos por uma resposta à pergunta inicial. Em amor, como no resto, tudo é relativo. Pode a invenção do amor, realizar-se plenamente, isto é, chegar à perfeição, sem qualquer preparação. Como, da mesma forma, a experiência amorosa pode conduzir a um sentimento afetuoso nobilíssimo, em vez de resultar em simples cálculo.

A verdade é que a invenção do amor é sempre mais pura. Dizemos "invenção", porque cada caso de amor é um caso novo, embora aparentemente igual aos outros. Ninguém copia o amor. Ninguém, amando, ama porque vê outro amar. Inventamos, cada um de nós, o nosso amor. E' a grande descoberta de cada vida. O grande acontecimento. Assim, como tudo que é novo e recém-criado — êsse amor é o mais puro, embora podendo não ser o mais belo, o mais forte, o mais profundo.

O amor de experiência, êsse já vem depois da invenção e de uma ou de várias "reprises" do primeiro amor — é certamente o mais sério, podendo ser, também, o mais belo, o mais forte, o mais profundo.

A diferença, pois, entre a invenção do amor e a experiência do amor está nisso: o primeiro é o mais puro e o segundo, o mais sério. O primeiro pode evoluir até à seriedade do segundo. Mas o segundo não pode chegar à pureza do primeiro.

Nisso reside a tristeza do amor de experiência, sua impossibilidade de pureza, de vida nascente, de revelação, de entusiasmo.

Contudo — é sempre o amor. E, se de um amor de experiência, podemos fazer um afeto belo, forte e profundo — condições a que a invenção do amor raro pode atingir — então a experiência do amor nos terá conduzido a todo amor.

LYSE

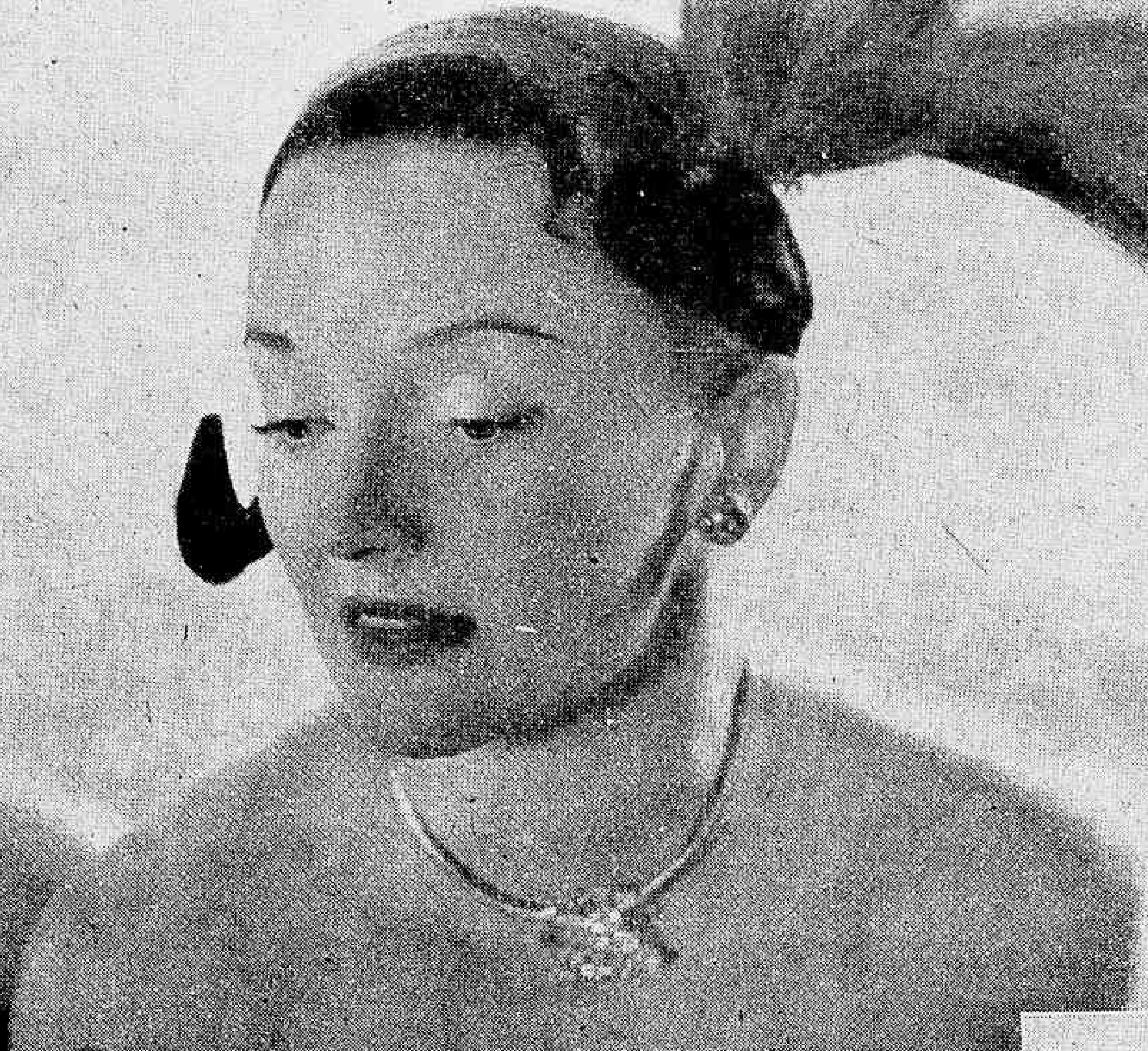


PLISSÉS E PREGAS

ESTÃO em grande moda as saias pregueadas e plissadas, em vestidos de noite ou de passeio. Êstes modêlos oferecem novas sugestões. Temos nesta página, ao alto, um sugestivo conjunto em lã, composto de vestido com saia ampla, tôda plissada, casaco de mangas compridas e cinto em camurça com fivela forrada. Em baixo, à esquerda, para passeio, elegante modêlo em seda azul-marinho com "pois" brancos, botões brancos, cinto em pelica preta, chapéu do mesmo tecido do vestido. Em baixo, vestido de noite em fazenda fina, todo plissado, sem mangas, decote amplo vindo bem em baixo, cinto em camurça com duas grandes flores completam o conjunto.








UMA cabeça bem cuidada, penteada com gôsto e adornada com esmero, constitui sempre um dos detalhes inprescindíveis à elegância da mulher. As plumas continuam sendo um dos principais elementos de adôrno de que lançam mão os grandes figurinistas de todo o mundo. Nesta página temos alguns exemplos do que afirmamos. Jeanette Colombier criou uma linha harmoniosa com êsse pequeno barrete de "aigrettes" rosa, ajustado à cabeça, com um báculo suspenso do lado para o qual o barreta tomba. Fernand Aubray dá ao enfeite uma grande simplicidade; usa como adôrno simplesmente uma pluma de avestruz que cai ligeiramente sôbre os cabelos acompanhando a linha do penteado. Louis Gervais penteia os cabêlos compridos em cachos achatados, conseguindo o seu desejo êsse movimento simétrico e acentuado; adorna a cabeça com motivos dourados, em forma de asas. Finalmente, em baixo, alguns sugestivos modelos de chapéus para dias mais frios, todos êles tendo como principal adôrno as plumas.



CABEÇAS E PLUMAS









INTIMIDADE

PARA dormir ou para andar em casa, existem sempre os trajes adequados onde não devem faltar a elegância e a graça. Jeannette McDonald, da MGM, por exemplo, usa um "robe" de cetim brocado, drapeado do lado. Os demais modelos se revestem de bom gôsto e originalidade.











NOITES DE GALA EM HOLLYWOOD



AQUI estão as últimas criações para vestidos de noite, vindas de Hollywood e exibidas pelas próprias "estrêlas". Nancy Davis veste um elegante modêlo em cetim, com um grande apanhado atrás; sob a saia de cetim aparece uma outra de tule. Êste vestido em tafetá apresenta um trabalho de "cordonet" que dá muita graça à saia. O corpo é justo e sem alças; veste-o Colleen Gray. Original modêlo em gaze, todo trabalhado em franzidos, apresentado por Ann Miller. Loretta Young sugere para jantares de cerimônia êste vestido em tafetá; saia bem justa; os ombros são cobertos por uma pala de tule; prêsa ao decote uma grande flor. Ainda Colleen Gray é quem exibe êste modêlo em gaze "chiffon", com um lindo trabalho de rosas da mesma fazenda aplicado no busto e na saia. Modêlo ideal para mocinhas.









VESTIDOS BORDADOS

PARA variedade do seu elegante guarda-roupa, apresentamos nesta página alguns sugestivos modelos de vestidos bordados, para diversas ocasiões. Em cima, à esquerda, temos um conjunto de saia e casaco para noite. O casaco é bordado nas mangas desde os punhos até o cotovelo, e na frente desde as abas até a altura do busto. O costume é prêto e o bordado em lantejoulas e vidrilhos dourados. À direita — Jaqueta de linho, com uma pala bordada em aberto; o mesmo desenho pode ser aproveitado para uma blusa. Em baixo, à esquerda — Vestido de tafetá cinza; o pano enviesado da frente da saia é bordado de lantejoulas formando pequenos losangos. A mitra é trabalhada no mesmo desenho. À direita — Vestido de passeio em linho, o corpo bordado em pônto de sombra formando grandes flores.



MUITÍSSIMO
MELHOR

é a proteção da pele do bebê com um produto medicinal, cientìficamente preparado, a um simples talco boratado!

Proteja o seu bebê contra os incômodos do calor (brotoejas, assaduras) com o inimitável...



Polvilho Antisséptico GRANADO

UM PRODUTO CREDENCIADO PELO SÍMBOLO DE CONFIANÇA.



COMO APRENDER A DANÇAR
AGORA EM 3.ª EDIÇÃO

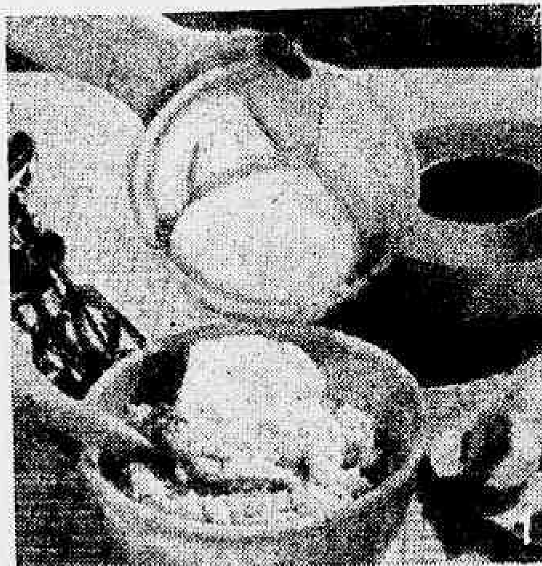
Ampliada, com os últimos passos de Bolero, Swing e Samba, contendo 94 gráficos e 254 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira.
Método de ritmos modernos pelo Professor Gino Fornaciari, Diretor e professor de "Aulas Práticas de Danças Ritz". Aulas particulares e a domicilio RUA DA LIBERDADE, 120 — PREÇO CR$ 41,00 — Pedidos pelo Reembolso Postal, com o autor — CAIXA POSTAL, 649 — S. PAULO

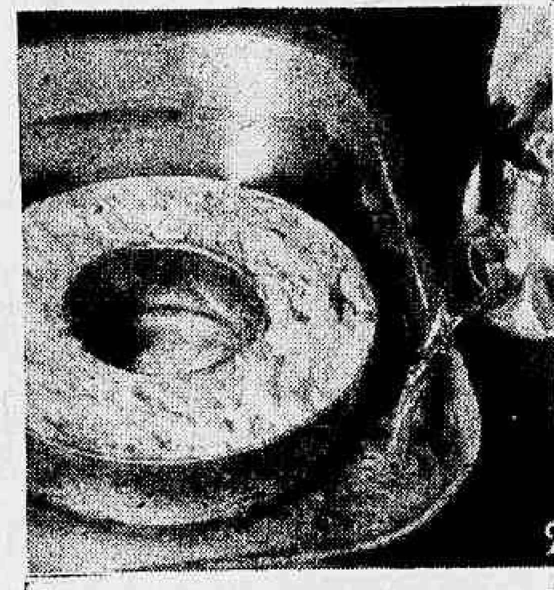


antisséptico
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas senhoras modernas para a sua HIGIENE INTIMA.

WEEK-END





2

BEEFSTEAKS-PIE

Parta 2 quilos de carne em bifes de 1 cm. de espessura e tempere com sal, cebola e salsa bem picadinhas e uma pitada de noz moscada. Tome um prato côncavo de ir ao forno, coloque os bifes ao redor e no centro 400 gr. de batatinhas tiradas com a colher própria, de tamanho de avelãs; deite água até cobrir tudo, mas que não cubra as bordas. Corte uma banda de massa e cubra as bordas do prato umedecido; depois corte uma rodela do tamanho do prato; cubra tudo, calque para colar na banda e enfeite com rolinhos da massa que sobrar. Dore com uma gema com manteiga derretida e leve a assar em forno moderado durante duas horas. A massa: 250 gr de farinha de trigo peneirada, 150 gr de manteiga, 1 colherinha de sal e meia xícara de água, pouco mais ou menos. Ponha uma tigela de água, o sal e a manteiga e misture bem. Depois vá juntando a farinha aos poucos, mexendo sempre com a colher. Amasse por um instante, leve para a tábua ou mármore polvilhado, e com as mãos fechadas empurre a massa e dobre por duas vêzes. Faça uma bola e cubra com um pano molhado até a hora de empregá-la. Então abra com o rôlo e use conforme fôr necessitando.

PIMENTÕES À AMERICANA

Tome 2 pimentões verdes, lave e jogue em água a ferver. Logo que levante de novo a fervura, escorra, corte uma fatia junto ao cabo e retire as sementes. Faça um picadinho com umas aparas de carne, umas 500 gr. Junte quadradinhos de 1 cm de 4 cenouras, e fritos em manteiga, 1 fatia de pão amolecido em leite e 2 ovos picados. Misture, recheie os pimentões e arrume num prato de ir ao forno untado de manteiga. Regue com manteiga derretida, polvilhe de pó de pão e leve a assar, em forno moderado. Faça arroz, deite numa fôrma untada de manteiga, calque bem e despeje num prato. Arrume ao redor os pimentões e enfeite o arroz com tomates pequenos, partidos ao meio, sem sementes, e fritos na manteiga. Coloque os pimentões em pé, como potes.

ESCARLATAS MIMOSAS

Tome uma lingua afiambrada, corte em fatias de meio centimetro estas rodelas de 3 cm de diâmetro e coloque em caixinhas de papel frisado. Tome as sobras, esmigalhe com 1 colher de manteiga, misture com 3 ovos duros e 3 pepinos de conserva picadinhos. Deite uma porção desta composição sôbre cada rodela, e bem em cima aplique um montinho de alface picada. Em vez de manteiga pode juntar maionese.

"PUFFER"

Descascam-se, lavam-se e ralam-se algumas batatas grandes e farinhentas. Cobrem-se as batatas assim raladas com água fresca e deixam-se descansar por 1 hora. Deitam-se em seguida em um guardanapo que se espreme muito bem. Para duas xícaras de batatas raladas tomam-se 1 xícara de nata ou leite, 2 colheres de farinha, sal 4 gemas e, por fim, as 4 claras batidas em neve. Mistura-se tudo muito bem, frigindo-se as panquecas bem finas em azeite ou gordura quente. Pulverizam-se com açúcar e canela. Servem-se com compota.

PASTÉIS DE FRUTAS

125 gr de manteiga ou banha, 200 gr de farinha de trigo, 2 colheres de sopa de água, meia colher de chá de fermento, sal e açúcar. Com êsses ingredientes faz-se uma massa que se divide em duas partes. Com uma parte da massa forra-se uma fôrma de porcelana bem untada, enche-se com maçãs, bananas cruas ou qualquer outra fruta polvilha-se com açúcar, cobre-se com a outra parte da massa, apertam-se bem as extremidades, pincela-se com ôvo batido e leva-se ao forno regular durante meia hora.

TORTA PARA PONCHE

Assa-se uma torta de biscoito que se divide, depois de fria, em três partes. Espalha-se uma camada de geléia de abricós e cobre-se com a segunda parte bem umedecida em rum ou licor; espalha-se igualmente por cima geléia de abricós e coloca-se a terceira parte. Cobre-se a torta tôda com uma "glacée" de rum, e quando esta estiver quase endurecida espalham-se por cima amêndoas picadas.

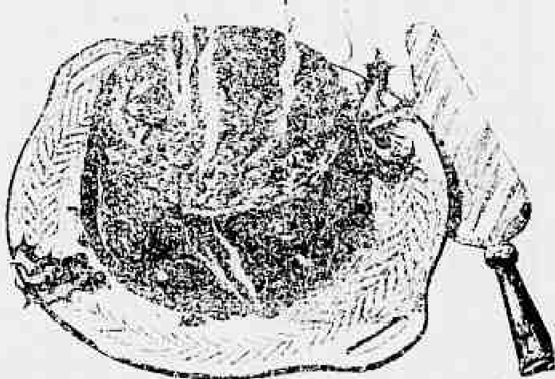
ARROZ DOCE EM FORMINHAS

125 gr de arroz, 1 litro de leite, uma pitada de sal, 100 gr de açúcar, 1 fava de baunilha 6 fôlhas de gelatina, ¼ de creme Chantilly. Cozinha-se o arroz com o leite, o açúcar, o sal e a baunilha até formar um mingau grosso. Em seguida tira-se a fava de baunilha, junta-se a gelatina dissolvida e põe-se o arroz para esfriar. Por fim acrescenta-se cuidadosamente o creme Chantilly.

Deita-se em forminhas de porcelana ou tigelinhas em que se passou água

NA COZINHA

fria. Depois de bem frio, viram-se as forminhas, arrumando-se sôbre um prato grande e enfeitando-se à vontade.



PÃO DE BANANA

Um têrço de xícara de manteiga (75 gr), dois terços de xícara de açúcar (115 gr), 1 ôvo, 2 xícaras de farinha de trigo (240 gr), 4 colheres de chá de fermento, 1 colher de chá de sal, 1 xícara de bananas amassadas. Bata a manteiga, junte o açúcar aos poucos. Junte o ôvo e bata bem. Peneire juntos os ingredientes secos e junte aalternadamente com as bananas amassadas. Forno regular, cêrca de 1 hora.

PÃO DE LÓ COM RECHEIO DE LARANJA

3 ovos, um quarto de colher de chá de creme tártaro, 1 xícara de açúcar, 2 colheres de chá de casca de laranja ralada, um têrço de xícara de suco de laranja, uma e um quarto de xícara de farinha, 1 e meia colher de fermento e um quarto de colher de chá de sal. Separam-se os ovos; batem-se as claras com o creme tártaro até endurecer, adicionando-se-lhe as gemas, uma a uma, batendo-se bem após cada adição. Acrescenta-se o açúcar gradualmente, batendo-se sempre com o batedor de ovos; põe-se o batedor de lado. Junta-se à mistura a casca de laranja ralada e o suco da laranja. Acrescenta-se à mistura a farinha peneirada com o fermento e o sal. Coloca-se a massa em duas fôrmas achatadas das que servem para bolos em camadas, levando-se ao forno brando por cêrca de dezoito minutos.

BOLINHOS DE QUEIJO

Um pão pequeno, amolecido em leite, e passado na peneira, dois ovos batidos aos quais se juntam 2 colheres de açúcar e 1 colher de maisena. Misture e acrescente 200 gr de queijo ralado. Êstes bolinhos são fritos em gordura e polvilhados de açúcar e canela.

TORTA DE SALMÃO

500 gr de salmão, 1 ôvo batido, ½ cebola pequena picada, 1 colher de chá de sal, ¼ de colher de chá de pimenta, 1 xícara de leite e 2 xícaras de farinha de rôsca.

Desfie o salmão. Junte o ôvo batido, a cebola, o sal, a pimenta, o leite e misture. Despeje em fôrma untada e leve ao forno moderado por uma hora. Dá para quatro pessoas.

PESSEGADA

Cozinhe pêssegos, passe pela peneira e pese. Pese o açúcar em pêso igual ao dos pêssegos. Faça uma calda em ponto de quebrar com o açúcar, junte à pasta de pêssego e leve ao fogo, mexendo sempre, até que despegue do tacho.

LACINHOS FRITOS

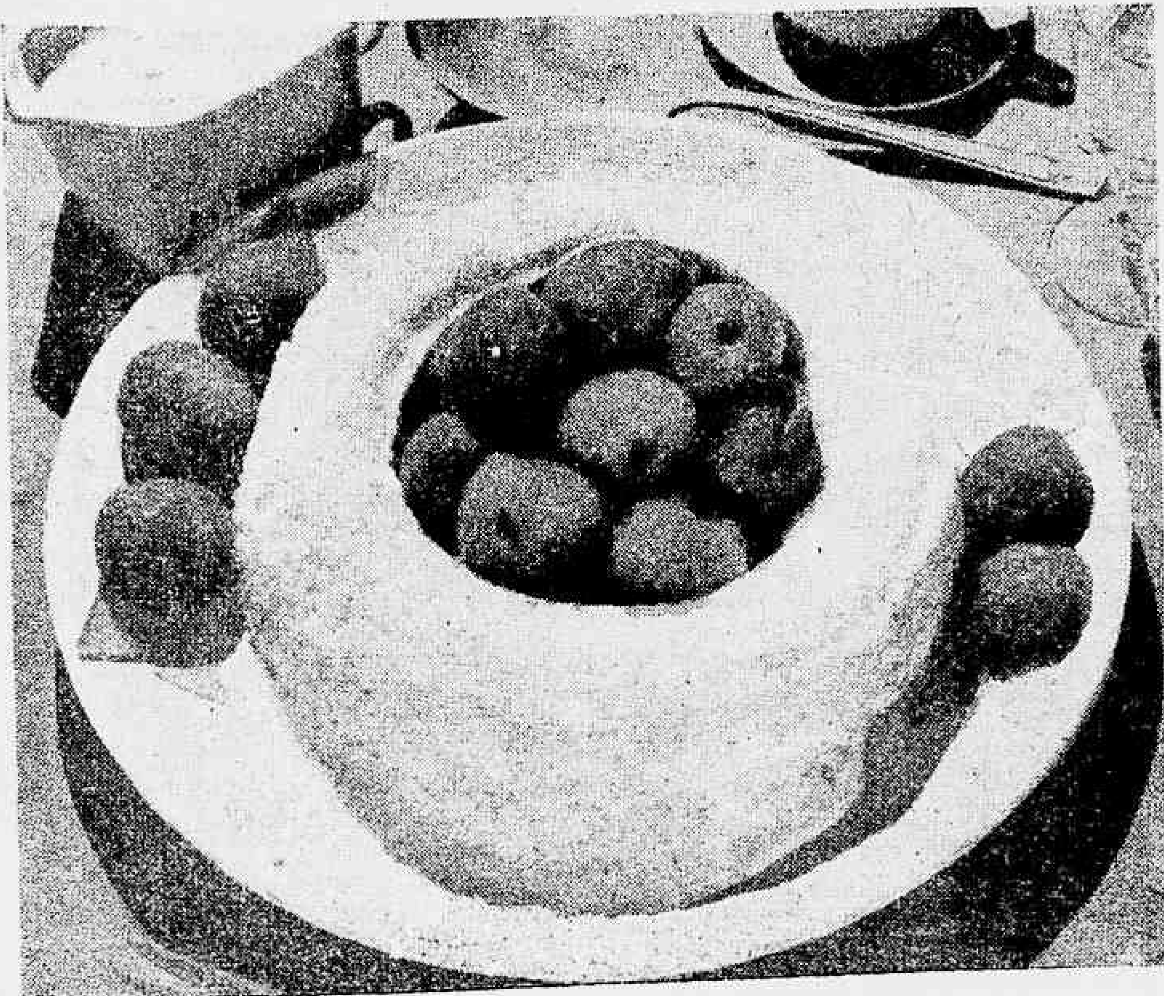
Bata 2 colheres de manteiga com 2 de açúcar, até ficar bem leve. Junte 2 ovos, 4 colheres de leite, uma pitada de raspa de limão ou de noz moscada, misture bem e adicione meio quilo de farinha peneirada com 1 colher de fermento em pó. Amasse, estenda fina e corte como fitas de meio centímetro de largura por dezoito de comprimento. Dê um nó no meio e leve a fritar em bastante banha até ficarem louros. Sirva polvilhados de açúcar.

SALADA JÚLIA

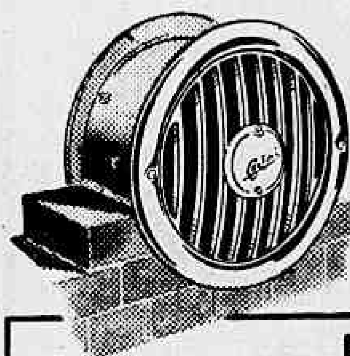
Tome 3 maçãs, 3 peras, 3 laranjas, 2 xícaras de castanhas cozidas, tudo partido aos pedacinhos e misturado. Deite em 12 pratinhos uma camada de alface fina e no centro um montinho de frutas; faça um poço no meio e coloque dentro um pedaço de lagosta. Faça môlho maionese com limão e 2 colheres de creme de leiteria e com êle faça um cordão separando a alface das frutas.

RECHEIOS PARA SALGADINHOS

Faça um creme com ½ colher de manteiga, ½ de farinha, ½ xícara de leite, 2 gemas e sal. Junte tudo picadinho e mais siris de lata e dois ovos duros; ou 150 gr de presunto e petits-pois escorridos; ou ainda 1 frango assado e palmitos; ou galinha cozida e aspargos; ou ½ quilo de camarões e 4 cenouras cozidas.







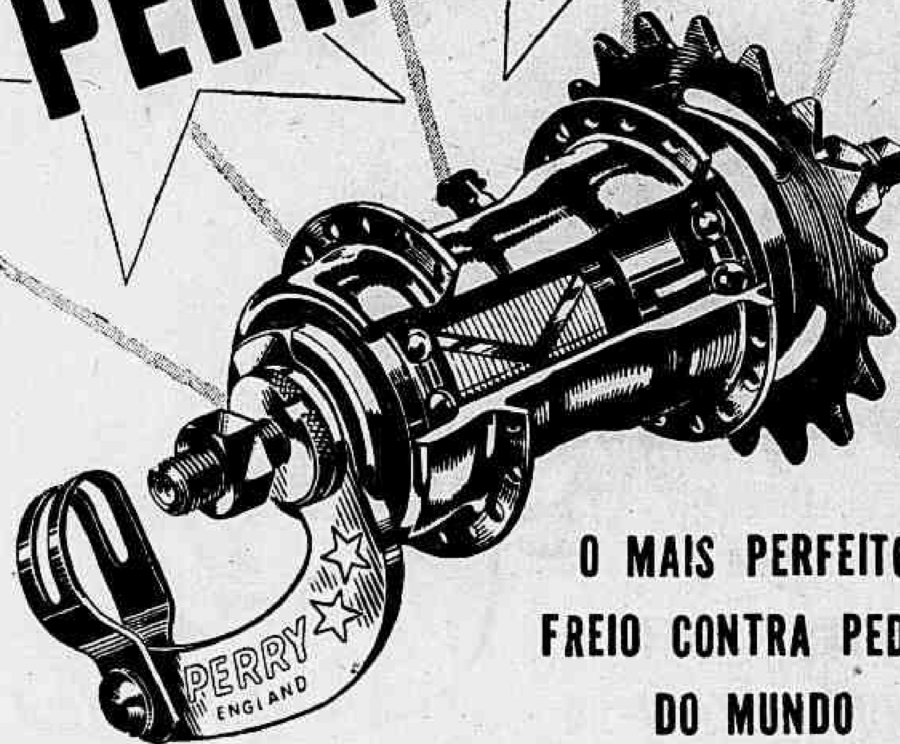
Mantém a cozinha confortável e auxilia a higiêne. É fácil de instalar mesmo em construções já concluidas – funcionamento silencioso. Consumo de energia igual ao de uma pequena lâmpada. Preço acessível. Instale também na sua cozinha um Exaustor Contact.

EMOINGT & CIA. LTDA.
Rua 7 de Setembro, 75 – Tel. 23-3945 – RIO DE JANEIRO

CICLISTAS!

Este é o novo

PERRY DUAS ESTRELAS



O MAIS PERFEITO FREIO CONTRA PEDAL DO MUNDO

FABRICADO E GARANTIDO PELA



PERRY CHAIN COMPANY LIMITED
BIRMINGHAM .... INGLATERRA

Instante decisivo!

Também num instante

BAYER

Instantina

CORTA OS RESFRIADOS

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

MUDANÇA

(*Continuação da pág. 23*)

— Fica pur lá inté esquecê do Manéco.

De olhos fechados, com o espírito perdido nestas recordações, Irene nem se apercebera que o bonde chegava ao ponto, não fosse o carregador despertá-la:

— Sá moça não disse que nóis ia sartá aqui no largo?

— Sim, sim e o senhor sabe onde fica a rua do Carmo?

— Sei. Inda antes d'onte levei lá as mala dum home que sartou em Barão.

— Pois é. E' no número 109 que vou morar.

— Aluguei lá um quarto...

— Já sei, puis foi lá mêmo que levei as mala do dito. E' ali logo, dispois daquela esquina, a primeira "cabeça de porco"...

De novo a moça sorriu do linguajar do carregador mas, chegaram à porta do prédio 109 e ela correu o fêcho da carteirinha, pagando-lhe o carrêto.

No interior do quarto deixou-se cair sôbre o catre, como qualquer um mortal que descansa depois de enfrentar, sob a canícula carioca, uma viagem num "taioba".

Mas, as expressões do negro não abandonavam seu espírito.

Taióba, cabeça de porco...

Quantas recordações estas simples palavras lhe traziam?

Tinha fome, e a língua lhe estalava na bôca salivante:

— Sim, chamava-se "cabeça de porco" aquêle prato delicioso que mamãe preparava tôdas as vêzes que matavam capado na fazenda... Um salame grosso, apimentado, salgadinho inda me lembro... Mamãe sempre mandava dêle para minha merenda no colégio...

Foi assim de insônia, de fome e de delírio tôda a sua primeira noite na nova moradia. O dia já estava claro, mas a paisagem de sua imaginação era ainda sombreada e confusa:

A viagem com o compadre Juca, a convivência com sua filha no subúrbio distante, a freguêsia de costura escassa, muito pobre, enfim, esta mudança...

— Eu preciso arranjar a vida! — meu pai me disse. E Irene saltou, de repente, da cama, estendeu-a escolheu lugar conveniente para a máquina, para a maleta. Depois correu o pente nos cabelos, coloriu os lábios e, cantarolando, para disfarçar as muitas preocupações, começou a colar uma folha de figurino no vidro da janela.

A dona da casa veio chegando, rotunda e palradeira, sem esconder o carregado sotaque:

— Quero ser a primeira freguêsa! Aqui tens êste corte de seda e o modêlo especial. Não faço questão de prêço, mas que o traje me fique exatamente...

— Está bem d. Margarida, está bem.

Durante todo o dia Irene andou às voltas com o tal figurino.

O modêlo em si não era iá dos mais difíceis, mas a blusa trazia um trabalho aplicado que era novidade para a costureirinha.

— "Travail en bouclettes sur les épaules".

— Bouclettes?!

— Que diabo há de ser êste tal de bouclettes? Interrogou-se Irene, em voz alta e com os olhos fixos no retângulo da janela como se quizesse encontrar longe, longe, nas dobras das nuvens, a tão desejada tradução.

— Ah, d. Marócas, perversa d. Marócas! Era a sua antiga professora da provincia, de quém agora se lembrava com um forte senso de recriminação:

— Perversa sim, ruim, má. Por que a senhora não me ensinou a lêr direito, lêr tudo que se escreve, lêr tôdas as línguas?!

— Ai, meu Deus, que saudades! Que saudades das camisas do Manéco e das saias de riscado da Rita que eu fazia de olhos fechados... E diminuida, humilhada pela própria incapacidade debulhava-se em copioso pranto ali mesmo, molhando de lagrimas o espêlho de verniz da máquina e o vestido de seda da exigente freguêsa.

Pouco depois, d. Margarida entrava, arrogante:

— Então, menina, não me metes o vestido em provas?

O vestido está pronto, d. Margarida, mas...

— Olha menina que o quero para o baile da vitória do Vasco!

— Mas, d. Margarida, o vestido tem um bordado que não compreendo...

— Não lêste a descrição do modêlo?

— Mas, eu não entendo aquela língua...

— Não há de pegar por aí o embaraço.

Irene criou alma nova. E a mulher continuou:

— Aqui mesmo na nossa casa tem um estranja, um moço de estudo, correto nas línguas.

— Mora aqui?!

— Não há de que estranhar. Que pensas, pois não? "Cabeça de porco" tem de tudo, minha filha...

A fisionomia iluminou-se-lhe, de repente, e sua voz tomou um timbre mais suave:

— E além de letrado é um bom rapaz, prestativo e até bonitão. Quem déra a Senhora de Fátima o ajeitasse para minha Maria... Só assim eu poderia revêr com êles a minha Europa, que o gosto do "cara" é voltar p'ra terra.

— E a sua casa, d. Margarida?

— Pois então, não havia de faltar quém a quizesse. O que queres? "Cabeça de porco" é um bom negócio, menina...

★

A noitinha, quando Etienne entrou Irene mergulhada na revista de modas, procurando decifrar o modêlo. Mas, o francês da legenda nem o efeito dos "bouclettes" sôbre o vestido não o prenderam tanto os olhos azuis e o talhe esbelto da pequena modista.

A tradução foi feita entre galanteios, donairosos chistes, entrecortados pela veterana vascaina que, furibunda, investia-se contra Irene:

— Põe-te daqui p'ra fora, já! Abelhuda, lambona, furando a chapa da minha Maria!

A noite ia alta, enluarada e cheia de estrêlas, quando Irene fechava a máquina de costura e ajeitava a maleta. Mas, desta vez o rapaz letrado, prestativo e bonitão estava ao seu lado. Já a havia beijado e traduzido ao seu ouvido mais esta frase: O beijo Irene, é "le point rose sur l'i du verbe aimer"...

A BELEZA DOS SEIOS — BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 35,00

PUXE PELO Cérebro

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ...	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura média	Estudante ginasial
De 10 a 15	Cultura superior	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 QUE SIGNIFICA *RACIMO*:
— Espécie de cavalo de corridas?
— Cacho de uvas?
— Povo da Oceania?

2 COMO SE CHAMA A ILHA NA QUAL S. JOÃO ESCREVEU O APOCALIPSE:
— Patmos?
— Chipre?
— Creta?

3 QUANTOS ERAM OS MAIORES DEUSES DA MITOLOGIA:
— Seis?
— Dez?
— Doze?

4 QUEM FOI SAMUEL HAHNEMANN:
— Famoso historiador?
— O criador da Homeopatia?
— General alemão?

5 EM QUE LUGAR EXISTE A MAIOR E MAIS RICA MINA DE NÍQUEL DO MUNDO:
— Na África do Sul?
— Na Califórnia?
— No Estado de Goiás?

6 EM QUE PAÍS ESTÃO AS MAIORES RESERVAS DE FERRO DO MUNDO:
— No Brasil?
— Na Rússia?
— Na Austrália?

7 COMO SE CHAMAVA O MAIOR ASTRÔNOMO DA ANTIGÜIDADE:
— Copernico?
— Hiparco?
— Ptolomeu?

8 QUE NOME TEM O NOSSO ATUAL SISTEMA ORTOGRÁFICO:
— Etimológico?
— Fonético?
— Simplificado?

9 QUANTAS LETRAS FORAM ABOLIDAS EM NOSSO MODO DE ESCREVER COM A REFORMA ORTOGRÁFICA:
— Cinco?
— Três?
— Duas?

10 EM QUE ANO FOI INAUGURADA A ESTATUA DE PEDRO I (RIO):
— 1862?
— 1870?
— 1855?

11 NA ESPRESSÃO *VÊNUS DE MILO*, ÊSSE *DE MILO*, A QUE SE REFERE:
— Ao escultor que fêz a estátua?
— Ao local em que foi encontrada?
— A alguém de nome Milo, seu proprietário?

12 A QUEM SE ATRIBUI A INVENÇÃO DO MICROSCÓPIO:
— A Thomas Alva Edison?
— A Lavoisier?
— A Zacharia Jansen?

13 QUE SIGNIFICA MICROCÉFALO:
— Aparelho de estação de rádio?
— Pessoa que tem a cabeça pequena?
— Espécie de mica do Equador?

14 QUE SIGNIFICA *SIGMA*:
— Letra do alfabeto grego?
— Espécie de horóscopo?
— Caranguejo da Austrália?

15 COMO SE CHAMA O TEMÍVEL E TEMPESTUOSO VENTO DO SAARA:
— Pampeiro?
— Minuano?
— Simum?

16 QUE SIGNIFICA *TEODICÉIA*:
— Cidade egípcia?
— Famosa rainha da Grécia?
— Doutrina filosófica sôbre os atributos de Deus?

17 QUE NOME TINHA ANTIGAMENTE A ATUAL RUA DA CONSTITUIÇÃO:
— Rua do Imperador?
— Rua dos Ciganos?
— Rua dos Latoeiros?

18 GUERRA JUNQUEIRO, GRANDE POETA, ERA:
— Brasileiro?
— Português?
— Espanhol?

19 A QUEM SE DEVE A MARAVILHOSA INVENÇÃO DA LINOTIPO:
— A Santos Dumont?
— A James Watt?
— A Otmar Mergenthaler?

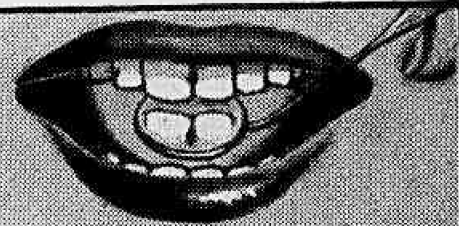
20 QUE NOME TEM O CAMELO DE UMA SÓ CORCOVA:
— Antilope?
— Lhama?
— Dromedário?

(Resposta na página 58)

UM SORRISO FELIZ E SAUDÁVEL É TÍPICO DO KOLYNOS-ISTA!



MAS, VEJA ESTE CONTRASTE... olhe os dentes de outra boca... cariados e mal cuidados. Isto poderia ter sido evitado, com uma visita ao dentista e o uso diário de Kolynos.



GUERRA ÀS CARIES! SOMENTE KOLYNOS AS COMBATE destes 3 modos

1. ELIMINANDO OS ÁCIDOS DA BOCA
Os ácidos da boca, que causam as caries, ficam neutralizados logo que os ingredientes anti-ácidos de Kolynos se põem em contacto com a saliva. Esses mesmos ingredientes dissolvem a película que sentimos sobre os dentes, antes de escová-los com Kolynos. É nessa película que as bacterias se ocultam e se reproduzem.

2. DESTRUINDO AS BACTERIAS
A conhecida bacteria "Lactobacillus Acidophilus Odontolyticus" é a produtora dos ácidos que provocam as caries dentarias. Somente Kolynos contem certos ingredientes bactericidas que são mortais para essas bacterias. Estudos científicos realizados em famosas universidades norte-americanas e européias, provaram que Kolynos destroi cerca de 92% das bacterias da boca. *Este efeito de Kolynos dura varias horas.*

3. LIMPANDO PERFEITAMENTE
A espuma penetrante e refrescante de Kolynos retira as partículas de alimentos deixadas pela escova... e mantem os ingredientes protetores de Kolynos na superficie dos dentes, para evitar que se forme nova película. Essa espuma penetrante leva os ingredientes anti-ácidos e bactericidas de Kolynos aos lugares perigosos... *atacando realmente a causa principal das caries.*

Delicioso sabor refrescante! E ECONÔMICO TAMBEM: Basta 1 cm. na escova seca.



Melhores resultados são obtidos escovando-se os dentes com Kolynos, depois de cada refeição

K-306

A SAÚDE DO BEBÊ

ALGUNS MALES DO RECÉM-NASCIDO

DR. SABOIA RIBEIRO

ASSUSTAM-SE a miúde as mães, não sem razão, diante de certos desvios da normalidade que se patenteiam no recém-nascido, às vêzes sem qualquer alteração no estado de saúde aparente, não obstante seu aspecto extranho, outras revelando, de logo, o inteiro caráter patológico, orçando o quadro da criança pela própria deformidade.

Às primeiras manifestações podemos chamar, com Chiaffarelli, *moléstias que não são moléstias;* quanto às segundas, trata-se de certas *malformações congênitas,* e que se explicam pelos desvios de evolução, ligados a causas complexas, quer na concepção quer durante a gestação.

Vejamos.

MOLÉSTIAS QUE NÃO SÃO MOLÉSTIAS

1 — *Icterícia dos recém-nascidos* — Em cêrca de 80% dos recém-nascidos a pele exibe uma tonalidade amarela que, primeiro no rosto, dentro de 3-4 dias alcança todo o corpo, aqui mais, ali menos intensa. Várias são as hipóteses aventadas para explicar a *icterícia dos recém-nascidos,* porém parece mais aceitável a que atribui à reabsorção da bile durante a vida intra-uterina do feto, ou à formação intensa, entre o terceiro e décimo dia, de pigmentos biliares do recém-nascido, os quais em parte caem na torrente circulatória, impregnando a pele.

No decorrer da segunda semana costuma a coloração assafroada da pele desaparecer completamente, e mesmo independente de qualquer remédio. Todavia, caso se pretenda auxiliar a cura com alguma coisa vai bem uma água mineral alcalina, tipo Prata, 100/150 gramas diárias, às colherinhas, de hora em hora.

2 — *Febre dos recém-nascidos* — E' outra manifestação que não é raridade, andando a temperatura entre 37,5 e 39º, podendo às vêzes atingir 40º.

Essa febre dos recém-nascidos corre por conta de uma como sêde interna da criancinha, parecendo que ela nasceu com uma certa falta de água nos seus tecidos, o que se confirma pelo tratamento, dando-se água ou chá à criancinha, generosamente, com o que cessa a febre.

3 — *Língua pregada* — Pode o freio da língua avançar um pouco mais até a ponta, gerando a ocorrência chamada "língua pregada".

Dão-se muita pressa, nestes casos, em mandar secionar o freio da língua na sua inserção na ponta da língua, porém êste não é necessário.

Com essa prática apenas é levado a efeito um ato perfeitamente dispensável, pois o freio da língua, com o correr do tempo, tende a se atrofiar, cessando espontâneamente o estado de "língua pregada". A ponta desde então se move inteiramente à vontade, executando todos os movimentos nos diferentes sentidos.

O seccionamento do freio da língua determina, no mínimo, uma ferida aberta na bôca da criancinha, que, se cura depressa às mais das vêzes, noutras pode ensejar uma infecção e mesmo hemorragias que cumpre sempre evitar.

4 — *Acidentes hemorrágicos e outros* — Nas crianças do sexo feminino pode às vêzes, logo na primeira semana, correr um fio de sangue das partes genitais. A explicação é a seguinte: substâncias ovarianas, circulantes no sangue materno, na fase de gestação, provocam processos congestivos da mucosa uterina da criancinha, ocasionando essa precocé hemorragia sôbre a qual se deve estar avisado.

— Nos paninhos do recém-nascidos observam-se, a miúde, estrias avermelhadas, cuja coloração faz que logo as confundam com sangue. Não são, porém, e sim areias côr do pó de tijolo, conforme um exame mais atento depressa constata, as quais não devem causar nenhuma inquietação.

MALFORMAÇÕES CONGÊNITAS

Dentre as mais freqüentes avultam principalmente o *lábio leporino* e a *guela de lôbo,* devidos ambos à incompleta junção, durante a evolução fetal, respectivamente, do lábio superior e osso da abóbada palatina.

Pertencem êstes casos, essencialmente, ao domínio da cirurgia ortopédica e tal seja a complexidade da anomalia aparente, trata-se de verdadeira deformidade, cuja reparação se impõe logo que decorridos os três primeiros meses. Nos casos mais discretos, o fechamento daquela se dá espontâneamente dentro do referido período, o que é mesmo a regra.

A amamentação, quer no lábio leporino, quer na guela de lôbo, se cêrca, às vêzes, de muitas dificuldades, exigindo algum artifício, sob pena em certos casos de estabelecer-se o estado de subnutrição e inanição da criança e com isto o seu desaparecimento.

Anomalia circulatória da criancinha pode denunciar a malformação com sede no coração. Há sempre desconfiar disso tôda vez que se depara a côr azulada das unhas das mãos e dos pés (aliás, por vêzes, muito discreta e passando despercebida), ou quando a respiração da criancinha e de natural acelerada ou se torna mais rápida e penosa após algum esfôrço, como no chôro ou ato de mamar. Muitas vêzes trata-se de um defeito consistindo na presença de um orifício normalmente já obliterado por ocasião do nascimento, e à qual se deve a mistura do sangue arterial e venoso na sua passagem pelo coração.

O SEGRÊDO DE SUA MOCIDADE!...

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, a sua côr natural. Para completar a sua beleza e personalidade use êstes produtos da Multifarma:

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a embalagem verde)

Vinho Chico Mineiro

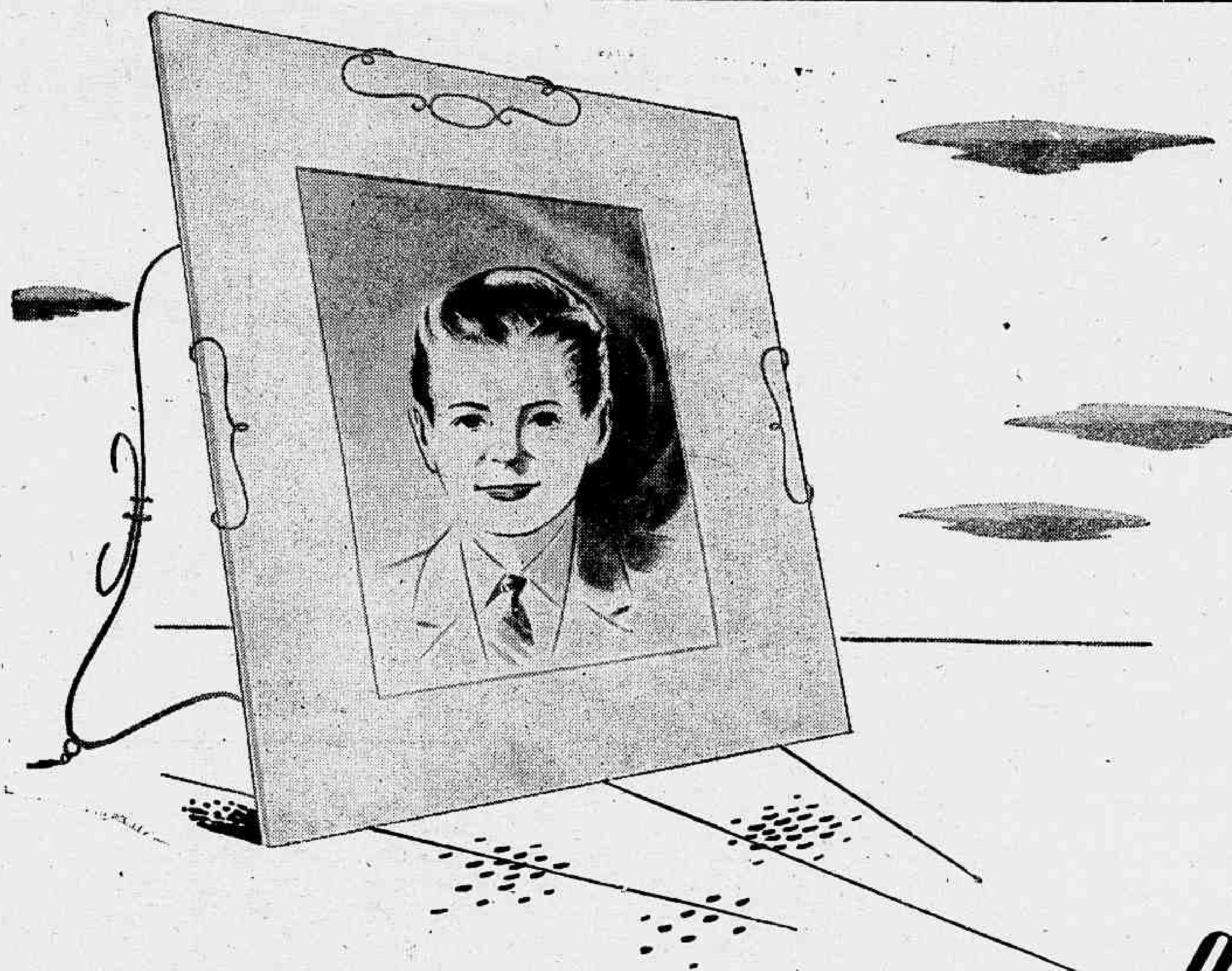
SEJA INTELIGENTE! NÃO ESPERE ENGORDAR DEMAIS. TOME DE HOJE EM DIANTE VINHO CHICO MINEIRO QUE CONSERVARÁ O SEU PORTE ELEGANTE. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

MULTIFARMA

Praça do Patriarca, 26 — 2.º

S. PAULO

Remetemos pelo Reembolso



Que será seu filho AMANHÃ?

advogado
engenheiro
médico ou ...?

Seu futuro depende do presente - da sua capacidade para dedicar-se aos estudos. Depende das energias que o Tônico Infantil fornece ao organismo da criança. Contendo em sua fórmula fósforo, cálcio, arsênico, iôdo, tanino e vitaminas - os elementos de que as crianças mais necessitam na idade escolar - Tônico Infantil permitirá a seu filho ser, hoje, um colegial exemplar... amanhã, homem de verdade.



TÔNICO INFANTIL

A boa aparência é tudo. Embora velhos os seus móveis, torne-os novos aplicando óleo de peroba.

TERREMOTO!!!

NO MERCADO DE PERFUMES!

NOVA TABELA

TIPOS DE PERFUMES	Essências 10 gr. Cr$	Extratos 50 gr. Cr$	Loções ¼ Cr$
Jasmim Super ...	10,00	22,00	30,00
Crepe A — Super	12,00	22,00	30,00
Madeiras A — Super	12,00	22,00	30,00
Rosa Natural — Super	13,00	22,00	30,00
Violeta B — Super	13,00	22,00	30,00
Q. Fleurs — Super	15,00	25,00	35,00
Fl. Amor — Super	15,00	25,00	35,00
Mitzko — Super ..	18,00	25,00	35,00
Arp. S — Super ..	20,00	35,00	40,00
Tabac B — Super	21,00	35,00	40,00
Tabul — Super ..	25,00	35,00	40,00
Chan 5 — Super	25,00	35,00	40,00
Nuit N — Super ..	25,00	35,00	40,00
Cuir R — Super ..	25,00	35,00	40,00
Narcisse N — Super	25,00	35,00	40,00
Pretx — Super ...	35,00	45,00	55,00
Rumores — Super	35,00	45,00	55,00
Escandalo — Super	35,00	45,00	55,00
Tabul GR — Super	35,00		
Flor Maçã LF ...	50,00	70,00	70,00
Soupplesse LF ...	50,00	70,00	70,00
Biarritz LF	50,00	70,00	70,00
Monte Carlo LF ..	50,00	70,00	70,00
Arabesque LF ...	60,00	80,00	80,00
Heno del Campo LF	60,00	80,00	80,00
Casino LF	60,00	80,00	80,00
Violette Feuilles LF	85,00	105,00	105,00
La Rose Rougeatre LF	85,00	105,00	105,00
Despesas Reembôlso	6,00	6,06	6,00

Não aceitamos pedidos menores de Cr$ 100,00. Os perfumes marcados LF são legítimos franceses

Vendas pelo REEMBÔLSO POSTAL

A FEIRA DAS ESSÊNCIAS

Av. Marechal Floriano, 67

Sob. — RIO DE JANEIRO

AS NORMALISTAS...

(Cont. da pág. 7)

grandes", pois, que os deixem em az...

★

Lá embaixo, no páteo das ginaianas e normalistas, o ambiente não ra menos agradável. As jovens, aos rupos caminhavam de um lado ara outro, ou, paradas, cada qual ontava as suas últimas novidades. iscutiam sôbre as saias dos seus niformes, o penteado da colega e namorado da vizinha... Uma conava que tinha ido passar as férias n S. Lourenço, e narrava a "conersa" do galanteador que a aconseiou a não beber muita água rádiotiva, pois que ficaria "atômica"... utra chamava a atenção da colega, ue estava usando brincos, o que o Instituto é proibido. Outro asnto era a questão do casamento elas mesmas, que o prefeito, proiiu, a não ser que abandonassem o curso, o que, na ocasião, deu muito o que falar e até foi parar na letra de um samba. Disse-nos uma que talvez abandone o curso êste ano porque vai ser "pedida" e seu pretendente não é dêsses que suportam esperar muito. Vamos perder uma bonita professora... Quase tôdas se mostram aborrecidas com a medida, embora nem tôdas pensem ainda em casamento.

— Mas — disse outra — qualquer empecilho ao casamento é um absurdo. Ora essa! Se o casamento atrapalha o estudo o estudo atrapalha o casamento...

★

De repente tiniu a campainha e o recreio do primeiro dia de aula estava terminado. Mais uma vez as jovens entraram em fila e cada qual procurou a sua sala. O primeiro dia de colégio após as férias é dedicado ao contacto com o professor, ao conhecimento dos livros que deverão, comprar, o programa letivo, o horário das aulas. E' o dia do desabafo, quando as jovens soltam logo as novidades que têm para as colegas e amiguinhas, delatam segrêdos que vinham guardando dêsde dezembro. Descongestionando as novidades dão expansão à alma para poderem entrar firmes nos estudos. E o ano escolar não é "sopa". Para se ficar a par dos primeiros fatos da era atômica é preciso ter muita base... e outro remédio não há que não cair sôbre os livros. Todos os anos isso se repete.

No Instituto de Educação nada menos que 5.249 jovens estão matriculadas, contando-se entre elas os garotinhos do jardim da infancia, assim distribuidos: jardim da infância — 519; curso primário — 1.590; curso ginásial — 1870; curso normal — 1360. Dados aproximados, porquanto o número exato de alunas sòmente agora é que está conhecido, com o início das aulas, pois todos os anos, muitas matriculadas, deixam de frequentar o curso, pelos mais variados motivos. Funcionam no Instituto noventa e uma turmas de 30 a 35 alunas cada uma. Cresce anualmente o número de matrículas e o estabelecimento já se ressente da falta de espaço. A matricula no jardim da infância, por exemplo, êste ano foi reduzida à metade por falta de instalações. O prof. Mário de Brito nos declarou que infelizmente não pode admitir no Instituto quantas candidatas se apresentem. Felizes, pois, as jovens que lá estão. O curso é puxado, os professores muito exigem delas. As jovens do Instituto de Educação, apesar da vida rigorosa que levam, sabem, no entanto, que êstes são os melhores anos de sua vida...

BANCO DO COMERCIO S. A.

FUNDADO EM 1875
O mais antigo da praça do Rio de Janeiro
Sede:
RUA DO OUVIDOR, 93-95
TEL 43-8966

Agências no: Distrito Federal. Estado do Rio, Estado de São Paulo, Estado de Minas Gerais

★

Tôdas as operações bancárias inclusive câmbio

Para a renovação dos seus móveis, torna-se indispensável a aplicação de óleo de peroba.

UM MÉTODO SIMPLES DE ELIMINAR OS PÊLOS



Uma ligeira camada de DEPILATÓRIO SEREIA nas axilas, pernas e braços. Em cinco minutos desaparecem os pêlos. Prefira



Depilatório SEREIA

Pedidos à Perfumaria Sereia Ltda. República Perú, 326 - Rio



Está faltando o melhor...

quando falta às suas refeições

MALZBIER DA BRAHMA



Sim! Falta o melhor! O melhor em sabor... o melhor em prazer... o melhor para completar sua refeição quando falta a nutritiva Malzbier da Brahma! Rica em malte, Malzbier da Brahma melhora seu almôço... reforça seu lanche... e equilibra seu jantar. Tenha sempre à sua mesa a saborosa Malzbier da Brahma para compensar a falta de um ou outro alimento básico. Um copo de Malzbier da Brahma tem o mesmo valor energético de um belo ovo de granja ou de um bom bife. Não deixe faltar o melhor à sua refeição: A saborosa Malzbier da Brahma — a cerveja do lar... tão apreciada por todos!

EM GARRAFAS E ½ GARRAFAS

PRODUTO DA CIA. CERVEJARIA BRAHMA S. A. — RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO — PORTO ALEGRE — CURITIBA — P. FUNDO

MÚSICA

PUCCINI

"Turandot" e "Madame Butterfly" — Uma obra incompleta

De ROBERTO LYRA FILHO

O Scala, de Milão, em homenagem especial, evocou a figura de Puccini, inaugurando a temporada oficial com uma de suas óperas mais famosas — a "Boheme".

O espetáculo, não tendo obtido grande sucesso, quanto à interpretação, levou, contudo, ainda uma vez, ao palco da tradicional casa de espetáculos, uma das obras em que a poderosa inspiração do compositor derramou, com mais abundância, o sabor das melodias — a partitura que veste a história de Mimi, garantindo, com a delicada emoção que ali vibra, a imortalidade, na transposição operística, do romance de Murger.

"TURANDOT" e "MADAME BUTTERFLY"

Entretanto, a "Boheme" não é, pelo seu teor musical, a obra mais importante de Puccini. Pode-se dizer, com mais propriedade, que constitui peça representativa de um estado de espírito, de uma época romântica, da qual é símbolo incontestável, documento artístico de grande valor.

Se procurarmos, porém, realização mais vigorosa e complexa, onde o gênio de Puccini, ultrapassando a pura exploração da sua capacidade de produzir melodias atraentes, aplique os seus recursos fecundos em estrutura dramático-musical mais sólida, é na inacabada "Turandot" que descobriremos o apogeu de sua carreira.

Repassando as etapas do desenvolvimento de Puccini, da expansão e amadurecimento de sua personalidade artística, das suas qualidades invulgares, já vários musicólogos esboçaram, no estudo comparativo de "Mamade Butterfly" e "Turandot", o caminho trilhado pelo compositor, rumo a uma fusão cada vez mais completa do elemento dramático com o revestimento musical, nas óperas.

Em "Madame Butterfly", ainda é o gôsto do pitoresco e a opulência das melodias a nota predominante, apesar de já ali divisar-se a capacidade de situar e expor, musicalmente, as situações e os conflitos indicados no libreto.



O genial autor Puccini

Êsse dom cresce e acaba dominando, na segurança com que, em Turandot, o mesmo ambiente oriental é evocado, sem preocupação de exotismo, mas com um critério de autenticidade.

Além disso, é ainda em Turandot que a construção musical atinge relêvo arrebatador, menos como exibição de virtuosismo na invenção melódica do que como apresentação sóbria, mas enérgica, em linguagem musical de evidente originalidade, do traçado literário do libretista.

E quem ouve essa partitura pode afirmar que a música de Puccini se tornou mais profunda, mais densa, sem sacrificar o brilho, a riqueza, o calor de suas ardentes melodias.

O DISCÍPULO DE PUCCINI

Infelizmente, porém, "Turandot" é uma obra incompleta, sem o acabamento meticuloso, que lhe daria o compositor, caso a morte não o houvesse surpreendido em plena atividade criadora. E se é verdade que o maestro Alfano alinhavou o corte magistral da ópera com escrupuloso respeito das intenções e das indicações do mestre, sente-se, no final, reconstituído com base nos apontamentos encontrados entre seus papéis, a ausência do gênio que animou as outras inesquecíveis páginas da partitura.

ASTÚCIAS DE MULHER (Cont. da pág. 36)

— Diga Lúcia Rosa.

— Terá, realmente, meu marido sido enganado por mim, êle que é considerado pelos colegas um grande psiquiatra!

— Não chore Lúcia Rosa! Há sempre um jeito de consertar-se as cousas. Pensemos. (E, realmente, pensei na vida de truques e farsas de minha amiga para conseguir o que desejava). Pronto, aí está o remédio: dê um herdeiro a Carlos Alberto e, naturalmente, um empecilho às suas contínuas saídas, porque um bebê é para sua mamã um senhor autoritário, exigente e adorável. Que tal?

Lúcia Rosa sorriu entre lágrimas e, apesar de seu propósito de não querer filhos nos primeiros anos de casada, explodiu triunfante:

— Que pateta sou, contando minha vida íntima a você sem antes ter pensado neste "golpe" genial!

TERRA DE TRABALHO (Cont. da pág. 32)

vinculada ao nome dessas ilustres famílias sul-riograndenses.

★

O Museu Retrospectivo da Imigração, organizado pelo Irmão Marista Roberto Gasparoto, da Universidade Católica de Pôrto Alegre e pela professôra Sueli Bastos, ambos descendentes de imigrantes e nascidos em Caxias, foi das mais impressionantes atrações que nos proporcionou a Exposição Agro-Industrial inaugurada nas festividades que vimos assistir.

Lá pudemos ver velhas colonas, de roupas humildes, pele desafiando o tempo e cabelos de neve, cardindo e fiando linho no fuso e na roca, tal como o faziam ao pisar o solo gaúcho pela primeira vez: Eram Joana de Carli, de 60 anos de idade, Maria Casal, de 64, Curglina Speccionarin, de 78, Antonia Lasa, de 80, Casola Angela, de 75, e Maria Bolvan, de 74 janeiros. Uma cozinha autêntica, foi reconstituída nesse museu precioso, com todos os apetrechos de trabalho utilizados quando se desbravavam as matas: bigornas, martelos, relógios de sol, instrumentos que não se usam mais, velhas máquinas, arcaicas, que exigiam muito vigor físico para funcionar, mapas complicados, tudo pacientemente recolhido por aquêles documentadores da imigração e colonização, inclusive retratos dos antepassados, de humildes cidadãos trajando à época, fartos bigodes e cabelos sem vestígios de pente, homens que dividiam o tempo na cultura da terra e no roçar do milho, nem sempre bem alimentados, com peças precárias de trabalho, sujeitos às intempéries, à deficiência do meio e à investida das onças e outros animais ferozes...

★

Êste episódio ocorreu no dia em que o presidente Eurico Dutra chegou a Caxias para assistir aos festejos acompanhado de grande comitiva — e foi reproduzido pelos confrades gaúchos. Os rapazes da Imprensa, ávidos de novidades, acercaram-se de alguns dêsses membros para saber novidades sôbre a palpitante questão presidencial. Era o ministro Pereira Lira o mais acessível e loquaz. Quando lhe fizeram a pergunta, à queima-roupa, s. s. respondeu:

— Mas vocês querem mesmo saber quem é o candidato?

E de bom-humor:

— Então ouçam: Se o presidente vem ao Rio Grande do Sul, é porque o candidato está aqui...

Uns entenderam, outros fingiram. Mas desconversando, já o ministro Pereira Lira conduzia o assunto para outro rumo:

— E afinal — rematou — quem sabe se não acabamos escolhendo... a Rainha da Uva?

Essa, porém, já estava eleita naquela ocasião. O futuro presidente — quem sabe?

INGRID BERGMAN... (Cont. da pág. 21)

muitas flores, preito sincero dos italianos que tanto a admiram. Só na América é ela olhada como um ser impuro. Fôsse noutro lugar, vá lá, mas logo na América, onde o divórcio é o "chic" do país e onde talvez escândalos dêsse tipo não cheguem a estourar porque as interessadas tomam as tais providências criminosas antes que seja tarde! Insurgiram-se contra Ingrid por se haver apaixonado por um italiano, feio, barrigudo e quase careca. Será que o italiano é um ser tão desprezível assim? Será que na América os feios não têm direito ao amor? Será que lá são todos bonitos? Só os bonitões e atléticos hollywoodianos que privaram com a artista sueca teriam direito aos seus favores amorosos? Que são êles, donos dêste e do outro mundo? Pregam aos quatro ventos a liberdade e querem cerceá-la naquilo que as pessoas têm de mais sagrado: o amor? Naturalmente na ficha de Ingrid deve estar escrito que se houvesse interêsse para a propaganda, ela só poderia ter um caso amoroso e provocar um escândalo com um Tyrone Power, por exemplo, ou coisa parecida.

E' por essas e por outras que se alguém perguntar a Ingrid Bergman: "E Hollywood?", ela é bem capaz de responder como Joana d'Arc: "Je m'en fous!"

"DEUS, BRASIL... E O MARANHÃO" (Cont. da pág 27)

pretes das aspirações de milhões de trabalhadores brasileiros; *d* — criar e defender um ponto de equilíbrio nas fôrças de produção, representadas pelo Trabalho e o Capital, numa organização econômica e social que torne êsse equilíbrio estável e não precário, fácil de ser subvertido ou deslocado sob a pressão de fôrças externas ou [...]riores; *e* — reforma da legislação social trabalhista, [...]lhorando-a, para melhor enquadramento na defesa dos [...]terêsses das classes trabalhadoras; para incentivo à [...]dução agrícola pela proteção ao trabalhador rural, [...]gado as centenas de milhares, por falta de amparo e[...]ente do Estado; *f* — fixação do homem à terra que [...]tiva, pelo amparo dos poderes públicos e das leis so[...] com a sua assistência médica e educativa, para lhes d[...] recuperação humana, social e econômica, de que ca[...]recerem; *g* — planejamento de um vasto programa [...]nal de orientação, sugestão e ação próprias, ou junto [...] governos, no sentido de atender às necessidades e [...] das classes trabalhistas, pondo em primeiro plano [...] logo, as grandes massas camponesas; *h* — combate [...]munismo."

★

Perguntamos à direção dessa agremiação, quais as [...] fontes de renda e quais as suas despesas. Informou[...] o sr. Luís Martins e Silva, secretário-geral, que as [...]pesas de sede, no fim do ano passado, atingiram a [...] de 150.000 cruzeiros, inclusive pagamento do red[...] número de funcionários da secretaria e aluguel da [...] uma única e ampla sala do edifício da Avenida Chu[...] n. 109, 9º andar. Pelos estatutos do partido, cada [...] seus representantes tem que contribuir com 10% dos [...]sídios, sendo a contribuição dos demais militantes [...]trada pela direção, de conformidade com as possibili[...] de cada um. A renda dos sociais-trabalhistas pr[...] quase que exclusivamente das suas bancadas no Rio, [...]ranhão, Alagoas e contribuição obrigatória dos diret[...] do partido nos Estados e Territórios.

Mantém o PST, nesta capital, um pôsto de assist[...] médica aos eleitores, no Realengo, a cargo do sr. [...] Novais, médico, candidato a deputado federal nas [...]ximas eleições. Ali, segundo nos informou a secret[...] do partido, são atendidas mais de 3.000 pessoas por [...] No Maranhão e em Alagoas, onde o PST é rei, os d[...]tórios estaduais e municipais do PST mantêm gr[...] número de postos de assistência médica aos seus [...]ciados.

★

No Rio, o PST é presidido pelo coronel Frederico Tr[...] figurando os srs. Nelson Procópio de Sousa, Otávio [...]cópio de Sousa, Pulchério Machado e Henrique Cam[...] como 1º secretário, 2º secretário, tesoureiro e procur[...] respectivamente. A Comissão Executiva nacional com[...]se dos srs. senador Vitorino Freire — presidente; [...] Augusto Franco — vice-presidente; Luís Martins e S[...] — secretário-geral; Carlos Lóssio da Silva — tesoureir[...] Arlindo Otero Sanches — procurador. Na Comissão Fi[...] figuram os srs. Júlio Soares dos Santos, José Pereir[...] Silva e Moisés Coutinho. Do Diretório Central fazem [...] todos os deputados eleitos pelo partido e os que a [...] aderiram e com êle estão firmes e outras figuras pro[...]nentes dessa entidade na órbita estadual, além do g[...]nador Silvestre Péricles e do senador Vitorino Freire.

Muitos são os vitorinistas que ocupam posições de [...]taque nas autarquias e outros órgãos da administração [...] país. Podemos citar os srs. José Matos, diretor do Ba[...] da Borracha; Josue Montelo, diretor da Biblioteca Naci[...] Remy Archer, presidente do I.A.P.C.; Armando Fal[...] presidente do Instituto dos Marítimos; Fernando Fal[...] diretor do Instituto do Sal; Silvestre Fernandes, diretor [...] Pessoal da Divisão de Seleção do DASP; Aluízio Frago[...] Lima Campos, suplente do senador e secretário do Mi[...]tro da Fazenda; Raul Miliet, presidente da Caixa dos [...]roviários; Helvécio Marques, diretor de divisão no In[...]tituto do Sal; Coronel Frederico Troita, presidente da [...] Industrial; Rui Archer, também diretor dessa mesma [...]prêsa; Alberto Blois, Diretor Geral da Previdência S[...] do Ministério do Trabalho, e outros. O sr. Luís Aug[...] França, vic-presidente do partido, é um dos princ[...] acessores do ministro do Trabalho no setor da pol[...] sindical e ocupa cargos dos mais relevantes na admi[...]tração das entidades sindicais sob intervenção do [...]vêrno.

★

O PST está se arregimentando para os próximos [...]bates eleitorais. Além das seções já existentes, vem s[...] reorganizado em Minas, S. Paulo, Paraná e outros Est[...] A seção de S. Paulo vai ser entregue ao coronel Nels[...] Aquino; o partido conta obter grande apoio no eleit[...] católico paulista. Declarou-nos o sr. Luís Martins e S[...] que além de secretário-geral é coordenador político do [...]tido, ir propor ao Diretório Central que os candidat[...] partido para o pleito de outubro vindouro sejam [...]lhidos pelo critério de classes, conclamando os elem[...] mais prestigiados de cada uma, que formam ou ve[...] a formar nas fileiras do partido. Terá então o PST [...] escolher, por exemplo, um ferroviário, um militar, [...] bancário, um comerciário, um jornalista, um comerci[...] um estivador, um radialista, um "camelot", um artista, [...] industrial, etc. e adiantou-nos que o sr. Floriano Fa[...] será o provável candidato social-trabalhista à Câmara [...]nicipal, pelo grupo dos artistas de teatro, assim com[...] sr. Júlio Louzada, à Câmara Federal pelos radialist[...] Consta, aliás, dos estatutos do partido que os seus di[...]tórios devem ser constituídos por dois terços de trab[...]dores. Conta o PST obter o mínimo de 700.000 votos [...] todo o território nacional. Bafejado pelo presidente Du[...] com sua política de representação por classes, fazendo [...] Deus e Pátria o seu lema e brandindo a arma do an[...]munismo desenraigado, espera o PST que a massa [...] trabalhadora e católica do país lhe dê o voto.

"Para a presidência da República, o partido ficará [...] lado do candidato que tiver o apoio e a confiança [...]neral Dutra" — disse-nos um dos seus dirigentes. O[...] será a opinião do eleitorado?

SERÁ QUE O CORAÇÃO DE MARION RESISTIRÁ AO JOVEM LANCE?

Marion NÃO QUER CASAR

Muita gente me julgava uma jovem de êxito seguro apesar de meus 23 anos, pois que eu era assistente de Mme. Harriette, famosa desenhista de modas. Achavam que minha carreira estava garantida. Homens importantes desejavam casar-se comigo; mas o casamento não fazia parte de meus planos.

— Marion, você sabe que a amo. Consinta em casar-se comigo!

— Oh, Roy! Para que perde seu tempo com êsse assunto? Não sabe como detesto o casamento?

— Muita gente está satisfeita com o casamento. Mas eu prefiro permanecer livre.

— Por que? Deve haver alguma razão para isso, para essa aversão ao casamento!

— Acho que o fato tem origem na minha infância. Meus pais não foram felizes no casamento e minha infância foi desventurada.

1

— Recordo-me de que fui testemunha de uma cena entre meus pais.

— Não quero que ninguém se meta com a minha vida! Você não se emenda e agora... Adeus!

— Minha filha! Não permita que nenhum homem faça isto com você. Os homens são brutos e pensam que somos suas escravas. Lembre-se disso sempre, ouviu?

— Você é encantador, Roy. Mas não aceito propostas para casamento de ninguém. Quando quero pensar diferentemente me lembro das brigas de meus pais. Não. Casamento, não se fêz para mim.

— Compreendo, Marion. E sinto muito.

— Roy querido! Encontrá-lo nesta taça elegante!

— Lance! Que prazer revê-lo!

— Marion, êste aqui é meu velho amigo Lance Weatherford. Lance, Marion Brent. Quero que se tornem dois bons amigos.

— Encantado! Espero que seremos ótimos amigos, Miss Brent!

E o fomos, realmente. Nunca acreditei encontrar um homem como Lance. Vibrante, belo, sempre pronto para divertir e realizar aventuras. Fomos excelentes camaradas e não tive medo de receber sua proposta... porque êle também não pensava em casamento.

CONTINUA

2

AINDA QUE PAREÇA INCRIVEL

Esse é o mundo do ainda que pareça incrível. As agências telegráficas enchem os jirnais de notícias inacreditáveis!

— O filho de Roberto Rossellini foi registrado como de mãe desconhecida!
— Vê! Êles já estão usando chocadeira?!

— A Legião Brasileira de Assistência de Alagoas diz que quem não pode criar filhos, não deve tê-los!
— Nêga maluca!...

Mariana foi visitar John Bull, mas levou os comes e bebes!
— E nós que mandamos buscar caviar em Paris para o presidente do Chile?!

— O Senado vetou a nomeação de um diplomata.
— Que falta de diplomacia; mas quem foi que disse que não há Poder Legislativo?

— Dizem as agências que o disco voador caído no México, era guiado por um aviador de 59 centímetros!
— Já estão misturando as notícias com as histórias de quadrinhos!...



Grupo feito na estação de Waterloo, em Londres, quando da chegada à capital britânica, do artista Gregory Peck, sua espôsa Greta, seu bebé Carey Paul, de cinco meses, Stefano de três e Jonathan, de cinco. Gregory Peck foi a Londres a fim de filmar "Captain Hornblower", interpretando o papel de um oficial da marinha inglêsa de 1805



A atriz Esther Williams e seu esposo, o ator de rádio Ben Gage, deixam-se fotografar pela primeira vez com seu filho, Benjamino, de dois meses. Esther estreou no cinema em 1942 e está rodando atualmente a película "Duquesa de Idaho", depois de haver ficado ausente de seus trabalhos por muitos meses, em virtude do nascimento do bebê

"ASTROS" EM REVISTA

A vida dos "astros" e "estrêlas" do cinema e do teatro continua a servir de motivo do maior interêsse público, especialmente quando se trata de vidas de artistas ligados à famosa Hollywood.

Recentemente vários artistas cinematográficos estiveram ocupando os jornais e revistas do mundo inteiro, destacando-se os nomes de Gregory Peck, Barbara Stanwyck, Robert Taylor, Rita Hayworth, Ingrid Bergman, etc., cada qual motivando um acontecimento sensacional, atraindo a curiosidade pública.

Para que o leitor verifique o que ocorreu com vários dêsses heróis e heroínas do palco e da tela, aqui estampamos um **film** resumido de vários episódios.

★



Dois gêmeos filhos do "regista" teatral Peter Godfrey, em Hollywood, no dia do batismo, em Beverly Hills. Como padrinhos Barbara Stanwyck e seu esposo, Robert Taylor. Chamam-se Cristina e Caterina e estão orgulhosos



ANNA MAGNANI, nas vésperas de embarcar para Paris e Londres, de onde partiria para Hollywood, cim a intenção de posar no cinema norte-americano, serve de modêlo em Roma para alguns "tailleurs" no atelier do conhecido alfaiate Brioni. Ei-la a provar um dêsses casacos. Anna, apesar das ofertas, prefere continuar no teatro



CECILE SOREL, depois de longa ausência do palco, interpretou o papel de Celimene, do "Misantropo", de Molière, no teatro Mogador, em Paris. Cecili Sorel nasceu em 1873, e entrou para a Comédia Francesa em 1901. Conquistou a platéia francesa, dominou a européia e se tornou famosa. Em 1933 abandonou o palco pelo "music-hall"...



REBECCA, filha de Hita Hayworth e do seu primeiro marido, o ator e diretor cinematográfico Orson Welles, logo que estava iminente a "delivrance" da estrêla, foi também para Lausanne, a pedido de sua mamãe. Rebecca tem cinco anos e vive em Cannes. O pai, Orson Welles, pode fazer-lhe visitas, mas ainda não fêz uso dêsse direito



DANA ANDREWS, a quem o leitor não pode conhecer com êsse disfarce de Papai Noel, está aqui entre Dorothy Lamour e Glenn Ford, neste almôço em Hollywood. Todos os anos, os astros e estrêlas de Hollywood dão uma festa com finalidades caritativas e distribuem brinquedos e utilidades pelas crianças mais necessitadas daquele centro





LIDA BAAROVA voltou ao cinema e interpretará, na Áustria, um grande filme. A vida da atriz, depois de suas relações com Goebbels, tem sido movimentada e dramática. Ao fim da guerra, teve que trabalhar àrduamente nas ruas de Praga; em seguida, casou-se com um tcheco

★

PIERINO GAMBA, em Paris, no "Palais Chaillot", mais uma vez empolga o auditório dirigindo uma orquestra. Pierino Gamba é um rapazinho de doze anos e, nessa ocasião, vestiu, pela primeira vez, uma fatiota com calça comprida. Sua mamãe, Amedeia, lhe retoca a maqüilage

★

LAURENCE OLIVIER, o famoso artista britânico que empolga tôdas as platéias, no palco ou na tela, aparece aqui no papel principal do filme "Henry V", começando com uma visão do Teatro do Globo, onde Shakespeare representou pela primeira vez um dos seus dramas

★

NORMA SHEARER, justamente como é hoje. Ainda bela e elegantíssima. Consta que tenciona retornar ao cinema, do qual se afastou em 1942. Norma nasceu em Montreal, Canadá, a 10 de agosto de 1904. Seu grande caso sentimental foi o casamento com Irving Thalberg





CINE Rádio TEATRO

CINEMA



O sucesso maior de "Carnaval no Fogo" — um milhão e quatrocentos mil cruzeiros na primeira semana d exibições em um lote de cinemas do Rio — tanto pode ser um bem para o desenvolvimento da indústria nacinal do filme, como pode constituir um perigo. Será bom se os produtores, animados com êsse lucro certo, se mostrarem dispostos a elevar a classe do seu trabalho, investindo maiores somas de capital, em equipamento técnico mais apurado. E compreendendo que o público merece mais. Será prejudicial se, pelo contrário, satisfeitos com aquêle lucro, derem para marcar passo. A lei do menor esfôrço, a interpretação comodista de que o público não quer outra coisa senão "Carnaval no Fogo", a visão estrábica do lucro imediato, podem ser uma ruína.

O que está ocorrendo com o filme nacional vem a ser um fenômeno inevitável. Somos dos que não acreditam, tanto como se apregoa, na decadência do filme norte-americano. Quando muito, Hollywood atravessa um período de crise, da qual poderá safar-se quando menos fôr esperado. O filme italiano também está começando a cansar, talvez, porque a produção dessa origem que vem sendo mostrada no Rio, esteja mal selecionada, ou então porque os estúdios da Itália não vêem, com precisão, o perigo que os ameaça. O cinema francês há de ser sempre o que tem sido, um cinema para as "élites", sem preponderância de indústria, sem continuidade comercial. E o inglês, depois de um surto animador de apósguerra, deu para regredir.

Nessas emergências, o público brasileiro voltou-se com entusiasmo para a produção nacional, no que anda acertadíssimo. Acontece, porém, que as películas de gênero ligeiro, são as que maiores compensações financeiras estão dando. E se de um lado a Atlântida tira o melhor partido da situação, amparada por um circuito exibidor que se estende do Rio até o Norte, de outro pouco mais vemos de aproveitável. Paralisaram os estúdios da Cinédia e da Brasil Vita-Filmes. Não vingou a iniciativa de São Gonçalo. E outros cometimentos de ordem pessoal, tem grandes tropeços a vencer, começando pelas produções Fenelon, às turras com o circuito Severiano Ribeiro e não muito bem sucedidas com a tentativa de levar o ex-deputado Barreto Pinto para a condição de intérprete. Realmente, sua aparição em "Todos por um", não chegou a despertar no grande público a curiosidade que muitos esperavam.

E' verdade que de São Paulo nos chegam as mais risonhas esperanças, com o advento da Vera-Cruz e a presença de Alberto Cavalcanti no seu comando geral artístico. Oxalá os bons vaticínios se realizem, porque cinema no Brasil não pode cair no regime do exclusivismo de uma entidade, seja ela qual fôr.. E nosso receio é que a Atlântida, ao dar-se por satisfeita com os lucros de "Carnaval no Fogo", deixe de ir adiante, o que seria deplorável.

★

Mas ainda não é o caso para desanimar. O que resultaria paradoxal e triste, é que um sucesso financeiro tão vultoso como o do filme carnavalesco da Atlântida, em vez de ajudar, entravasse o clima alto de que precisamos para ter cinema de verdade no Brasil. Atentem seus responsáveis nessa grande verdade e tratem de melhorar o parque cinematográfico da rua Visconde do Rio Branco, de modo a corresponder às necessidades da indústria. E que seja indústria autêntica. Quanto à Vera-Cruz, aguardemos sem impaciência.



Oscarito, melhor em cinema do que no teatro

RADIO



Quando redigimos estas notas, os bastidores do rádio vivem alarmados com um mundo de consfas e boatos, cada qual mais espetacular. Fala-se, por exemplo, que a Nacional estaria em vésperas de sofrer modificações gerais na sua alta administração, com a substituição do atual superintendente. A confirmar-se a notícia, Vitor Costa passaria a ser o diretor-geral da E-8, processando-se, sem demora, uma reforma de seus elementos, alguns dos quais, de maior evidência. Admite-se, por exemplo, a saída de César de Alencar, que estaria sendo convidado a ir fazer seus programas de auditório, inegàvelmente dos mais populares no momento, em outros domínios — os da Tupi. Nêsse caso não seria absurdo supor que Heber de Bôscoli faria levar o Trem da Alegria para os altos do edifício de "A Noite", e com o trem, um mundo de novidades que pretende introduzir no seu programa êste ano.

Quanto à Tupi, aguardando a conclusão de seus novos estúdios e a inauguração do aparelhamento televisor, prefere ficar na expectativa, até mais ver. Mas também fará profundas modificações nos seus programas.

Anuncia-se que a Rádio Globo terá, em futuro não distante, novas instalações, saindo dos três andares do Edifício Sul-Riograndense, onde, aliás, não tem sido infeliz, para uma construção nova da Avenida Presidente Vargas. E ao mesmo tempo, será inaugurado o novo equipamento de 50 kw., com o qual a PRE-3 vai ficar em condições de ser ouvida, distintamente, em todo o território nacional.

★

E entre as notícias avulsas de maior interêsse para o público, surge a da visita que a cegonha vai fazer, daqui a poucos meses, ao lar do casal César Ladeira-Renata Fronzi. Vejam os senhores! Um dos elementos do nosso rádio, até dois anos atrás considerado solteirão impenitente e irremediável, aí está convertido, primeiro, e exemplar marido, e muito breve em pai extremoso... Quando Geysa Bôscoli se lembrou de ir buscar Renata Fronzi fora do Rio, para estrelar a sua companhia de revistas do Teatrinho Jardel, poderia esperar tudo, menos que, ao assinar o contrato, estivesse mandando vir para Copacabana a futura espôsa de César Ladeira e, já agora., a mãe de seu filho, que vai nascer breve.



Os Irmãos Tabajaras, índios que sabem tocar violão

Mas o mundo tem dessas coisas. E gente do rádio tem, também, direito à felicidade conjugal. Seduzidos pelo exemplo do ex-locutor da "Cidade Maravilhosa", sabe-se que alguns de seus colegas, não menos solteirões, estão dispostos a seguir o exemplo. Um deles — Manuel Barcelos, cujo matrimônio está fixado para breve, embora sem estar ainda divulgado o nome da noiva.

★

E falando em César — que há com a televisão? Em que ficaram os equipamentos já chegados ao Rio e São Paulo para as Associadas, bem como a emprêsa fundada com o concurso do locutor da Nacional?

Claro que desejamos televisão, quanto antes, no Brasil. Seremos o primeiro país do continente a possuí-la. Mas acontece que nos Estados Unidos ela é ainda uma fonte de prejuizos constantes. As maiores entidades televisoras norte-americanas contam com êsses prejuízos ainda por cinco ou dez anos, mas têm reservas financeiras para aguentar o repuxo. A publicidade pela televisão, sôbre ser bastante cara, não tem ainda a eficiência desejada. Pagar milhares de dólares para um programa que apenas cinco ou dez mil pessoas assistem, é dramático. E quem vai ter verbas dêsse quilate para anunciar nas televisoras brasileiras? E o que virá primeiro — a estação ou o aparelho receptor? E quanto custará êsse aparelho?

Paremos aqui mesmo. Que venha a televisão, amigos, mas não está sendo muito fácil.

TEATRO



As opiniões estão divergindo muito quando se trata de apreciar a deliberação de Bibi Ferreira, de fazer uma experiência no teatro musicado. Será mesmo experiência? — dizem uns. Desde que o êxito financeiro faça ato de presença, jamais ela voltará à comédia — e a comédia terá perdido uma de suas melhores e mais juvenis conquistas. Sucesso de bilheteria é o diabo para seduzir... — dizem êsses Outros, porém, admitem como atitude natural, sem piores consequências, essa incursão da filha de Procópio na revista. Se bem que Procópio, o "velho" Procópio pelas dúvidas passou de largo no convite e, mesmo enfrentando vários contratempos para reorganizar sua companhia e para embarcar rumo a Salvador, não aceitou a proposta que devia ser, pecuniàriamente boa. Alguém nos disse: — "E' uma pena. Atriz que se preza, comediante de valor intrínseco, jamais se submeteria a essa transigência.

Certo é que Bibi se sente à vontade, está ligando pouco ao disse-que-disse e deve estar estreando "Escândalos-1950", quando esta revista circular. O público dará a última palavra. A artista, e seu empresário — que é também seu esposo — Hélio Ribeiro, afirmam que tudo não passa de uma excursão transitória, pois ainda êste ano, se encontrarem teatro disponível, a aplaudiremos no gênero antigo. De resto, Bibi apareceu fazendo revista. Aos quatro ou cinco anos de idade, ainda um tiquinho de gente, surgia no palco do desaparecido Lyrico, pela mão do empresário Velasco, imitando as "estrêlas" espanholas Maria Cabalié e Rosita Rodrigo... Bem, mas tudo isso é velharia — saudosismo. Já passaram vinte anos e qualquer coisa. Mas em Portugal e mesmo na França, é comum ver comediantes de grande expressão interpretando revista. E o próprio João Villaret, considerado uma figura impar no teatro declamado lusitano, não se envergonha de cantar "couplets" e vestir roupas de fantasia, como sucedeu quando aqui esteve em fins de 48. Adelina Abranches fêz notáveis "rábulas" em revistas. E para não ir mais longe, também o nosso Fróis, já nome feito, de extraordinário prestígio, deu conta de uma revistinha carnavalesca no antigo Trianon e cantou — ou fêz o que pôde para cantar — a "Casa das Três Meninas", ao lado de Almeida Cruz, no Recreio.



Bibi dá um salto da comédia para a revista

De nossa parte não acreditamos que Bibi venha a se prejudicar com essa tentativa de agora. Por certo Chianca de Garcia há de apresentar um espetáculo bonito, à moda dos que tão bem sabe realizar, e o sr. Hélio Ribeiro é quem menos interêsse tem em jogar por terra o nome tão querido de Bibi.

Sejamos otimistas. Vamos aplaudi-la sem prevenção, na certeza de a vermos, mais cedo ou mais tarde, fazendo a comédia com o mesmo equilíbrio que se vinha fazendo sentir em sua mais recente temporada, no Regina.

★

De resto a estação de teatro vem prometendo. Reabrem-se as casas de espetáculos nesse animado fim de março e voltam os artistas mais favoritos do público aos seus domínios. Jaime no Glória, [illegible], onde pode ainda marcar época; [illegible] no Regina, mesmo sem Dulcina, com a peça de [illegible]; Eva no Serrador e Alda no [illegible] nos teatrinhos de bolso que já entraram nos hábitos da cidade. Pena não existirem também nas outras zonas, porque até agora, só do túnel para lá êles existem.

Não há quem se lembre de lançar um — por exemplo — na Tijuca? Era lucro certo, senhores homens de negócios.

TUDO ISTO ACONTECEU

EVITE FILHOS!

ESTAMOS caminhando para um estado de civilização verdadeiramente paradoxal. Todos os nossos economistas, todos os políticos e sociólogos recomendam amparo à família e defendem a dignidade humana como base desta mesma sociedade.

Mas, por outro lado, a vida se complica nos meandros da elevação do seu custo; crescem as dificuldades de habitação; agrava-se o problema do ensino, e os lares com muitos filhos sofrem as torturas da assistência escolar, médica e dentária para os menores. Há anúncios de hotéis, casas de cômodos, pensões e "vagas" que dizem taxativamente: "Não aceitamos crianças". Em face de tudo isso os que se casam, ou os que já são casados, abrem os olhos e procuram limitar os filhos, reduzindo a prole a umas tantas bôcas. Mas, em face da pequena porcentagem de imigração que recebemos, a política da redução de filhos constitui um perigo seríssimo para o nosso país. Com seus 8 milhões e seiscentos mil quilômetros de superfície, o Brasil precisa de gente, tem fome de braços e de cérebros e não pode caminhar como os jabotis ou as lesmas.

Que fazer? O govêrno está, evidentemente, a braços com terríveis problemas de antropogeografia. E quanto mais se passa o tempo, mais a coisa se abeira de abismos insondáveis. O certo seria que se fizesse a mais larga campanha de proliferação de famílias nacionais, amparando os seus elementos. Entretanto, registrou-se um fato surpreendente há poucos dias. Requereu um pai de família aumento de auxílio da L.B.A. em certo Estado, em virtude de ter nascido mais um filho. Foi atendido, porém com esta advertência: "Evite ter filhos. Só aumenta a prole quem pode".



O BINOCULO DE HOPKINS

O fôro dos Estados Unidos é rico de casos extravagantes e curiosos. Os casais daquele país, graças ao divórcio, apresentam os mais interessantes motivos para obter pensão ou separação de corpos.

Atualmente, dentre vários exemplos novelescos, está a correr seus trâmites legais a ação judicial promovida por Mrs. Florence Hopkins, espôsa de Kenyon Hopkins, contra o mesmo, por motivos que têm causado hilaridade. Mrs. Hopkins é uma senhora de pequena estatura e pouco pêso. Tem apenas um metro e cinquenta e seis centímetros de altura e cinquenta quilos de carne e ossos. Êle, o conhecido autor de arranjos musicais, pesa noventa quilos e tem um metro e oitenta e seis centímetros de alto!

Mas não é em virtude de tamanha desarmonia de portes e de banhas que o casal Hopkins perdeu a harmonia doméstica. Êles nunca brigaram por essas diferenças de tamanho e quilos. O caso é muito outro. A espôsa de Hopkins, como tôda mulher, é ciumenta e muito desconfiada. Kenyon, com sua profissão de arranjos musicais, está sempre em contacto com mulheres da arte e das malasartes teatrais e espetaculares, é claro. Sendo êle por muitos julgado um gênio, Mrs. Hopkins começou a desconfiar de certas genialidades famosas e fêz certos confrontos entre o marido e Goethe... O gênio alemão, apesar de velhinho, era doido por mulheres. Mrs. Hopkins começou a fiscalizar o espôso e descobriu que êle era também louco por elas. E foi mais além: descobriu que êle chegava a usar binóculo para observar mulheres quando estão mudando a roupa! Declarou ainda que êle gostava de beber e que manejava punhais... Por isso quer 150 dólares por semana e 1"500 dólares para pagar ao seu advogado...



O LEOPARDO DE OKLAHOMA

EMBORA o homem se intitule de "Rei dos Animais", muitas vêzes foge apavorado de um simples ratinho amável e inocente. E há mesmo pessoas de ambos os sexos que tremem de pavor diante de uma barata, de uma aranha, mêsmo sem tratar-se dessas repugnantes caranguejeiras, venenosas e perversas.

Dando-se balanço nessa vaidosa autodesignação de "Rei dos Animais" com que o homem se atribuiu, embora também divida com o sr. Leão as mesmas honras, vemos diàriamente que o ser humano só merece o título de rei para um fim: Rei da Confusão.

Vejam o que se passou na cidade de Oklahoma, nos Estados Unidos, com aquêle famoso leopardo fugido de um jardim zoológico, acossado pela fome. Logo que o bicho desapareceu, tôda a cidade se mobilizou armada até aos dentes para capturá-lo vivo ou morto. O leopardo não havia cometido delito algum. Apenas, sentindo fome, procurou lá fora o que comer. E isso é um direito natural... Apavorada a população durante três dias, período de tempo



em que esteve passeando o primo legítimo do leão, dos tigres e de outros semelhantes da família zoológica, teve alguém a lembrança de oferecer ao faminto leopardo umas refeições com dormideira. Dessa forma poderia ser novamente laçado e reconduzido à sua jaula.

E assim sucedeu. O bicho, vendo as postas de saborosa carne, devorou-as em minutos. Em seguida sentiu pesado sono, estirou as patas dianteiras, recostou a cabeça, fechou os olhos e passou a roncar o sono sôlto. Mas o "Rei dos Animais", o famoso homem, apesar de armado de metralhadoras, revólveres, lanças, machados, etc., acercou-se do animal inconsciente, com tôdas as precauções e o levou para a prisão. A população respirou aliviada. O captúrador teve o nome nos jornais. No dia seguinte, porém, verificou-se que o leopardo era cadáver...



MÃOS AO ALTO! **Sim, mãos ao alto, mas calças... Bem, com as calças tudo mudou de figura. A cena ocorreu em um restaurante movimentado de Nova York, altas horas da noite, quando o movimento decrescia. Três malandros entraram furtivamente e, de revólveres em punho, intimaram os quatro garçons indefesos a se desfazerem da mais importante peça de suas indumentárias. Mal comparando, os garçons andaram imitando aquela famosa pose muito nossa conhecida... Depois êles foram ainda obrigados a erguer os braços, colando-se à parede, enquanto a "caixa" do estabelecimento — que se vê na gravura cobrindo o rosto, escandalizada — era por sua vez intimada a lhes entregar a féria da noite. (E ainda bem que a intimação para a moça ficou por aí mesmo...) Sem maiores receios, os patifes saíram do restaurante calmos, tal como entraram, levando consigo a ninharia de trezentos dólares. Claro que êsse flagrante foi reconstituído mais tarde, para a polícia...**

CONTRA DISCURSOS

NADA mais insuportável do que o discurso arrastado, cheio de lugares-comuns e, ainda por cima, de elogios cavilosos. Essas peças oratórias vêm a público nos banquetes, recepções de caráter político, em manifestações de subalternos que desejam agradar os seus superiores hierárquicos.

Mas isso, caríssimo leitor, não é apenas entre nós, brasileiros. Por todo êsse mundo de meu Deus lavra a pandemia verborrágica. Em face da moléstia que é humana, dois cientistas do Hospital Michael Reese, de Chicago, inventaram um aparelho elétrico providencial. Trata-se de uma espécie de aparelho de rádio, de pequeno volume, dotado de mostrador e de uma lâmpada bem visível no cocoruto. Quando um orador sobe à tribuna ou pede a palavra, o mostrador lhe indica o tempo de que vai dispor. Digamos que ficou convencionado ser o tempo de dez minutos. O Demóstenes festeiro começa a falar. Quando faltarem uns dois minutos para terminar seu prazo, o aparelho faz sinal com uma lanterna vermelha que pisca, como quem diz: "É bom parar...". Se o homem chega ao limite e o ultrapassa, o aparelho emite uns sons como de quem reclama. Depois disso, entra em cena uma cigarra barulhenta interrompendo o orador e forçando sua retirada da tribuna. Os inventores dessa nova ampulheta gritadora disseram que o engenho disciplinador dos oradores insuportáveis já foi usado com grande êxito e que está despertando muito interêsse em todos os meios de Chicago. Mas, se viermos a importá-los, recomendamos aos fabricantes que aumentem seus dispositivos com um martelo mecânico. Nossos oradores daquela espécie só se calarão com uma fratura de crânio!

EPILOGO DE UMA FARRA

NARRA-NOS um telegrama de Nova York para a imprensa do Rio um dos casos policiais de maior sensação ocorrido no Texas nestes últimos tempos, do que resultou o assassínio de Louis Patterson, de 34 anos, proprietário em Brady. Tudo girou em tôrno de uma farra com bebedeiras à base de cigarros de maconha, vício muito divulgado em certas regiões do Texas.

Duas moças, Loretta F. Mozingo e Sandra Peterson, saíram a passear com Louis em seu carro. Loretta estava armada, ou porque possuísse revólver, ou porque se houvesse apoderado da arma de fogo do galã que as conduzia. Depois de comerem e beberem, retomaram o carro e saíram a gozar a vida sem maiores preocupações. Em dado momento, Sandra e sua amiga se desavieram e a primeira empurrou a outra. Dêsse duelo mais ou menos inocente, resultou que Loretta caísse fora do auto.

Indignada com a vitória da rival, levantou-se deu ao gatilho, esgotando tôda a carga do revólver. Resultou dessa "revanche" um tanto exagerada a morte de Louis Patterson. Vendo o camaradão morto, trataram elas de fazer as pazes e dividir o resultado do espólio. Deram busca nos bolsos da vítima, levando-lhe todo o dinheiro que tinha então, uns cinquenta dólares, bem como o automóvel. Pouco depois foi o corpo descoberto à margem da estrada e a polícia não tardou em prender Sandra, acusada por Loretta. Mas Loretta acabou também nas grades. No dia do julgamento também confessou sua participação como principal autora e declarou que Sandra estava sob o efeito tóxico da "marijuana", causando sensação. Mas ambas vão para a cadeira elétrica...

★

TRÁGICO ENGANO

O fato ocorreu a 3 de março na cidade de Oklahoma, Estados Unidos. Em certo apartamento se manifestou incêndio com grossas nuvens de fumo. Os bombeiros acudiram pressurosos e entraram em ação. Bob Coley, um dos soldados do fogo, tendo salvado uma senhora, esta lhe disse, entre chôro convulso e gritos de angústia, que sua filhinha de nome Carolyn, com dois anos de idade, estava num dos quartos do apartamento e morreria sufocada se não fôsse retirada de lá com urgência.

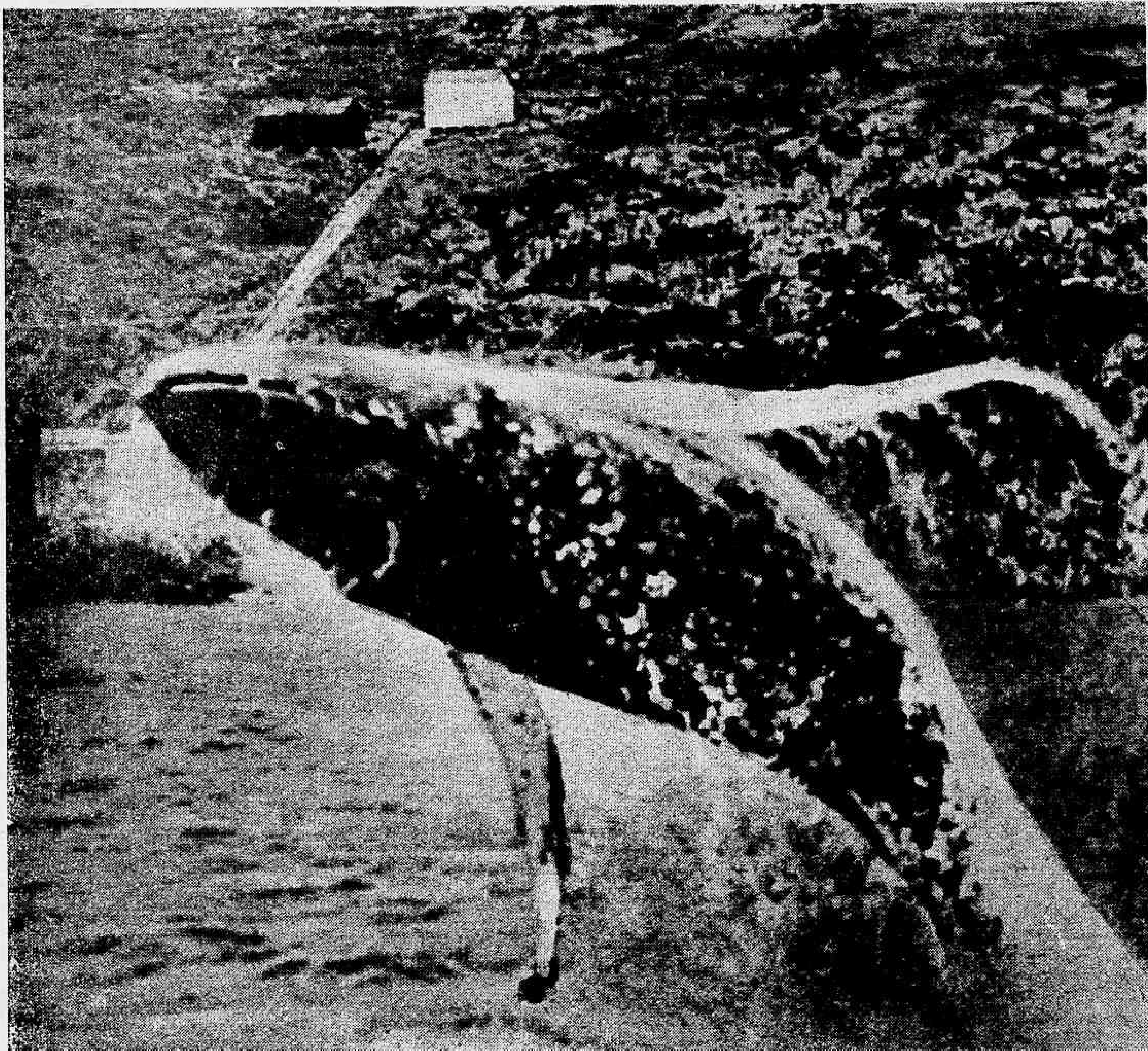
O bombeiro correu para o local indicado. O fumo era espêsso e êle teve que entrar de gatinhas no aposento da criança. Viu um leito de criança e um corpinho tenro envolvido em lençol. Agarrou o que lhe pareceu a menina Carolyn e ràpidamente resguardou do incêndio, trazendo para fora, ao encontro da mãe aflita.

Mas... que surprêsa trágica! O que o bombeiro trouxera sã e salva fôra a boneca de Carolyn! Verificado o engano fatal, voltou Bob Coley ao apartamento envôlto em



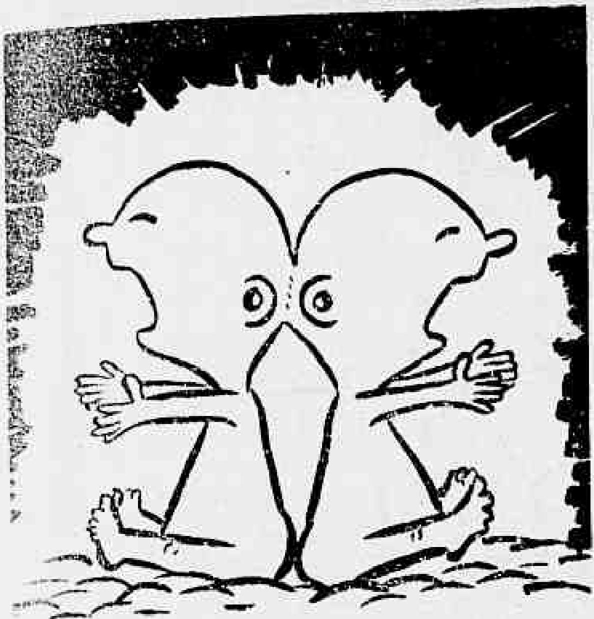
fogo e fumo e penetrou no quarto da criança, protegido com máscara. Agarrou o corpinho da menina e o entregou à mãe sufocada pelas lágrimas. Estava morta.

O bombeiro revelou então êste detalhe: quando viu o vulto envôlto em lençóis num berço de criança, não teve dúvidas: devia tratar-se da menina. Essa dúvida ainda mais se desfez, passando a parecer realmente que se tratava de Carolyn, quando ergueu o corpinho da boneca e ouviu que a "criança" parecia dizer qualquer coisa, assim como voz de bebê. Naturalmente era uma dessas bonecas que dizem "mamãe" e que sabem chorar. E por essa causa a verdadeira criança morreu asfixiada. E a boneca se salvou.



O SALTO DA BALEIA

Isto que se vê na gravura é um flagrante sensacional obtido de bordo de um navio de pesca, ao largo de Capo Brett (Nova Zelândia), quando uma baleia de quinze metros de comprimento, pesando algumas centenas de quilos, dava solene salto por sôbre as águas, coisa que dificilmente acontece. Os tripulantes do barco passaram por um bom susto, correndo o perigo de imediato naufrágio; mas, dotados de boa dose de coragem e resistência, empenharam-se a fundo na pesca do terrível mamífero dos mares, hábil em natação — e o capturaram duas horas mais tarde. O pescador que acumulava as funções de fotógrafo-amador deu-se por satisfeito com o flagrante obtido e ganhou, de prémio, dois litros de azeite.



ANTES A MORTE

NADA mais venturososo para um casal do que ver o lar enriquecido por um filho. Um, dois, três ou mais, trazem sempre alegria e júbilo aos pais, mesmo quando se trata de família pobre a lutar contra adversidades. Infelizmente, porém, nem sempre a natureza em seus íntimos recônditos vem em auxílio dos casais que formam prole. Qualquer distúrbio biológico na formação embriológica dos sêres no ventre materno causa a formação de certas monstruosidades que a teratologia classifica como desvios da ordem natural. E' famoso o caso das irmãs siamesas nos começos do século XIX, quando vieram ao mundo unidas pelo peito. Também no Brasil se verificou um caso dêsses, mas já sob as características de xifopagia, ou seja o nascimento de germes unidos pela região do apêndice xifóide até a altura da zona umbilical.

O caso brasileiro apaixonou a população nacional e interessou a ciência médico-cirúrgica do mundo, uma vez que as ligadas foram operadas por um médico brasileiro, dr. Prevost, morrendo uma e salvando-se a outra.

Agora vem à luz da publicidade um fato de gêmeos nascidos pegados um ao outro, mas pela cabeça, pelo ocipício, mantendo-as voltadas em direções opostas. Ambas as crianças têm tôdas as funções normais, chorando, comendo, movendo-se, fazendo as demais funções normalmente. Mas, naturalmente, não poderão viver assim. E' preciso operá-las. Seu pai, Erskine Smith, afirma que, se não fôr possível separá-las, prefere vê-las mortas. Mrs. Smith não sai de junto das recem-nascidas e lamenta o caso, embora as olhe com a ternura dos olhos maternais. Tudo isto aconteceu em Wyard, Austrália, em começos de março de 1950.



MONSTROS MARINHOS

SABE-SE que a maior profundidade do oceano é de uns nove mil metros, rivalizando, em sentido inverso, com as mais altas montanhas do mundo; mas o que ainda ninguém pôde saber é de que se compõe tôda a fauna das profundezas dos mares.

Segundo os naturalistas, paleontologistas e demais analistas dos fenômenos da vida e de suas origens obscuras, o protoplasma que formou a primeira célula nasceu no mar. Para provar essa teoria, dizem os cientistas que o nosso corpo encerra nada menos qeu três quartas partes de água, e água salgada. Com essa descoberta êles querem provar que a célula primitiva, o primeiro ser dotado de vida, com o seu meio albuminoso, de hidratos de carbono e gorduras e o respectivo núcleo ao centro, teve sua origem nas águas oceânicas. De transformação em transformação, essa célula primitiva chegou aos animálculos de formação mais elevada, aos vermes, aos peixes, aos anfíbios, às aves, etc., etc., até ao **homo sapiens**, ao rei da natureza. Tudo proveio do mar, de um ser infinitesimal e monocelular, gelatinoso e sem maiores ambições do que a de chegar a ser um homem decente. Mas, em verdade, tudo não passa de teoria. De quando em quando os sábios ficam embatucados diante de certos "documentos" da espécie orgânica que o mar nos envia para nossa recreação.

Foi o que sucedeu ùltimamente com um bicho absolutamente desconhecido, que deu à praia num balneário das costas do Mar Vermelho. O monstro marinho tem uns treze metros de comprimento, a conformação física da baleia; mas sua garganta de três metros de largura e uma bocarra desprovida de dentes afastam a idéia de trtar-se de baleia. Que bicho será êsse? Até agora ninguém o pôde classificar.

MISTÉRIOS DO HIMALAIA

DESDE que os geógrafos disseram que os picos da cordilheira do Himalaia são os mais elevados do mundo, com o famoso Gaurisancar na liderança ao lado do Everest, não faltaram audazes alpinistas prontos a escalar as montanhas eternamente cobertas de neve e castigadas pelos ventos gelados do Indostão. Até agora já morreram nessas tentativas frustradas, umas trinta pessoas; mas continua o homem a desejar obter a glória suprema de conquistar o ponto culminante da cumieira do mundo. Uma forma de vaidade, apenas. Durante a última grande guerra foi o cimo do Gaurisancar transposto, mas de avião, por esquadrilhas inglêsas. Só assim foi possivel ver o pico misterioso da misteriosa cadeia de montanhas. Entretanto, de avião não vale. O que resolve é o pé humano.

Ao sair êste tópico deve estar a caminho dos picos mais elevados do Himalàia um grupo de alpinistas chefiados pelo engenheiro Maurice Hertzog, de trinta e um anos de idade e cheio de audácia. Ao todo a caravana conta com nove pessoas, havendo dois engenheiros, incluindo o já citado e o restante de várias profissões, todos franceses. E' interessante acrescentar que, entre os mesmos, vai um alfaiate. Não sabemos o motivo por que êsse artista se entusiasmou tanto pela escalada da montanha perigosa e traiçoeira. A profissão de alfaiate é uma das mais descansadas e pacíficas dêste planeta.

A alma do alfaiate é tôda ela voltada para a elegância do corpo humano metido em seus panos; é uma profissão artística e repousada, indene a êsses arroubos de conquistas tão elevadas. Só mesmo diante do calote é que os alfaiates se inflamam, embora terminem com um suspiro de resignação. Que vai fazer, pois, êsse alfaiate no Himalàia? Será para cortar as mortalhas dos outros?

OU CORTA OU SAI

CORRE os trâmites legais no fôro da cidade de Marselha, na França, uma questão judiciária bastante interessante. Trabalhava em grande loja daquela cidade, exercendo a profissão de manicura, uma francesinha simpática de nome Morgantin. Mas, por uma questão de gôsto, Mlle. Morgantin usava cabelos compridos e isso contrariava a estética do patrão, o dono do estabelecimento, que, para decidir a divergência de gôsto capilar entre êle e ela, disse-lhe um dia: "— Mlle; ou corta os cabelos ficando **à la garçonne**, ou está despedida".

Mlle. Morgantin não aderiu à moda dos cabelos curtos e continuou com sua cabeleira vasta e bela, poética e romântica. Mas o patrão não teve dúvidas: despediu-a por êsse motivo.

A ex-empregada não concordou com a violência do empregador e bateu às portas da justiça marselhesa, pedindo uma indenização pelo prejuízo que lhe dera o chefe da firma em que cortava e brunia unhas dos clientes. O caso, porém, não é muito fácil, segundo acham os juízes. Êles estudam o episódio sob vários pontos de vista e até agora não acharam nada na lei francesa que proteja Mlle. Morgantin e os seus lindos cabelos compridos em relação às exigências do patrão que se acha no direito de manter bem frequentada sua casa de elegâncias. Muitos advogados já foram ouvidos, tanto os contrários à jovem da cabeleira como os seus defensores; examinam os autos e analisam a coisa à luz exegese do Direito. E, como há no processo muitas fotografias de mulheres com cabelos curtos e compridos, os juízes estão demorando o julgamento perfeitamente deslumbrados... E ninguém quer botar as unhas de fora nesse caso da manicura!



ANEDOTAS PELO TELEFONE

AS tristezas da última grande guerra têm causado suicídios, desarmonias, mal-entendidos, dissensões entre famílias, aborrecimentos e emigrações. Mas, para compensar, deu inspirações ao sr. Herbert Buschenhenke, residente em Hamburgo, e que acaba de ter a luminosa idéia de fundar a mais original e útil agência urbana de que há memória na Alemanha e em qualquer outra parte do mundo, inclusive os imaginativos Estados Unidos da América do Norte.

Êsse sr. Buschenhenke inaugurou em fevereiro último um estabelecimento que transmite pelo telefone a anedota do dia. Sim, senhores, a anedota do dia. Ou uma outra qualquer pela qual se interesse o seu cliente. Quem não gosta de ouvir uma engraçada anedota? A inovação dêsse hamburguês vai ter imitadores em todo o mundo, e ninguém se assuste se a primeira agência de anedotas depois dessa de Hamburgo surgir no Rio.



Uma pessoa está triste, amolada com a alta dos preços das tinturarias, ou com a falta de transporte, ou com a chuva que não quer mais parar. Vai ao número telefônico da agência para contar anedotas e disca o número. No outro lado da linha uma voz amável pergunta o que deseja. O cidadão responde que está muito aborrecido e deseja rir um pouco com a última. Então uma pessoa anônima entra em cena. Sua voz é engraçada, tem um "quê" de cômico e risível. E lá vem a anedota. De papagaio, de cachorro, de gente, de esportismo, de política — enfim, uma anedota verdadeiramente engraçada. O cidadão recebe êsse banho de hilaridade, desopila o fígado e retoma os seus afazeres cotidianos mais bem-humorado, eufórico...

Vamos! Quem vai instalar uma Agência de Anedotas?



NA IGREJA DE SAO PEDRO

Certamente o leitor assistiu, no cinema, ao documentário sôbre a inauguração das solenidades do Ano Santo em Roma, quando S.S. o Papa, na véspera do Natal, batia com um martelo de ouro e prata, três vêzes, na Porta de São Pedro, que imediatamente se abria. Aqui está o martelo então manejado pelo Pontífice, vendo-se ao lado a pá-de-pedreiro também usada nessa faustosa cerimônia, ambos construidos pelo escultor Aurelio Mistruzzi com a colaboração do engenheiro Arnoldo Brandizzi. Pá e martelo foram então guardados para repetir a soleuidade dentro de outros vinte e cinco anos, quando, em 1975, será comemorado novamente o Ano Santo.

BUENOS AIRES VISTA DE PERTO

"Hall" do Hotel Nogaró, em Montevidéu. São 20 horas e há um mundo de hóspedes, valises, malas-armário. Uns aguardam o vapor para Buenos Aires, outros o avião que seguirá para a Europa, via Rio. Uma senhora morena, cabelos bem negros, 50 anos bonitos e bem tratados, está ao lado de um industrial louro, que ela nos apresenta como advogado e seu marido. No entanto as revistas argentinas dizem que o cavalheiro em aprêço é apenas um rico importador, noivo de Sofia Bozan.

Quem é Sofia Bozan? E' a senhora em aprêço. "Estrêla" de revistas, cantora popularíssima na Argentina. Sofia trata de ser ouvida por nós.

— Vim a Montevidéu a passeio.

— Afastada do teatro?

— Absolutamente. Um artista não pode descansar?

— Não só pode como deve. Mas...

— Já sei. Eu lhe explico tudo. Vou reaparecer no Maipo em meados de março. Enquanto março não chega, espaireço.

— Um pouco de sua carreira artística...

— E' muito conhecida. Também o Brasil me conhece.

— Quando esteve lá?

— Em 1943, no Cassino de Copacabana. Fui contratada por quinze dias, mas acabei ficando dois meses.

— A maioria dos artistas teatrais de sua terra trabalha em cinema. Também a senhora?

— Também. Meu primeiro filme foi feito com o saudoso Gardel. Por sinal que o maior intérprete mundial de tangos argentinos não era argentino. Nascera em Toulouse, França.

— Conhece Dulcina?

— Vi-a fazer "Chuva" apenas uma vez, em Buenos Aires, e não pude esquecê-la. Cheguei mesmo a apresentar uma imitação da sua grande patrícia, numa das revistas do Maipo.

— Dulcina representou bem em castelhano?

— Perfeitamente. Sua pronúncia era um tanto vagarosa, parecendo a de uma inglêsa. Mas tem muito talento, tanto assim que está contratada, por mais seis meses, pela mesma emprêsa do Astral.

— O teatro argentino atravessa crise?

— Não me parece. O que acontece é que o Govêrno desapropriou, para alargar a Diagonal Norte, mais de dez teatros. E como estamos em pleno verão, o senhor só achará, agora, funcionando em Buenos Aires vinte teatros. Mas não fale em crise teatral. Há dezesseis anos que eu estrelo companhias teatrais e isso me dá certa autoridade para opinar.

★

Como se diverte o habitante de Buenos Aires? Formidàvelmente. Adora o teatro, as "boites", as corridas de cavalo e o futebol. E' verdade que o futebol está em crise. Como a Colômbia paga seus jogadores em dólares, em virtude de suas boas relações com os Estados Unidos, a maioria dos jogadores sul-americanos está indo para lá. A própria Argentina já pagou o seu tributo, cedendo-lhe Vicente De La Matta, Oscar Sastre, Cervino, Pedernera e tantos outros.

— E o teatro?

— Tome nota dos que estão funcionando, a quinze cruzeiros a poltrona: Avenida, Astral, Nacional, Maipo, Smart, Grand Splendid, Argentino, Colon e mais uns quinze.

— O Colon também?

— Bem, o Colon, aproveitando o verão, emprestou seu corpo de baile ao bairro de Palermo, onde atua tôdas as noites, ao ar livre, a três pesos a cadeira de frente, dois a do meio e um pêso as localidades mais afastadas. Isso dá, em moeda brasileira, respectivamente, seis, quatro e dois cruzeiros. Ora, assistir a óperas inteiras e bailados pelo corpo oficial do Colon, que apresenta nomes como Sara Cesar, Pedro Mirassou, Alvaro Bandiul e Tatiana Leskowa, por seis cruzeiros, é muito bom...

— E as "boites"?

— Tomemos um exemplo qualquer. La Goyesca, que é uma simples confeitaria, nos baixos de um prédio da Calle Sarmiento, por quinze cruzeiros oferece-lhe uma mesa, um refrigerante e um espetáculo variado com humoristas, cantoras espanholas, bailarinas, músicos excêntricos, etc. Êsse "show" dura hora e meia.

— Quais os artistas de La Goyesca?

— Variam de quinze em quinze dias, pois na variedade é que reside o interêsse.

Cheguei de lá agora e assisti ao trabalho de Edith Palomero, bailarina morena, muito bonita; de Martha de los Rios e seu conjunto de músicos paraguaios; de Don Pelele, um humorista que não ri mas executa solos de gaita como gente grande. Há ainda Pedrito Quartucci, que trabalhou em inúmeras fitas argentinas; a voz bonita de Elza Miranda, que cantou o samba-canção "Caminhemos" em português, inglês e castelhano, e Miss Elma, equilibrista, número aliás banal, mais indicado para circo.

— E o bailado espanhol?

— Bem, o comércio é um fato. A colônia espanhola em todo o Prata é uma potência. E' necessário contentá-la. Por isso há, em qualquer espetáculo, grande número de recitadores (lá êsse gênero é muito apreciado), bailarinos como Hurtado de Cordoba, cantores flamengos como Miguel de Molina, primeira figura do Teatro Maipo, cantores como Rafael Camacho e outros.

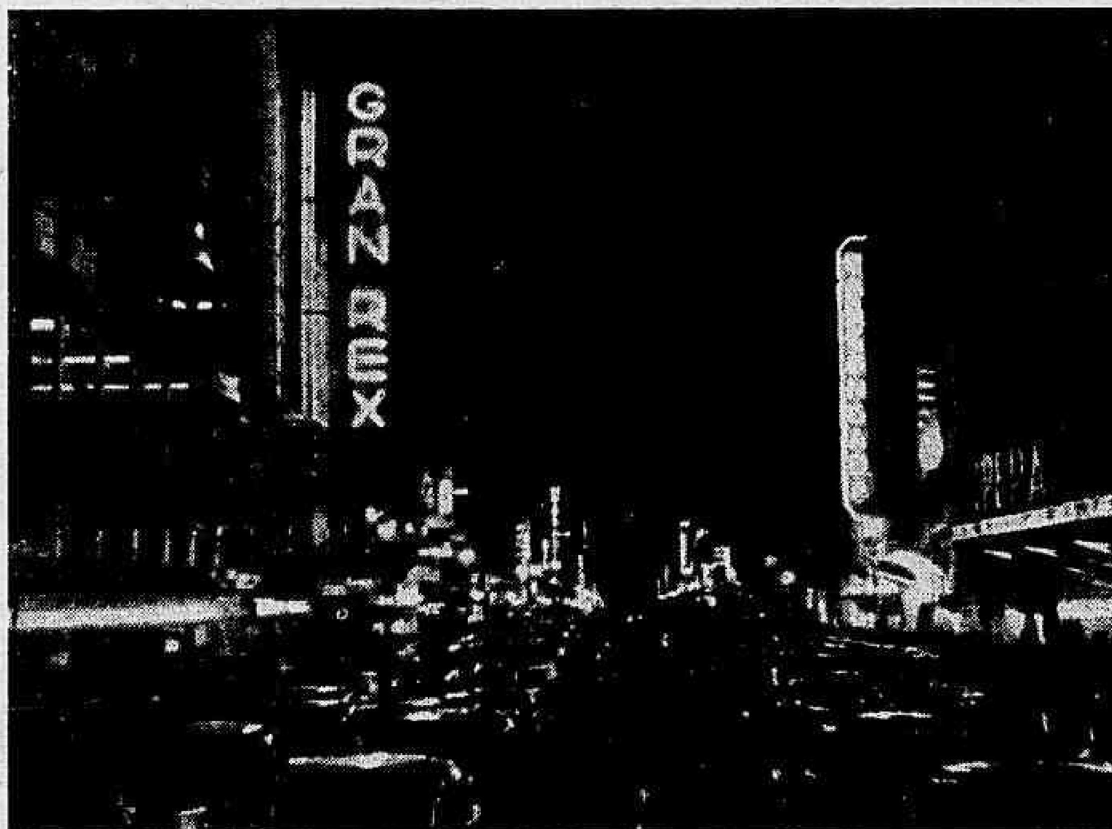
★

Interessante é o contrôle nos teatros.

Em Buenos Aires é proibida a reserva de lugares teatrais pelo telefone.

— Como se faz, então?

— Muito simples. Todos os teatros são obrigados a exibir, à vista do público, um quadro com furinhos correspondentes às lotações do edifício. Uma espécie daqueles paus em que se vendiam pirolitos à garotada, há anos. O espectador chega (com grande antecedência, para obter bons lugares, de vez que os teatros, bons ou maus, vivem repletos), consulta o quadro e escolhe exatamente o lugar que lhe convém. Letra F, cadeira n.º 2, por exemplo. Assim, mata-se o trabalho nojento dos cambistas, praga que o Rio conhece muito bem. Aliás no Rio há uma agravante: o cambista trabalha quase ao lado do bilheteiro, mas cobrando sempre uma comissão nunca inferior a 20%. Uma bandalheira completa e com muitos sócios, às vêzes dentro da própria emprêsa!



Restam as corridas de cavalos. Fomos vê-las em Palermo e S. Isidro, mas ainda há um terceiro prado.

Palermo, num sábado, regorgitava. Calor africano. Gente por todos os cantos.

As arquibancadas grãfinas custam onze pesos por pessoa. As populares, que se compõem de cinco lances colossais de cimento armado, valem quatro pesos. Joga-se, no mínimo, dois pesos num "ganhador", que equivale à nossa "ponta".

Irineu Leguisamo, nome que foi um cartaz, já não é o tal entre os jóqueis, pois está beirando os cinquenta anos. O jóquei mais cotado é Artigas, bridão chileno.

No dia em que visitamos Palermo, o resultado não compensou para os apostadores. O cavalo que deu mais não passou de 34 cruzeiros por apostador. E Leguisamo fêz "forfait" à última hora. O calor lembrava o Rio. Mas por um cruzeiro e vinte tomava-se agradável refresco de café, limão e gêlo. Aliás, no interior de muitos teatros são vendidos sorvetes e doces, nos intervalos. O argentino gosta de comer tarde, mas come bem e muito. Antes de doze e meia ninguém almoça, pois a maioria do comércio só abre às nove. O chá é servido a qualquer hora do dia e sempre bem acompanhado (por guloseimas ou por criaturas sublimes). Antes das 8 o "comedor" não se abre para o jantar, que às vêzes se prolonga até meia-noite. Em resumo: Às três e quatro da madrugada as Calles Corriente e Lavalle, que correspondem à nossa Cinelândia, ficam tão repletas quanto a nossa avenida Rio Branco ao meio-dia. O povo ama a vida, os teatros e as ruas. Seria o povo ideal para as grandes reportagens de João do Rio, se ainda vivesse.

PAULO FABIO

NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

E as normalistas voltaram (João Alvarenga) 4/7
Brasil, êsse desconhecido (Geraldo Palmeira) 12/15
Ingrid Bergman — santa ou pecadora? (Sabino Canallini) 16/21
Deus, Brasil e Maranhão (Carlos Duarte) 24/27
Terra de Trabalho e Fartura (Celestino Silveira) 28/32
Violão — arte séria (Armando Pacheco) 34/35

LITERATURA

Semana Literária (Edmundo Lys) 10/11
Mudança (Cleonice Rainho Ribeiro) 23
Astúcias de Mulher (Marise Santos) 36

HUMORISMO

Bom-Humor 22
Praia... (Nicodemus) 33
Ainda que pareça incrível (Théo) 50

FEMININAS

Sôbre o amor (Lyse) — Plissês e Pregas 37
Cabeças e plumas 38
Intimidade 39
Vestidos bordados 40
Noites de gala em Hollywood 41
Week-End na Cozinha ... 42/43

ATUALIDADES

O Grande Dia 3
"Astros" em Revista 51/53
Buenos Aires vista de perto (Paulo Fábio) 58

SEÇÕES PERMANENTES

Semana em Revista — Personagem da Semana 8
Puxe pelo cérebro 45
A Saúde do Bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) 46
Música (Roberto Lyra Fº) . 48
Cine-Rádio-Teatro (C.S.) . 54
Tudo isto aconteceu 55/57

FOLHETIM

Marion não quer casar ... 49

★

FOTOS: Arnaldo Vieira
Geraldo Palmeira
Celestino Silveira
Avulsas.

★

ILUSTRAÇÃO: M. Queiróz.

★

NA CAPA:
Jurema Marques
(Foto Geremia)

Puxe pelo cérebro

RESPOSTAS AO TESTE

1 — Cacho de uvas.
2 — Patmos.
3 — Doze (Júpiter, Netuno, Plutão, Marte, Vulcano, Apolo, Mercúrio, Juno, Vênus, Ceres, Minerva e Diana).
4 — O criador da homeopatia (1789).
5 — No Estado de Goiás.
6 — No Brasil (22%).
7 — Hparco (mais de um século antes de Cristo).
8 — Simplificado.
9 — Três (Y, W, K).
10 — 1862 (31.3).
11 — Local em que foi encontrada (Ilha grega).
12 — A Zacharia Jansen (um holandês, 1590).
13 — Indivíduo de cabeça pequena.
14 — Letra do alfabeto grego (a 18ª).
15 — Simum.
16 — Doutrina filosófica sôbre os atributos de Deus.
17 — Rua dos Ciganos.
18 — Português.
19 — Otmar Mergenthaler (1876).
20 — Dromedário.



Mobiliários e Decorações

Orçamentos e sugestões **Grátis**

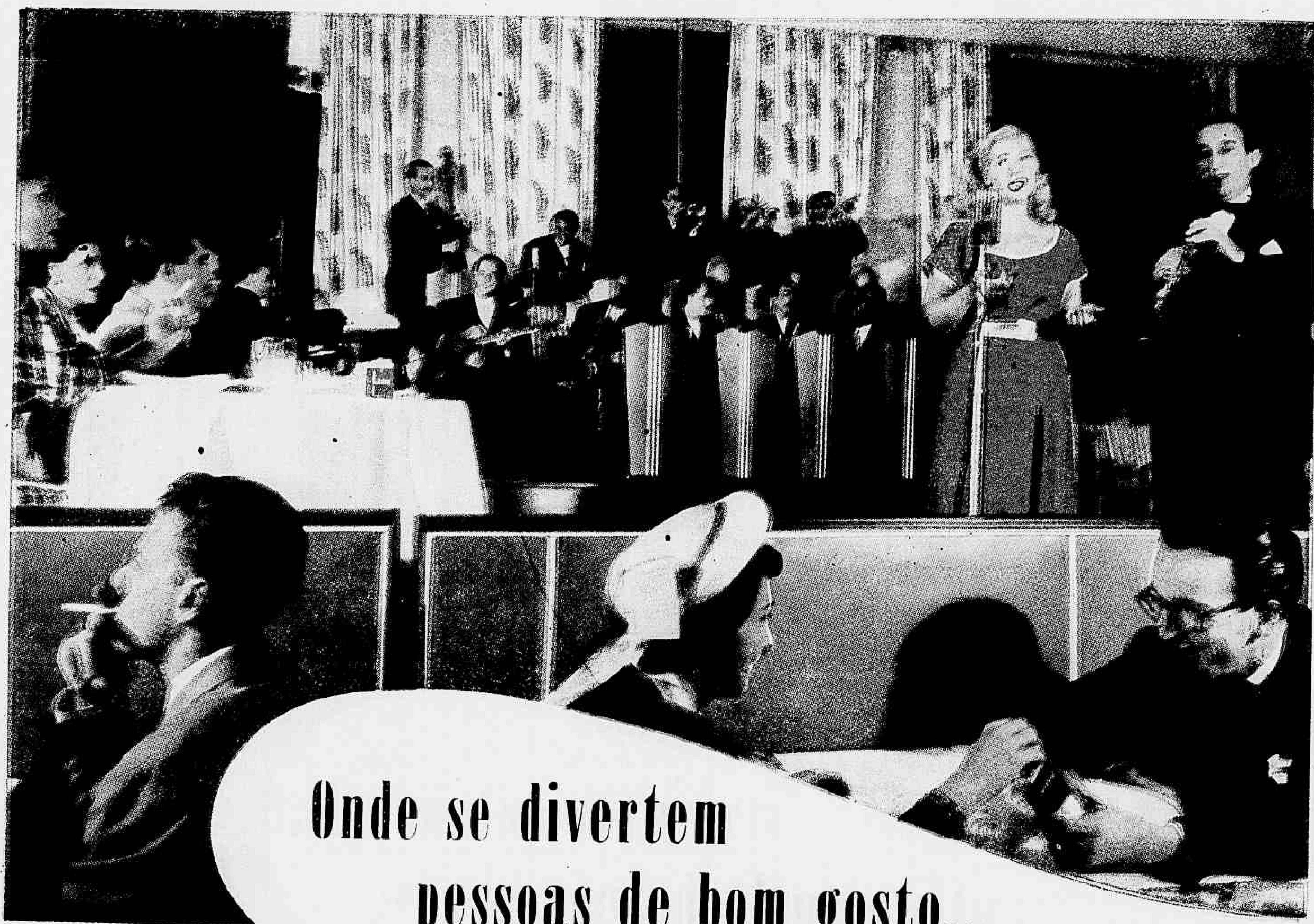
Tapetes e Passadeiras de todo o mundo, fabricados especialmente para a







65 RUA DA CARIOCA 67 ★ RIO



Onde se divertem pessoas de bom gosto...

A boite do Hotel Excelsior, animada pela magnífica orquestra de Zacharias, é um dos mais elegantes centros de reunião da sociedade paulista.

aí se encontram os cigarros Hollywood

Chegou a hora do *show*... mas, para apreciá-lo melhor, acenda um Hollywood — o cigarro que dá mais realce às horas de lazer e faz passar mais rápidas as horas de trabalho. Pela suavidade toda especial..., resultado dos fumos escolhidos e combinados com acerto, Hollywood é, de há muito, o cigarro-tradição da sociedade brasileira. Entre também para o grupo elegante dos que fumam Hollywood.



cigarros
Hollywood
uma tradição de bom gosto

Companhia de Cigarros **SOUZA CRUZ**